



CIÊNCIAS DA NATUREZA



ATHENEUS
coleção acadêmica

Willie Maurer

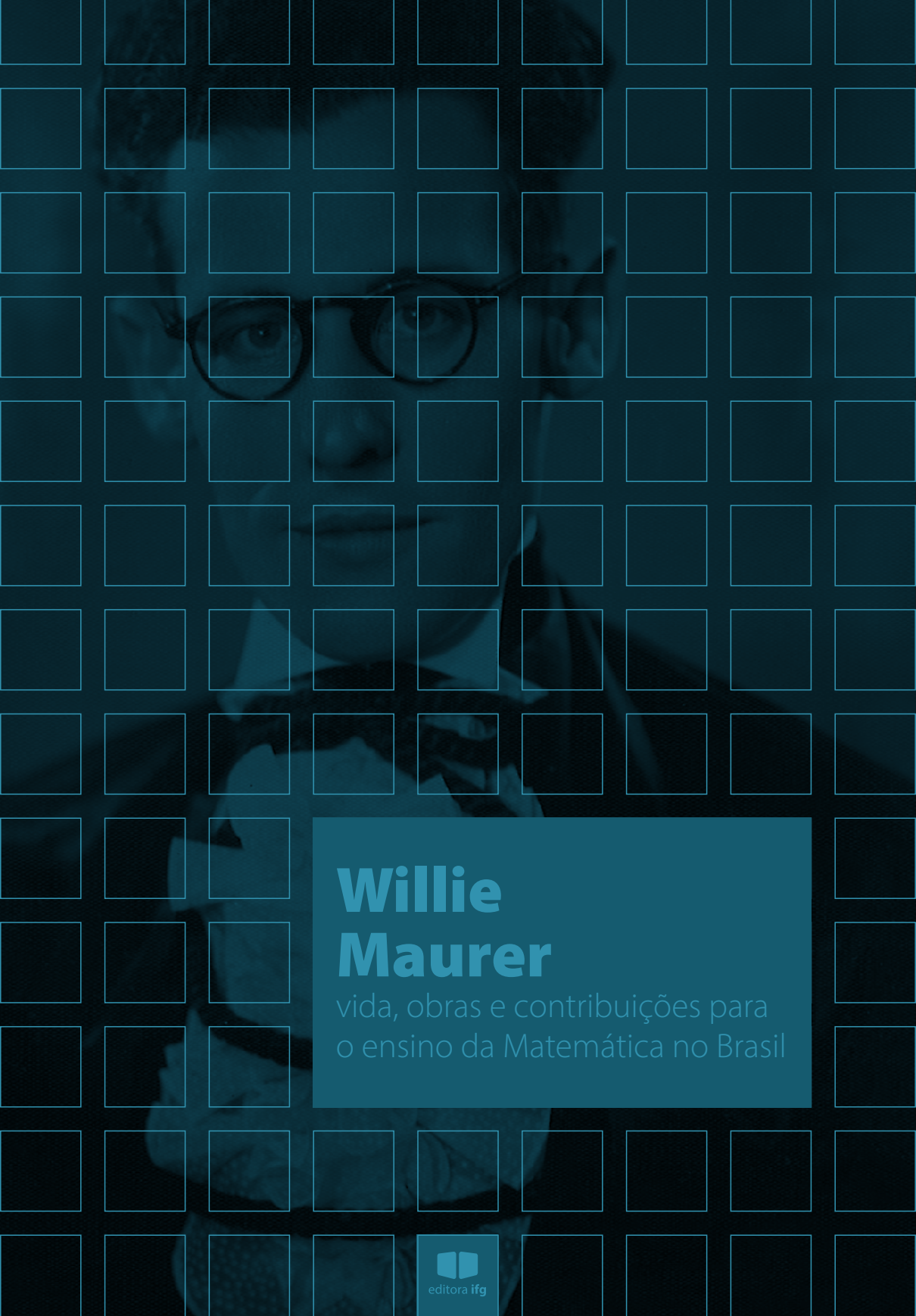
vida, obras e contribuições para
o ensino da Matemática no Brasil

GLEN CÉZAR LEMOS



editora ifg

NESTE LIVRO,
são reconstituídas a história
do professor/educador Willie
Maurer e suas contribuições
para o ensino de Matemática
no Brasil. Apresenta-se o
resultado de uma investigação
aprofundada a respeito da
dimensão pessoal e profissional
desse professor/educador no
contexto social, identificando
suas produções, tanto as
publicadas quanto as não
publicadas, e mapeando
os desdobramentos de sua
atuação profissional por meio
da análise de documentos
pessoais e institucionais,
fotografias, publicações e
entrevistas. Pretende-se que
este livro divulgue para a
comunidade acadêmica quem
foi Willie Maurer, compondo
uma forma de homenagem,
reconhecimento e divulgação
do trabalho por ele realizado.
Espera-se também que possa
servir de referência para
trabalhos cuja temática abranja
a formação de professores.

A portrait of Willie Maurer, a man with glasses and a mustache, is the background of the cover. A grid of white squares is overlaid on the image. A teal rectangle is positioned in the lower right area, containing the title and subtitle.

Willie Maurer

vida, obras e contribuições para
o ensino da Matemática no Brasil



CIÊNCIAS DA
NATUREZA

Willie Maurer

Vida, obras e contribuições para
o ensino da Matemática no Brasil

GLEN CÉZAR LEMOS



editora ifg

ISBN 978-65-99089-71-8

© 2020 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L557w	Lemos, Glen Cézar Willie Maurer: vida, obras e contribui��es para o ensino da matemática no Brasil/ Glen Cezar Lemos. -1.ed. - Goiânia: Ed. IFG, 2020. 176 p. (coleção acadêmica). ISBN 978-65-99089-71-8 1. Willie Maurer – biografia. 2. Willie Maurer- história. 3. Educa��o matemática. 4. Ensino da matemática. I. Lemos, Glen Cezar. Título CDD 925.1
Cataloga��o na publica��o: Maria Aparecida Andrade de Oliveira Tsu – CRB1/1604	

Instituto Federal de Educa  o, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP 74270-040

(62) 3237 1816

editora@ifg.edu.br

Sumário

Prefácio	7
Introdução	11
1. História e biografia	13
Fontes históricas	23
Entrevista	25
Fotografia	29
Documentos históricos	31
Autobiografia	34
2. A vida de Willie	35
3. As obras de Maurer	73
Livros publicados	73
Livros não publicados	76
Discursos	78
Artigos	82
4. Contribuições a instituições e ao ensino da Matemática	85
Contribuições ao ensino da Matemática no estado de São Paulo	85
Contribuições ao ensino de Matemática no estado de Goiás	91

Considerações finais	107
-----------------------------	------------

Anexo

Acervo fotográfico e documental sobre a trajetória de Willie Maurer	111
---	------------

5. Referências	171
-----------------------	------------

Entrevistas	174
-------------	------------

Prefácio

Começo este prefácio com uma referência a um poema de Bertolt Brecht para caracterizar a atuação do professor Glen Cézar Lemos na história da Matemática e da Educação Matemática de Goiás: os homens imprescindíveis são aqueles que lutam a vida toda. Além de ter contribuído para a formação de alunos nos diversos níveis de nosso ensino em sua vida acadêmica, com seu valioso trabalho diário como professor do Instituto Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, ele produziu, com sua tese de doutorado, aqui transformada em livro, uma preciosa síntese dessa história, apresentando a gênese de uma geração de professores de Matemática.

Considero sua pesquisa de doutorado um ato político, que se posiciona em defesa da Educação Matemática de nosso estado e, tendo como núcleo a vida e a obra do professor Willie Alfred Maurer, descreve fatos que nos ajudam a entender o movimento histórico dessa área do conhecimento.

O projeto de escrever sobre a vida do professor Maurer era antigo e foi aventado por outros professores. A efetivação do trabalho, contudo, exigia disciplina, fôlego, tempo e motivação. No ano de 2005, no VI Seminário de História da Matemática, promovido em Brasília pela Sociedade Brasileira de História da Matemática, manifestei a intenção de realizar esse trabalho quando expus o pôster intitulado “Willie Alfred Maurer, vida e obra”. Na ocasião, notei que a pesquisa não seria fácil por perceber que o desvendamento de fatos importantes relacionados ao Maurer requereria uma investigação profunda, a qual implicaria um preparo teórico específico, além da busca por informações que não estavam concentradas em um lugar apenas.

Durante meu doutoramento no câmpus de Rio Claro/SP da Universidade Estadual Paulista, conversei com o professor Irineu Bicudo sobre a possibilidade de orientar o professor Glen Cézar Lemos no desenvolvimento dessa pesquisa. Com a aceitação do professor Irineu, tudo se acertou de-

pois de um encontro entre nós. Assim, no ano de 2010, o professor Glen se transferiu para Rio Claro após ter sido aprovado no processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do referido câmpus.

Muitas vezes, o historiador, por sua opção política, toma como tema central a história dos grandes vultos, como se fossem heróis isolados. No caso da História da Matemática, muitos ressaltam os feitos dos grandes matemáticos. Diferentemente do que se pensa, esse tipo de atitude reforça um caráter seletivo que há muito vem sendo cultivado, inclusive no discurso de vários professores de que a aprendizagem da Matemática é para poucos. O estudo apresentado neste livro se opõe a essa tendência e descreve a história de um homem que lutou até seus últimos dias para democratizar o ensino e divulgar o conhecimento matemático para seus alunos e colegas de trabalho.

A história deste livro emergiu de diversos documentos cedidos pela família Maurer, de entrevistas com amigos que tiveram longa convivência com o professor Willie, das palestras proferidas por ele, dos seus livros, das reportagens publicadas e dos registros de sua atuação profissional em diferentes instituições de ensino. Um árduo trabalho que demandou do professor Glen tempo, perseverança e paciência para conformar a compreensão da trajetória de Willie Maurer.

O estudo mostra que a história do professor Maurer, sob muitos aspectos, foi parecida com a nossa: uma história de luta em busca da democratização do ensino e da pesquisa em Matemática de Goiás. Vejo como se fosse um espelho da própria vida do professor Glen, que tem sido dedicada ao ensino e à pesquisa nessa área, conforme sua possibilidade de ação, com uma atuação política de forte impacto social na direção de uma Educação Matemática eficiente, um fato relevante para o desenvolvimento científico de nosso estado e de nosso país.

A história revela que Maurer foi um escritor cuidadoso de didática apurada nas explicações teóricas dos diversos livros de Cálculo e de outras temáticas elaborados por ele, os quais foram adotados nas mais influentes escolas e universidades brasileiras. O relato também nos mostra que

foi fundador do curso de Matemática da Universidade Federal de Goiás e professor influente do Departamento de Matemática da hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde trabalhou até o limite de sua saúde. Esses dois cursos, os mais antigos de formação de professor de Matemática do estado de Goiás, têm como fruto uma geração de professores qualificados, que se dedicam a ensinar o conhecimento científico dessa área.

Por isso, o livro do professor Glen tem uma importância para o resgate de nossa memória, que agora fica registrada, contada de acordo com suas impressões. O que revela essa narrativa? Nada mais nada menos que a necessidade de intensificar nossa coletividade e de nos unirmos cada vez mais, em busca de uma educação matemática libertadora. A história do professor Willie Maurer, assim como a nossa, é, de fato, a história de um herói resistente na construção de uma Educação Matemática compromissada com a democracia, que planta e replanta sementes no coração de gerações de estudantes.

Este livro revela, portanto, a história de dentro para fora, enfatizando a verdadeira realidade nua e crua das dificuldades que enfrentamos no dia a dia escolar e mostrando que o professor vencedor é aquele que proporciona a seus alunos a possibilidade da vitória. Afinal, só se vence na vida se todos vencem.

A formação de um professor de Matemática não é uma tarefa fácil. Sobre isso, gosto de parodiar Euclides da Cunha: “O professor é, antes de tudo, um forte”. Quando olho para a história de meu amigo Glen, é isto que vislumbro: a história de superação de inúmeras dificuldades, enfrentadas para atingir o objetivo de um dia ser um professor qualificado. Sua história de vida tem o signo da solidariedade, o qual potencializou o ensino-aprendizagem e a capacidade de seus alunos de pensar matematicamente. Considero marcante sua influência na fundação do curso de Matemática do Instituto Federal de Goiás, como professor e pesquisador, o que podemos ver na sua dedicação, seja na atuação em aula, seja na condição de gestor e pesquisador institucional.

Finalizo este prefácio rendendo minhas homenagens ao valioso trabalho desenvolvido pelo professor Glen César Lemos para a Educação Matemática de Goiás, dedicando-lhe o poema de Bertolt Brecht que recitei

na sua defesa de doutorado, como membro de sua banca, em Rio Claro/SP. Esse poema revela a concepção de história que está contemplada no seu trabalho. Nestes anos de luta, o professor Glen se tornou um operário letrado, como todos nós, professores de Matemática, deveríamos ser.

PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO LETRADO

*Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhou os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
Quantas perguntas.*

Bertold Brecht

Duelci A. de F. Vaz

COORDENA O NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (NEPEM/IFG)

GOIÂNIA, SETEMBRO DE 2019.

Introdução

Neste livro, são reconstituídas a história de um professor/educador e suas contribuições para o ensino de Matemática no Brasil. Para tanto, apresenta-se o resultado de uma investigação aprofundada a respeito da dimensão pessoal e profissional desse professor/educador no contexto social, identificando suas produções, tanto as publicadas quanto as não publicadas, e mapeando os desdobramentos de sua atuação profissional por meio da análise de documentos pessoais e institucionais, fotografias, publicações e entrevistas. A exposição se desenvolve, assim, como foco em duas vertentes: o homem e sua obra.

O Grupo de Pesquisa em História da Matemática (GPHM) tem se dedicado à história de instituições e de pessoas que participaram, de modo significativo, no desenvolvimento da Matemática no Brasil. Desse modo, ao associar a História à Educação Matemática, entende-se que “a Matemática não se limita a um sistema de regras e verdades rígidas, mas é algo humano e envolvente” (BARONI; TEIXEIRA; NOBRE, 2004, p. 167), o que possibilita a pesquisa de personagens históricas como Willie Alfredo Maurer.

Johann Gustav Droysen (1863 *apud* LORIGA, 2011, p. 14) escreveu, em 1863, que, se chamássemos A o gênio individual, a saber, tudo o que o homem é, possui e faz, então esse A seria formado por $a+x$, em que a conteria tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época etc. e em que x representaria a sua contribuição pessoal, a obra da sua livre vontade. Ao abordarmos o A correspondente a Willie Maurer, daremos especial ênfase ao pequeno x , tomando por base a reflexão destes autores: Burke (1991, 2000, 2002, 2008), Chartier (2009), Chizzotti (1991), Dosse (2009, 2012), Ginzburg (1991), Loriga (2011), Minayo (1996, 1993), Pinsky (2009, 2011), Poupart (2010), Revel (1998), entre outros.

Pretende-se que este livro divulgue para a comunidade acadêmica quem foi Willie Maurer, compondo uma forma de homenagem, reconhecimento e divulgação do trabalho por ele realizado. Espera-se também que possa servir de referência para trabalhos cuja temática abranja a formação de professores.

História e biografia

A biografia, uma das primeiras formas de história, depois das dos deuses e de homens célebres, retém cada vez mais a atenção dos historiadores, embora uma geração devotada a abordagens quantitativas e economicistas a tenha visto, até a metade do século XX, sem ignorá-la de todo, como um gênero convencional e ultrapassado.

A Antiguidade grega e romana contou com importantes biógrafos, assim como a Idade Média e a Renascença. Entretanto, o termo biografia só apareceu no século XVII, para designar, como descreve Sabina Loriga (2011), uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida. Conforme a autora, uma reflexão biográfica se desenvolveu sobre dois eixos ao longo do século XVIII: interessou-se, de um lado, pela vida de santos e reis e, de outro, pela história de poetas, soldados e criminosos.

No século XIX, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”, imortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio integrado por ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares, entre outros símbolos.

A biografia assimilou-se à exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato. Foi a época de ouro de historiadores renomados como Taine, Fustel de Coulanges e Michelet, autor de excepcionais retratos de Danton a Napoleão. (DEL PRIORE, 2009, p. 8).

Na década de 1920, na França, surge um movimento rumo a um “novo tipo de história”, conduzido por Marc Bloch e Lucien Febvre, professores da Universidade de Estrasburgo.

A revista fundada por eles, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fez críticas implacáveis a historiadores tradicionais. A exemplo de Lamprecht, Turner e Robinson, Febvre e Bloch, opunham-se ao predomínio da história política. Ambicionavam substituí-la por algo a que se referiam com uma “história mais ampla e mais humana”, que abrangeria todas as atividades humanas e estaria menos preocupada com a narrativa de eventos do que com a análise das “estruturas”, termo que, desde então, se tornou o preferido dos historiadores franceses da chamada “Escola dos *Annales*”. (BURKE, 2002, p.30).

Ao longo do século XIX, a História, aos poucos, se separou da Literatura e adquiriu autonomia. Nesse período e no início do século XX, a história acadêmica desamparou o gênero biográfico. Segundo Dosse (2009), foi o momento do eclipse da narrativa, enterrada junto com a história factual. Ao minimizar a história política, diplomática, militar ou eclesiástica, que evidenciava o indivíduo e o fato, a Nova História, nascida dos *Annales* nos anos 1960, optou por privilegiar o fato em todas as suas dimensões: econômica, social, cultural e espiritual. Para Jacques Revel (2002 *apud* DOSSE, 2009, p.196), o estatuto da biografia “perdeu o caráter de evidência que teve durante longos séculos”.

Dosse (2009) assevera que, quando os historiadores preferiram rejeitar os ídolos individuais e os recortes cronológicos dados pelo tempo de uma existência, escritores se tornaram, então, os grandes biógrafos, por exemplo: Guy de Pourtalés, Gide, Michel de Leiris, André Maurois, no mundo literário francês, e Lytton Strachey e Antonia Fraser, no anglo-saxão. A maior parte das biografias era acrítica e lançava suas raízes no terreno dos romances históricos. Elas correspondiam a um público ávido de fatos históricos, de acontecimentos sensacionais ou de enigmas insolúveis como o caso do “colar da rainha” ou o das “famílias de Napoleão”.

Quando a biografia parecia estar definitivamente abandonada, alguns autores como Richard Hoggart, Oscar Lewis e Danilo Montaldi retomaram-na desejosos de dar a palavra àqueles que a história desprezara.

É precisamente nessa óptica, tão distante da abordagem tradicional da história política, que se dissipou pouco a pouco a desconfiança para com

a dimensão individual. Esteja ela ligada à memória dos marginais, dos vencidos e dos perdedores, ou ainda daqueles que, mais simplesmente, não contaram (na esteira da história oral, dos estudos sobre a cultura popular e da história das mulheres), a reflexão biográfica progressivamente retornou em toda historiografia. (LORIGA, 2011, p. 212).

Nesse contexto, numerosos historiadores passaram a refletir sobre a noção de indivíduo, sobre as trajetórias pessoais, sobre a ação humana dotada de sentido e intencionalidade. Começaram, assim, a operar um discreto retorno à biografia. Jacques Le Goff, um dos representantes da Escola dos *Annales*, foi autor de imponente e notável biografia, a de São Luís (DOSSE, 2012).

Entretanto, somente na terceira geração dos *Annales* é que os historiadores se distanciaram das abordagens mais quantitativas da história para trabalharem em uma história mais antropológica. Essa terceira geração surge em um contexto marcado pelos efeitos da revolução cultural de 1968 sobre o conjunto da historiografia mundial. Seus representantes definiram uma historiografia voltada ao estudo de temas culturais, com profunda descontinuidade quanto aos *Annales* anteriores.

Nas décadas de 1970 e 1980, a história política, depois de um longo período no limbo, retomou um lugar de destaque no quadro da renovação historiográfica relacionada à chamada “crise” geral das Ciências Humanas. Crise essa que foi pautada pela falência dos sistemas globais de interpretação e dos paradigmas dominantes provenientes do Marxismo e do Estruturalismo, ou seja, pelo declínio radical das teorias e dos saberes sobre os quais a História havia escorado seus avanços nos anos 1960 e 1970, como bem enfatiza Chartier (2009). Foi a partir da década de 1980 que se chegou ao fim da rejeição à biografia histórica. Dosse (2009) define esse período como a idade hermenêutica, na qual o gênero biográfico passou a objetivar a unidade dominada pelo singular. Essa singularidade tanto legitimou a retomada do interesse pela biografia como também tornou mais reflexivo o sentido do gênero.

Sartre (1983 *apud* DOSSE, 2009, p. 230) afirma que a biografia já não se mostrava retrospectiva, mas prospectiva, prenunciadora do futuro:

“Não é mais o ‘depois’ do vivido, sua reconstituição mais ou menos penosa por um pesquisador escrupuloso e atento, mas seu comunicado, seu programa”. Desse modo, abriram-se novas perspectivas para o gênero biográfico, que passou a internalizar o externo e exteriorizar o interno e a proporcionar a articulação de elementos singulares à unidade de uma pessoa.

Nesse momento hermenêutico, o gênero biográfico tornou-se mais reflexivo e já não procurava mais fazer o real falar diretamente e saturar seu sentido. O biógrafo sabe que o enigma sobrevive à sua tentativa e, de maneira mais modesta, aspira apenas a criar um efeito de vivência, do mesmo modo como Roland Barthes dizia que a história “criava um efeito de real”. (DOSSE, 2012, p. 143).

O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional, entre outros aspectos. O historiador deveria focar naquilo que condicionava esse indivíduo a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo.

Em 1986, a possibilidade de colocar a biografia em questão ganhou espaço com um amplo debate entre historiadores e sociólogos. Nesse momento, foi publicado o texto “L’illusion biographique”, em que Pierre Bourdieu criticava as Ciências Sociais pela subjetividade de biografias históricas baseadas na ilusão própria ao senso comum, “como uma criação especiosa, fruto de uma pulsão narcísica” (LORIGA, 2011, p. 215). Essa crítica ao relato biográfico, longe de afastar o interesse de historiadores, desafiou-os, convidando-os a pensar a biografia sob um novo ângulo, diferente do que se observou ao longo do século XX, quando o contraste entre o individual e o social se fixou em duas situações: uma em favor do indivíduo e outra em favor do coletivo.

O sociólogo Ferrarotti (1988) observa que a aplicação do método biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico como método autônomo de investigação. Segundo o autor, o interesse pelo debate sobre esse método, crescente nos últimos anos, responde a uma dupla exigência: de um lado, à necessidade de renovação metodológica e, de

outro, à demanda por uma nova antropologia, em razão dos apelos vindos de vários setores para aprimorar o conhecimento sobre a vida cotidiana.

As teorias sociais voltadas para as explicações macroestruturais não davam conta dos problemas, das tensões e dos conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana, mostrando-se, portanto, “impotentes para compreender e satisfazer esta necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual” (FERRAROTTI, 1988, p. 20). Nesse contexto, o método biográfico apresentou-se como alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, entre a história individual e a história social.

Dosse (2009) esclarece que, influenciada pela produção italiana dos anos 1980, a discussão historiográfica da segunda geração dos *Annales* abriu outra frente de trabalho. Nessa época, nascia uma coleção da editora Einaudi, dirigida por Carlo Guinzburg, Edoardo Grendi, Carlo Poni e Giovanni Levi, intitulada *Microstorie*. Ao longo da década, essa editora e as obras por ela publicadas ajudaram a consolidar os conceitos desta que passou a ser uma importante abordagem: a Micro-História, que, contudo, não se resumiu ao que está presente nessa coleção de livros. Pelo contrário, adquiriu certa autonomia e passou a apresentar características singulares a cada estudioso que a utilizou, tanto por sua proposta interdisciplinar quanto por sua constituição como método.

Surgida sob a influência dos *Annales*, a Micro-História foi um dos exemplos mais convincentes de oposição aos métodos tradicionais de investigação e à concepção corrente da História, a História dos grandes feitos. Seu desenvolvimento favoreceu até um rompimento com as tradicionais barreiras disciplinares, abrindo espaço para a pesquisa interdisciplinar. Conforme Burke (1991, p. 11), as diretrizes dadas pelos *Annales* propunham,

em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas da história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras.

Preocupada com a problematização mais nítida do objeto de investigação, especialmente em relação às hierarquias e aos conflitos sociais, a Micro-História trouxe à luz importantes biografias extraídas dessa nova prática historiográfica. Enredos ilustrativos desse tipo de narrativa seriam o clássico *O queijo e os vermes*, de Carlo Guinzburg, cujo personagem é um moleiro friulano, Domenico Scandella, conhecido por Menocchio; a história de *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis, que narra a trajetória de um impostor que se faz passar por marido de uma camponesa do sul da França, e *A herança imaterial*, escrita por Giovanni Levi.

Nessas obras, ficam evidentes algumas das características que, de fato, distinguem a Micro-História da História das Mentalidades: a ênfase nos conflitos de classe, a despreocupação com os contextos amplos e a longa duração, com renúncia à história totalizante. A Micro-História se preocupa com o tempo significativo de fatos, ações e representações que cercam o indivíduo.

Sob esse prisma, a reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, sem problemas e sem máculas, mas de examinar os atores célebres ou não, como testemunhas, como reveladores de uma época.

A Micro-História nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Ela pode ter, nesse ponto, valor de sintoma historiográfico. (REVEL, 1998, p. 16).

A descrição micro-histórica tem como objetivo registrar uma série de acontecimentos ou fatos que, de outra forma, não seriam notados e que podem ser interpretados por sua inserção num contexto mais amplo. Tem-se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação que possa dar voz a personagens que nem sempre estão em evidência nesse contexto.

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado através de vários indícios, sinais e sintomas.

Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico. (LEVI, 2011, p. 156).

A Micro-História tende a envolver-se cada vez mais com o privado, o pessoal, o vivido. Mostra ainda mais a representação de indivíduos, pequenos grupos e suas identidades, delimitadas pelas experiências de vida, visando essencialmente, de acordo com Levi (2011, p. 139), à redução da escala de observação, em uma análise microscópica, com base em um estudo intensivo do material documental. Compõe-se, dessa forma, um procedimento analítico que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado. Esse método consiste, principalmente, em reduzir a escala de análise da investigação para, em seguida, estabelecer um jogo entre a dimensão detalhada do enfoque de pesquisa e a escala ampliada do contexto social que lhe atribui sentido e que é enriquecido com as novidades provenientes da microanálise. Assim, a volta a uma história global não pode ser separada da reflexão sobre as variações de escalas na história, como observa Ricoeur (2000 *apud* CHARTIER, 2009, p. 54): “em cada escala, vemos coisas que não se veem em outra escala, e cada escala tem sua própria regra”.

A perspectiva da Micro-História, segundo Ginzburg (1991, p. 177), mediante “uma escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia, procurando indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula”, o que significa perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através dela, ou seja, busca analisar o todo a partir das partes.

Por meio de uma metáfora, Burke (2002) pontua que, quando o micro-historiador examina uma gota d’água para enxergar algo do oceano, seu objetivo não é enxergar o oceano inteiro através de uma simples gota d’água.

A ideia é que, embora não seja possível enxergar a sociedade inteira a partir de um fragmento humano, será possível, dependendo do problema abordado, enxergar algo da realidade social que envolve o fragmento examinado. Com base em ilustrações como essa, Levi (2011) assevera que a Micro-História lida com o fragmento como meio pelo qual pretende analisar uma questão social mais ampla ou um problema histórico ou cultural significativo. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua descrição densa, cujo objetivo é

registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social. Essa abordagem é bem-sucedida na utilização da análise microscópica dos acontecimentos mais insignificantes, como um meio de se chegar a conclusões de mais amplo alcance. (LEVI, 2011, p. 144).

Nessa perspectiva, a Micro-História permite um enriquecimento da análise social, tornando-a complexa ao levar em conta aspectos inesperados. Para Levi (2011), o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica se baseia na crença de que a análise microscópica revelará fatores previamente não observados.

A Micro-História tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral. (LEVI, 2011, p. 160).

Nesse sentido, a biografia não é mais a história de um indivíduo isolado, mas a história de uma época vista pela perspectiva de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Ele ou eles não são mais apresentados como heróis, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de sua vida torna mais palpáveis, deixando mais sensível a significação histórica geral de uma experiência

individual. Sobre isso, Loriga (1991 *apud* DOSSE, 2009, p. 258) defende o ponto de vista da pluralidade na biografia:

O discurso histórico tende a excluir o singular e a perceber o indivíduo apenas como representante de uma categoria (social ou cultural). Ele não busca tomar os indivíduos como elementos típicos de uma experiência comum; ao contrário, o material biográfico se torna a base privilegiada para reconstituir até o contexto histórico.

Segundo Le Goff (*apud* DOSSE, 2009), a introdução do gênero biográfico na história atual é um instrumento útil e suplementar usado pela história cultural. É uma maneira “de continuar a fazer história por outros meios”, como explicou o historiador quando interpelado sobre suas pesquisas para os estudos de São Francisco de Assis e, depois, de São Luís, rei da França.

Para Dosse (2009), Le Goff é o melhor exemplo do que propunham os historiadores franceses ao reinventar a biografia. Na tradição do espírito dos *Annales*, ela deve se instaurar por uma “questão” e se formular como um caso de “história-problema”. Como toda narrativa de vida, ela precisa se submeter a uma cronologia de fatos, mas, contrariamente à vida e ao destino, é “uma construção feita de acasos, hesitações e escolhas” que permitem ao biógrafo escapar à ilusão biográfica acusada por Bourdieu. “A biografia só me atrai quando posso — e foi o que aconteceu no caso de São Luís — reunir em volta do personagem documentos capazes de esclarecer uma sociedade, uma civilização, uma época” (LE GOFF, 2003 *apud* DOSSE, 2009, p. 277).

Essa abordagem causou interesse por ultrapassar a oposição entre história narrativa e história estruturalista, incentivando o encontro de estruturas por outro recorte. A biografia desfez também a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O indivíduo não existe só. Ele só existe numa rede de relações sociais diversificadas. Em sua vida, convergem fatos e forças sociais, assim como suas ideias, suas representações e seu imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence. A biografia

permitiu, então, a abordagem histórica pelo foco num indivíduo, seja ele ilustre ou desconhecido. Wachtel (2001 *apud* DOSSE, 2009) reitera que isso é possível, pois os destinos individuais estão situados em diversas redes que se cruzam: a casa e a família, o espaço regional, o universo espiritual, os fatos de uma época.

Segundo Le Goff (1996 *apud* DOSSE, 2009), a biografia individual ou coletiva implica o estudo de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos que representam uma classe social, uma profissão, uma fé ou crença, desde que se defina, previamente, a estrutura social a que pertencem. Pode-se igualmente examinar a maneira pela qual as crises de um indivíduo complexo refletem as tensões de uma época, e como as soluções pessoais do conflito fazem eco às transformações de uma cultura, apropriando-se ou impregnando-se delas.

Assim, o indivíduo é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época. Seu percurso ilumina a história por dois ângulos distintos: um, explícito, pela iniciativa voluntária do observador que propõe uma análise da sociedade na qual o personagem está inscrito, e o outro, implícito, avaliado no percurso do personagem que ilustra, por sua vez, as tensões, os conflitos e as contradições de um tempo, todos essenciais para a compreensão do período. Neste caso, o indivíduo encarna, ele mesmo, tais tensões (DOSSE, 2009).

Dosse (2009) afirma que, como escritor de biografia, o historiador se dirige a um público que aguarda uma narrativa de acontecimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos interpretados. A estrutura do gênero biográfico apresenta, assim, uma característica essencial: os eventos contados pela narrativa do historiador provêm de documentos e não da imaginação.

Nesse campo, o estudo de um pequeno evento, circunscrito historicamente no tempo e no espaço, como é o caso da história de vida de Willie Maurer, permite a compreensão, numa análise em escala microscópica, de uma realidade mais ampla. A fim de compor essa Micro-História, a pesquisa pode ser realizada utilizando os vários tipos de fontes.

Fontes históricas

Influenciados pela historiografia dos *Annales*, os seguidores da Nova História, na segunda metade do século XX, abarcaram, em seus estudos históricos, as mais diversas fontes, como a literatura, as imagens ou a cultura material. Esse fator modificou e ampliou significativamente o conceito de fontes históricas, que passaram a ser entendidas como registros do passado ligados diretamente aos estudos, como o cotidiano, o imaginário, a alimentação, as tradições, entre outros. No entanto, os documentos escritos não perderam seu valor, mas passaram a ser reinterpretados partindo de técnicas interdisciplinares.

As fontes históricas se constituem no material do qual os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para formularem seus discursos históricos. Nas últimas décadas, essas fontes foram definidas como vestígios de diversas naturezas deixados por sociedades do passado.

Assim, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis. (NAPOLITANO, 2011, p. 240).

Quando o historiador trabalha com uma fonte histórica, produz determinadas interpretações sob a influência de seu presente, buscando compreender o significado de tal fonte e identificar a representação de mundo do indivíduo ou do grupo em estudo, a partir de outros textos, de elementos diversos inscritos em uma historicidade específica, contextualizada. As fontes são, nesse sentido, artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidade dos grupos que as originaram. Assim, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79) pode ser considerado como fonte histórica.

No processo de elaboração das verdades evidenciadas pela organização das informações históricas, “o historiador vai e vem do presente ao passado, realiza dois movimentos contrários e complementares do presente à origem, da origem ao presente” (REIS, 2004, p. 45). A operacionalização dessa dinâmica tem como ponto de partida e de chegada a verdade histórica subjacente à construção e à validação de uma realidade que visa dar novo significado ao contexto investigado, quer seja ele local ou global.

Acredita-se que, ao lidar com a escrita de uma biografia, o historiador precisa inserir o biografado em seu contexto, analisar sua representatividade, mesmo em sua singularidade, mostrar como ele faz parte de um momento histórico e avaliar como é possível, por meio de sua trajetória individual, compreender esse momento. A verificação da existência de uma documentação e o acesso a ela são, portanto, a primeira preocupação do historiador que pretende escrever uma biografia.

Para Le Goff (1996), a multiplicidade de abordagens origina uma variedade de fontes de pesquisa, que são buscadas com a finalidade principal de compilar, da maneira mais próxima possível do real, as informações históricas, com vistas a transparecer um panorama de continuidade na realidade elaborada pelo historiador. Tais fontes, na maioria das vezes, surgem nos processos estabelecidos durante a operacionalização das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, como a Antropologia, a História e a Sociologia.

Com a reorganização metodológica, caracterizada por uma combinação de técnicas, o historiador traça seu plano de pesquisa de modo a aproximar-se, o máximo possível, da verdade que pretende instituir no seu percurso historiográfico. Isso significa buscar as mais diversas fontes informativas que possam auxiliá-lo na (re)constituição do fato a ser narrado na história que está sendo construída por ele. Assim, essa história se torna uma possibilidade viável, de acordo com as fontes nas quais se apoia sua formulação. Para alcançar uma concepção mais fiel do objeto investigado, o historiador precisa, dessa forma, verificar as fontes recorrendo a diferentes técnicas de observação, à revisão de documentos e obras e à realização de entrevistas com pessoas vinculadas ao sujeito pesquisado.

Entrevista

Desejando recolher o maior número de informações pertinentes a seu objeto, os estudiosos combinam, usualmente, várias técnicas de pesquisa. Entre elas está a entrevista, que, de acordo com Triviños (2012), é uma das mais utilizadas como técnica preliminar ou instrumento associado a outras técnicas de pesquisa.

Não é raro ouvir dizer que dirigir uma entrevista é uma arte. Ainda que existam divergências sobre o que implica essa arte, não resta dúvida de que a entrevista, pouco importa sua forma, sempre foi considerada como um meio adequado para levar uma pessoa a dizer o que pensa, a descrever o que viveu ou o que viu, ou aquilo de que foi testemunha. Há, certamente, uma espécie de convicção de base, de que, idealmente, uma boa entrevista deveria permitir que o entrevistado se reporte satisfatoriamente, e que aquilo que ele diz seja considerado, segundo as posições epistemológicas dos pesquisadores, como uma história verdadeira, uma reconstrução da realidade ou uma mera encenação desta. (POUPART, 2010, p. 227).

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, possibilita uma compreensão da realidade humana acessada por meio de discursos e, assim, mostra-se apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. A forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista com esse objetivo favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante.

Romanelli (1998) assevera que a entrevista também é marcada pela dimensão do social. Ela não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, porque se configura como uma produção de linguagem, tendo, portanto, um caráter dialógico. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações da entrevista dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores e do sujeito com quem se fala.

É este que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo uma realidade de grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social.

A entrevista é um processo de construção de dados sobre experiências diversas dos sujeitos e é expressa pela linguagem, constituindo um produto cultural. Como tal, o que está presente na fala do sujeito são fatos de duas ordens: descrições de acontecimentos vividos por ele e interpretações, ou representações, acerca dessas vivências. Representações constituem imagens, ideias coletivas partilhadas por um segmento específico de pessoas e são constantemente reproduzidas na prática social. (ROMANELLI, 1998, p. 129).

A entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível à sua mente no momento da interação com o entrevistador, em um processo de influência mútua, e produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante. Para Alberti (2005, p. 102), a entrevista deve ser

tomada e analisada como um todo, levando-se em conta todos os passos percorridos, as mudanças na situação de entrevista, o modo como são feitas as perguntas e as características das respostas, enfim, todo indício de como efetivamente se deu aquela relação particular. [...] O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistador, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem o outro como portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida, sua formação e sua cultura específica.

Em relação à sua estruturação, as entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas.

As entrevistas estruturadas ou fechadas, que são utilizadas frequentemente em pesquisas quantitativas e experimentais, caracterizam-se pela estruturação rígida de um roteiro pré-elaborado e testado e oferecem um reduzido espaço à fala espontânea do entrevistado. As questões obedecem

a uma sequência rigorosa com pouca flexibilidade para a formulação de novas perguntas e para o subsequente aproveitamento de comentários adicionais dos entrevistados. O entrevistador, mantendo a posição mais neutra possível, deve evitar qualquer opinião que possa sugerir a sua visão pessoal e, diante de dúvidas do entrevistado a respeito do conteúdo das perguntas, deve apenas repetir o enunciado, sem apresentar explicações complementares que não tenham sido previstas pelo roteiro inicial. Dessa forma, os procedimentos se uniformizam para todos os entrevistados e entrevistadores (ROSA; ARNOLDI, 2006).

As entrevistas mais comuns nas pesquisas qualitativas são as semiestruturadas e as não estruturadas. A opção por uma delas está relacionada com o nível de diretividade que o pesquisador pretende seguir, variando desde a entrevista na qual o entrevistador introduz o tema da pesquisa e deixa o entrevistado livre para discorrer, fazendo apenas interferências pontuais, até aquela que segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais (POUPART, 2010).

Na entrevista não estruturada ou livre, o entrevistador, depois de ter dado uma instrução inicial, visando nortear o entrevistado sobre o tema da pesquisa, confere-lhe o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o assunto, embora tente orientar os relances das dimensões a serem abordadas. Esse tipo de entrevista apresenta inicialmente a vantagem de se basear adequadamente na realidade do entrevistado.

As entrevistas livres são feitas através de um relato oral que coleta informações em que o interlocutor desenvolve suas ideias quase sem interferência do entrevistador. Tem-se uma narrativa que segue uma sequência em função do que e como o sujeito recorda, da seleção que ele faz de acontecimentos e pessoas a ele relacionadas e do que ele pretende relatar. (FERNANDES, 1991 *apud* ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 31).

Em relação à entrevista semiestruturada, é prática comum a elaboração de um roteiro apresentado sob a forma de tópicos que orientam a condução da entrevista sem, contudo, impedir o aprofundamento de

aspectos que possam ser relevantes ao entendimento do objeto ou do tema em estudo. Para a elaboração dos tópicos, é importante que o pesquisador avalie seus interesses de investigação e faça uma leitura crítica da literatura sobre o tema. Além de ser um instrumento orientador para a entrevista, esse guia pode ser útil para a elaboração e a antecipação de categorias de análise dos resultados.

Poupart (2010, p. 228) afirma que, nas entrevistas, alguns princípios são comumente aplicados com o objetivo de fazer com que o entrevistado possa verdadeiramente dar conta de sua visão ou de sua experiência: “obter a melhor colaboração do entrevistado; colocá-lo o mais à vontade possível na situação de entrevista; ganhar sua confiança e, enfim, fazer com que ele fale espontaneamente e aceite se envolver”. Conforme o autor, a realização de uma boa entrevista exige: a) a definição clara dos objetivos da pesquisa; b) o conhecimento profundo do contexto em que o pesquisador pretende realizar sua investigação (a experiência pessoal, conversas com pessoas que participam daquele universo, leitura de estudos precedentes e uma cuidadosa revisão bibliográfica são requisitos fundamentais para a entrada do pesquisador no campo); c) a utilização do roteiro pelo entrevistador, que deve conduzir a entrevista com segurança, autoconfiança e algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que o levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para o estudo.

A entrevista, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, objetiva entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as visões que elas têm do mundo. Em outras palavras, significa dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala. Para atingir esse objetivo, o entrevistador assume um papel menos diretivo, o que favorece o diálogo mais aberto com o entrevistado e faz emergir novos aspectos significativos sobre o tema. A relação intersubjetiva, então, é condição para o aprofundamento pretendido, visto que a realidade não tem existência objetiva independente dos atores sociais, uma vez que, pelo contrário, é construída nos processos de interação social. Assim, conforme defende Alberti (2005), é importante ter clareza de que

a entrevista visa à compreensão parcial de uma realidade multifacetada concernente a um contexto sócio-histórico específico. Isso não significa, no entanto, defender um relativismo subjetivista, de acordo com o qual cada um tem a sua “verdade”, mas reconhecer que as visões de mundo de grupos humanos se sustentam nos níveis de compartilhamento vivenciados por eles: época, lugar, processos de socialização e de desenvolvimento da sociedade, hábitos e costumes culturais, língua, ambiente, entre outros. A entrevista é essencialmente uma comunicação verbal e consiste em um tipo de interação com o intuito principal de apreender como os sujeitos percebem e vivenciam determinada situação ou evento que está sendo focalizado.

Fotografia

A fotografia surge no Ocidente sob o signo da modernidade, da razão iluminista e da influência renascentista. No rico e vasto universo da história dos homens e das linguagens, dos discursos e das interpretações que eles constroem, discute-se a possibilidade de investigação, adotando a interpretação da fotografia como fonte histórica (FRANCO, 1999 *apud* GOMES, 2003).

Invenção burguesa por excelência, a fotografia popularizou o retrato e levou aos “recantos mais distantes do mundo essa ‘caixa de pandora’, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos, de tipos humanos, imagens de guerra e de conquistas científicas” (LIMA; CARVALHO, 2009, p.30).

Nos últimos anos, a fotografia deixou de ser um mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o *status* de documento, uma matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da história, acontecimentos e grupos sociais. Segundo as autoras Lima e Carvalho (2009), se, por um lado, a fotografia foi e ainda é utilizada como *janela* para o passado, fornecendo, portanto, dados que os documentos textuais não registraram; por outro, a compreensão da fotografia como uma forma de representação abriu inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem.

Desde o seu surgimento, o ato de fotografar vem acompanhando os mais variados eventos do mundo. Por meio de sua linguagem é possível evidenciar ou omitir comportamentos, valores e ideias, além de instaurar um vínculo estreito com a produção da memória, seja ela individual ou coletiva. Compreende-se aqui a fotografia como um documento histórico cuja análise pode conduzir o pesquisador a pistas importantes para a recuperação e a posterior interpretação dos fatos ocorridos em outras épocas, o que se assemelha ao estudo da documentação escrita, levando em consideração as devidas particularidades. Dessa forma, o registro fotográfico funciona como fonte ativadora da memória, capaz de suscitar incontáveis recordações, sintetizando sentimentos de pertencimento a diferentes grupos de indivíduos: familiares, moradores de um mesmo bairro, entre outros. Pode-se afirmar, assim, que a imagem fotográfica atua como um instrumento socializador da memória de indivíduos, grupos ou instituições, ao ser considerada um tipo de linguagem que possui a capacidade de interpretar histórias de vida dos mais variados segmentos de uma sociedade.

Segundo Lima e Carvalho (2009), a fotografia possibilita a transmissão direta de informações contidas em sua materialidade como artefato, portando modos de ver particularizados pelo contexto histórico no qual foi produzida. Uma única imagem contém em si um inventário acerca de um determinado momento passado, na medida em que documenta um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. Trata-se de uma fonte histórica que demanda um tipo específico de crítica e uma postura teórica de caráter transdisciplinar.

A imagem é histórica e depende das variáveis técnicas e estéticas da época em que foi captada, assim como das diferentes visões de mundo que concorreram no jogo das relações sociais de então. Por meio dela, busca-se a verdade dos fatos, mas o que se encontra é apenas uma imagem da verdade, os fatos em sua forma aparente. Faz-se, assim, a arqueologia da fotografia, a crítica interna das ideologias de legitimação da realidade ou das formas como a realidade é apresentada. Independentemente de o registro

fotográfico ter sido feito para documentar uma passagem ou representar um estilo de vida, constituiu-se, com ele, um testemunho válido.

Pesquisas que se utilizam das fotos chamadas históricas têm mostrado que o procedimento mais vantajoso é aquele que coteja a fotografia com outros tipos de dados. Valer-se de fontes diferentes como o depoimento oral referentes ao período estudado, além de documentos como jornais, atas e documentos antigos, é fundamental para a reconstituição da memória e para a visualização das informações contidas na imagem em um contexto mais amplo, o que permitirá ao pesquisador explorar ao máximo os dados registrados naquele suporte fotográfico.

Assim, diante de fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras. Além disso, as fontes fotográficas sozinhas não se bastam. A problemática histórica é que deve guiar a abordagem das fontes. (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 45).

Nesse sentido, a reflexão sobre a dimensão histórica da fotografia é importante para evidenciar o quanto ela pode enriquecer os estudos do historiador.

Documentos históricos

Fotografias, imagens, documentos escritos, textos de livros didáticos, revistas, enciclopédias, réplicas de papiros e outros documentos históricos são instrumentos dotados de significados conforme um contexto cultural e social específico, os quais fornecem informações sobre os acontecimentos e as transformações ocorridas nas civilizações ao longo de toda a história.

Ação da mão sobre papeis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta

de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. (CUNHA, 2009, p. 251).

Incluindo desde o primeiro rabisco feito por nossos antepassados nas paredes das cavernas até a mais recente crônica de jornal, não faltam registros escritos para contar um pouco da realidade vivida em cada época pela humanidade. A categoria “documento” define uma parte importante do campo de atuação do historiador e da amplitude de sua busca. No século XX, diversificaram-se os tipos de fontes históricas disponíveis. A expansão documental começa com a gradual multiplicação das fontes textuais, extrapolando os limites das fontes tradicionalmente registradas pela escrita, e termina por atingir também os tipos de suporte, abrindo para o historiador a possibilidade de também trabalhar com fontes não textuais: as fontes orais, as fontes iconográficas, as fontes materiais ou mesmo as fontes naturais.

Um documento, dado como histórico em função de determinada visão de uma época, existe em relação ao meio social que o conserva. Documentos são todas as produções do homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. Para o historiador, atingem seu valor pela teia social que os envolve e pelo que revelam de mais amplo de um tempo e de uma sociedade. Em suma, tudo o que foi criado ou modificado pelo ser humano, desde que tenha sobrevivido a seu tempo, pode servir como documento, fonte de estudo para o historiador. Configura-se, dessa forma, uma fonte de dados brutos cuja análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas com a finalidade de atribuir a esses dados um significado relevante em relação a um problema de investigação. Todo esse trabalho com os documentos é compreendido em dois momentos distintos: a coleta de documentos e a análise do conteúdo.

A coleta de documentos apresenta-se como importante fase da pesquisa documental, exigindo do pesquisador alguns cuidados e procedimentos

técnicos acerca da aproximação do local onde se pretende realizar a busca das fontes que lhe pareçam relevantes à sua investigação. Formalizar essa aproximação com o intuito de esclarecer os objetivos da pesquisa e a importância dela consiste em um dos artifícios necessários nos primeiros contatos, principalmente para que o acesso aos acervos seja autorizado.

Bacellar (2011) afirma que, ao recolher documentos de forma criteriosa, o pesquisador passa a gerenciar melhor seu tempo e também a relevância do material recolhido, o que, para alguns autores, corresponde à pré-análise. A coleta e a pré-análise são duas tarefas que se complementam e se condicionam mutuamente. A pré-análise passa a orientar novas coletas de dados, considerando que, dessa maneira, o processo é realizado de forma mais prudente e cautelosa com a intenção de alcançar melhores resultados na análise crítica do material recolhido. Esta, por sua vez, tem como objetivo central averiguar a veracidade e a credibilidade dos documentos e a adequação deles à finalidade da pesquisa.

A análise de conteúdo é, para Triviños (2012), a técnica mais elaborada e de maior prestígio no campo da observação documental como meio para estudar as comunicações entre os homens, enfatizando o conteúdo das mensagens por eles emitidas.

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (BARDIN, 1977 *apud* TRIVIÑOS, 2012, p. 160).

A análise de conteúdo conforma-se, pois, como fase de grande relevância no método da pesquisa documental. Por meio dela os documentos são estudados de forma minuciosa pelo pesquisador, que descreve e interpreta o conteúdo das mensagens, buscando dar respostas à problemática subjacente à pesquisa e, assim, colaborando para a produção de conhecimento teórico relevante.

As fontes históricas, além de permitirem que o historiador concretize o seu acesso a determinadas realidades ou representações que já não tem diante de si, contribuem para que ele aprenda novas maneiras de enxergar a história e novas formas de expressão que poderá empregar em seu texto historiográfico.

Autobiografia

A fim de justificar a relevância da autobiografia como fonte para a história, é preciso lembrar que a memória individual não está inteiramente isolada, tampouco fechada. Para evocar seu próprio passado, um homem tem a necessidade de apelar às lembranças dos outros, a pontos de referências que existem fora dele, na sociedade. A memória autobiográfica se apoia na memória social, já que toda história de vida faz parte de uma história geral. Paul Ricoeur (1996 *apud* SILVA, 2002) afirma que a memória é mais do que simples objeto da história, pois permanece como a guardiã de algo que efetivamente ocorreu e aproxima-se da história pela sua “ambição de veracidade”.

A autobiografia é reconstrução do passado a partir da perspectiva de alguém que, por considerar sua história digna de registro, não olha para o ontem de modo descompromissado. Ela se enquadra na categoria de história de vida cuja única intermediação está no registro escrito. Assim sendo, não se pode esquecer que, quando se leem narrativas de memórias, não se lê a própria memória, mas suas transformações por meio da escrita (BURKE, 2000). Cabe à história, em razão mesmo de sua função crítica, remediar e corrigir as fragilidades e os abusos da memória (RICOEUR, 1996 *apud* SILVA, 2002).

Com essa variedade abundante de documentos, o diálogo entre as fontes viabiliza a contemplação de experiências e pontos de vista que, distintos, contraditórios, ambíguos, tendem a se completar mutuamente, na medida em que argumentam coletivamente diante de uma problemática comum.

A vida de Willie

Para reconstituir a trajetória de vida de Willie Maurer, apresentam-se os principais momentos de sua história desde seu nascimento em 1907 até seu falecimento em 1999: sua origem, sua juventude, sua formação, seu ambiente familiar e social e sua atuação profissional nestas instituições: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade de Brasília. Com o propósito de construir um relato fidedigno aos fatos, foram utilizados documentos escritos e orais, fotografias e principalmente a autobiografia do autor.

Willie Alfredo Maurer, obstinado estudioso da Ciência Matemática, foi, em quase todos os 91 anos de sua profícua existência, um pesquisador e um professor dedicado ao ensino da Matemática e da Física, nos diversos níveis de formação de sua época.

Foi admirado por todos que tiveram o prazer de sua convivência, sobretudo em razão de sua dedicação e retidão profissional e também de sua contribuição significativa, direta e indireta, para a formação de professores e pesquisadores na área de Matemática e Física, nos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e no Distrito Federal.

Maurer relata, em sua autobiografia, o seu despertar para o mundo da seguinte forma:

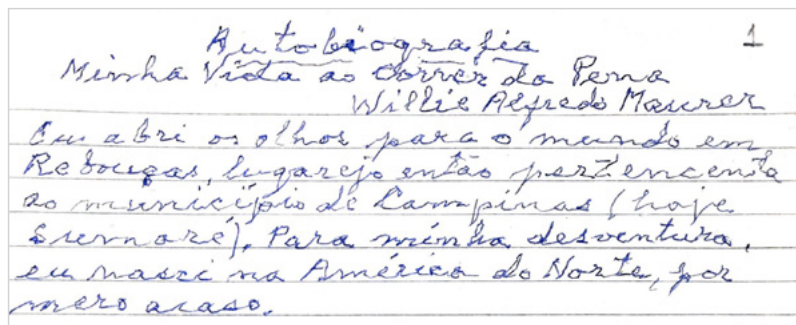


Figura 1 – Imagem de trecho da página 1 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Eu abri os olhos para o mundo em Rebouças, lugarejo então pertencente ao município de Campinas (hoje Sumaré). Para minha desventura, eu nasci na América do Norte, por mero acaso.

Willie Alfredo Maurer nasceu no estado de Minnesota, nos Estados Unidos da América (EUA), em 5 de outubro de 1907. Seus pais, Henrique Maurer e Rosette Maurer, vieram de Zurique, na Suíça, para o Brasil em 1898 e se estabeleceram na colônia suíça de Campos Sales, instalada pelo governo do estado de São Paulo em Cosmópolis, que, na época, pertencia ao município de Campinas/SP. Nessa colônia, nasceram seus quatro irmãos mais velhos.

Por volta de 1906, um irmão de seu pai, que tinha se mudado para os EUA, convenceu-o a vender a propriedade na colônia e a emigrar com sua família para esse país, onde Willie Maurer nasceu no ano seguinte. Contudo, seu pai “já se havia afeito ao clima ameno do Brasil e não conseguiu ajustar-se ao frio americano, de modo que resolveu voltar ao Brasil; isto por volta de 1911 (dizem que eu tinha 3 anos e meio)” (MAURER, [199-], p.1). De volta ao Brasil, sua família foi se instalar em Rebouças, hoje Sumaré/SP, onde adquiriu um lote de terras pertencentes a uma antiga fazenda que o governo estadual loteou, a fim de formar uma colônia, que seria povoada por italianos vindos de Joaquim Egídio e Arraial de Sousa, município de Campinas/SP.

Maurer explicita na autobiografia os detalhes da fazenda onde passou sua infância. Segundo ele, a casa, enorme, tinha onze cômodos com assoalho e forro de madeira e um alpendre e era a única que tinha vidraça nas janelas. Sentiu-se um tanto desapontado com o fato de o engenho de cana e o de moinho de fubá, com sua oficina e sua enorme roda d'água,

ficarem para um vizinho, que os transformou em fábrica de pinga. O seu desgosto provinha de uma inclinação inata pelas artes mecânicas.

Afirma que cresceu em um ambiente culturalmente heterogêneo:

Havia nas vizinhanças, além dos italianos, uma família de espanhóis, uma família de russos, um polaco, um francês, um americano, um alemão degenerado, uma família de matutos e mesmo um quilombo de negros, sem falar nos portugueses e turcos que moravam na vila. Só não conheci japoneses e judeus. (MAURER, [199-], p. 2).

Em Nova Odessa, que era a vila mais próxima, havia uma colônia de letões batistas, refugiados da Rússia, com os quais sua família estabeleceu relação logo cedo.

Sua lembrança mais antiga é a do trabalho, que começava às seis horas da manhã com a ordenha das vacas no curral. Seu salário era o leite tomado direto da teta da vaca com torrões de açúcar mascavo. Enquanto ele e seus dois irmãos mais velhos ordenhavam as vacas, sua mãe preparava o café da manhã, sempre acompanhado de mingau de fubá. O ritmo de trabalho continuava até a noite. Ele, por ser o caçula, era o mais poupado e se tornou mensageiro do pai. Sua obrigação era ir até a vila em seu cavalo de estimação para buscar a correspondência e despachar a manteiga e os ovos que seu pai fornecia a dois fregueses de São Paulo. Entre outras tarefas, ele tinha que pôr em um envelope a correspondência e postá-la. Aconteceu uma vez de ele trocar a correspondência, de modo que um freguês recebeu a do outro. Fato que ele nunca esqueceu: “pode se imaginar a carraspana que eu recebi, mas o meu remorso foi maior do que a carraspana e o fato nunca mais se repetiu” (MAURER, [199-], p. 5).

Outro fato de que Maurer se recorda foi o seu primeiro e único tombo do cavalo. O seu segundo cavalo era “passarinheiro” e ele não sabia. “Eu vinha em um galope desabrido e despreocupado quando, ao passar por um brejo, um passarinho espevitado levantou voo e meu cavalo fez um rodopio de 180° e eu fui atirado ao chão, felizmente caí sobre os pés, como gato” (MAURER, [199-], p. 5).

Mais um incidente que ficou gravado em sua memória aconteceu com seu cabriolé¹, quando levava um porco esquartejado para um freguês da vila e uma das rodas se desmantelou. Seus irmãos foram em seu socorro com a carroça, transportaram a carga e levaram o cabriolé ao ferreiro. Este consertou a roda e a pintou de vermelho sem tocar na outra roda, de modo que seu cabriolé ficou com uma roda vermelha e outra sem cor. “Escusado é dizer que, para meu grande dissabor, meu cabriolé foi alvo da troça da garotada da vila” (MAURER, [199-], p. 6).

No que diz respeito à sua saúde, descreve que sempre foi precária: na infância, sofria de incontinência urinária e estava constantemente resfriado. Segundo ele, seu aparelho digestivo era muito delicado e as indigestões eram frequentes. A mais forte foi com carne de porco, a ponto de nunca mais poder comê-la. Certa vez, seu pai o levou a um médico judeu em Nova Odessa. Apesar de ter sido tratado muito bem, continuou com os mesmos problemas. Ademais, foi uma criança muito tímida e, ao contrário de seu irmão Henrique, fugia das brigas. No futebol, ficava sempre no gol porque não tinha fôlego para correr, provavelmente uma consequência da pneumonia que o atacou na viagem dos EUA para o Brasil.

Sua educação foi profundamente religiosa. Seu pai era “austero e zeloso como um huguenote²” (MAURER, [199-], p. 6): não se sentava à mesa das refeições sem dar graças e, no café da manhã, lia um trecho da Bíblia, e todos, ajoelhados, faziam uma oração em voz alta. Já sua mãe, persuasiva e tolerante, nunca ensinou o catecismo nem pregava sermões. Seu cristianismo se limitava a certos preceitos de conduta, opondo o bem ao mal. Maurer entende que “nessa atmosfera se tornou profundamente religioso, atormentado pelo temor e pelo remorso” (MAURER, [199-], p. 6). Em outro trecho de sua autobiografia, afirma:

1 “Cabriolé (do francês cabriolet) é uma carruagem leve de duas rodas, puxada por um cavalo.” (CABRIOLÉ, 2019).

2 Huguenote é a denominação dada aos calvinistas franceses pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII.

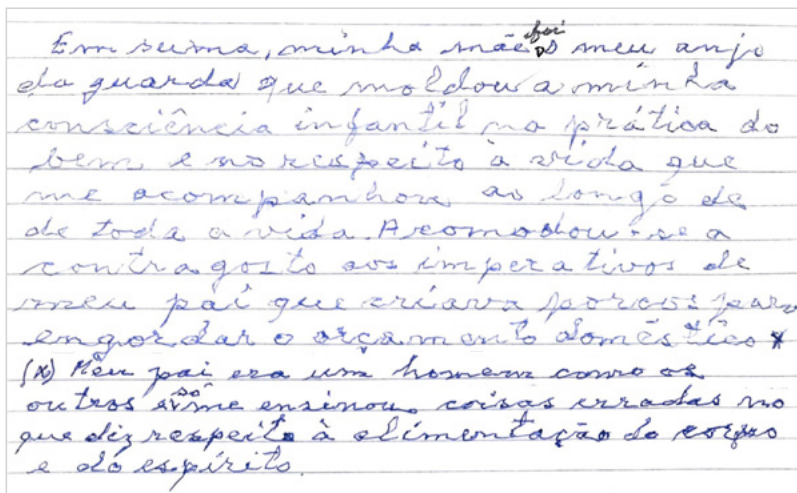


Figura 2 – Imagem com trechos das páginas 7, 8 e 9 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: minha mãe foi o meu anjo da guarda que moldou a minha consciência infantil na prática do bem e no respeito à vida que me acompanhou ao longo de toda a vida. Acomodou-se a contragosto aos imperativos de meu pai que criava porcos para engordar o orçamento doméstico. Meu pai era um homem como os outros e só me ensinou coisas erradas no que diz respeito à alimentação do corpo e do espírito.

Sua vida escolar foi acidentada e pouco profícua. Acompanhado dos irmãos, começou indo à escola da vila, onde não aprendeu muito. Dessa época, guardou na memória somente o castigo que um professor o fez passar no canto da sala de aula por ter ido brincar com outros garotos nos vagões da estrada de ferro estacionados em frente à escola. Além disso, recordava-se da rapadura, das cocadinhas e do sorvete comprados na saída das aulas. Embora não lembrasse como nem quando exatamente, afirma ter aprendido a ler e a escrever com sua irmã, oito anos mais velha, nomeada professora em uma escola instalada em uma sala da casa do sítio do seu pai, cedida gratuitamente ao governo do estado. Em 1917, aos dez anos, Willie Maurer recebeu como prêmio escolar por um trabalho que escreveu — de cujo conteúdo não teve lembrança — o livro *A árvore*, de Júlia Lopes de Almeida³, e, mais tarde, também foi

³ Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862–1934) era escritora, com vasta produção literária e abolicionista brasileira. Viveu parte da infância em Campinas/SP.

premiado com a biografia do Barão de Rio Branco, obra considerada por ele pouco apropriada para um garoto da roça. Esses dois livros se tornaram o núcleo de sua futura biblioteca.

Seu pendor pelas artes mecânicas não foi frutífero, resultando apenas na confecção de rodinhas d'água com varetas cruzadas e de uma “espingardinha” com cano de guarda-chuva, que, segundo ele, bem ou mal, atirava. Sua grande paixão era a máquina a vapor, cujo funcionamento estudou minuciosamente no único livro que tinha à disposição: um volume de Físico-Química da editora FTD. No entanto, por falta de ferramentas adequadas, não conseguiu construí-la.

Maurer descreve seu pai como um agricultor progressista que plantava arroz, feijão, milho e cana-de-açúcar e, na época mais propícia, cultivava algodão e melancia em grande escala. Leitor infatigável, seu pai não dispensava o jornal e, como não lia textos em português, acompanhava o jornal *Deutsche Zeitung*.⁴ Para a mãe ler, a revista *O Fazendeiro*⁵ e o *Jornal do Criador* e, para os demais membros da família, assinou o *Correio Paulistano*⁶ no. Em se tratando de livros, a fonte era escassa: em geral, acessava obras de cunho religioso fornecidas por sua irmã mais velha. Contudo, a vida na zona rural até a adolescência e as dificuldades de obter informações atualizadas, o que era comum à época, não impediram que Maurer e seus irmãos tivessem acesso à leitura de jornais e revistas, graças ao zelo de seus pais com a educação deles, o que indubitavelmente contribuiu para que tivessem uma formação sólida no sentido tanto do exercício da cidadania quanto do sucesso profissional por meio de estudos posteriores.

⁴ O *Deutsche Zeitung* foi um periódico editado totalmente no idioma alemão e publicado quinzenalmente de 1897 até 1917. O jornal buscou ser a ligação cultural das comunidades alemãs, austríacas e suíças radicadas no Brasil. O redator do jornal era o engenheiro alemão Dr. Peter Klemm.

⁵ O *Fazendeiro* era uma revista mensal de agricultura, indústria e comércio dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira.

⁶ O *Correio Paulistano* foi o primeiro jornal diário publicado no estado de São Paulo e o terceiro do Brasil. Lançado em 26 de junho de 1854, circulou até 1963 e retornou nos anos 1980.

Willie entrou logo em contato com a língua alemã, graças ao empenho de sua mãe, que, após o almoço, colocava-o à mesa com a cartilha alemã e o fazia ler e escrever o alfabeto gótico. Seu pai o chamava de “o pequeno pretensso grande” por sempre aspirar liderança. “A princípio queria ser carreiro, depois maquinista, depois engenheiro, só não pensava em ser professor” (MAURER, [199-], p. 11).

Em 1921, preocupados com o aprimoramento educacional dos filhos, seus pais resolveram se mudar para a cidade de Campinas/SP e passaram a frequentar a Igreja Presbiteriana, onde estabeleceram uma relação de estreita amizade com a família Voguel, composta de nove pessoas: o pai, Dr. Henrique Voguel, professor do ginásio do estado (considerado o homem mais culto da cidade, era professor de grego, mas não frequentava as reuniões que faziam nem a igreja); sua esposa, Sr.^a Eduarda, e seus sete filhos, três mulheres e quatro homens. Esse relacionamento exerceu uma influência benéfica sobre a família Maurer.

Em parte do ano de 1921 e no primeiro semestre do ano seguinte, para o grande pesar de Maurer, seu pai o fez frequentar a Escola Alemã do Zink⁷, atual Colégio Rio Branco de Campinas/SP. Como não conseguia se ajustar aos padrões da escola, por ser mais velho e maior que todos os seus colegas de classe e também por estar despreparado para acompanhar o curso, Maurer se sentia bastante frustrado. Segundo ele, suas piores notas foram em canto e ginástica. No final do primeiro semestre de 1922, ele se rebelou, abandonou a escola e foi trabalhar. “Com todas essas peripécias, eu nunca cheguei a possuir um diploma do curso primário” (MAURER, [199-], p. 13).

⁷ Originária da Escola Alemã, a Neue Deutsche Schule, era ligada à comunidade luterana de Campinas/SP, fundada pelo pastor luterano Johann Jacob Zink, que viera para o Brasil em 1869, e posteriormente foi incorporada pela Deutsche Schule, passando a ser administrada, sucessivamente, por Carlos Cristóvão Zink e Ernesto Manuel Zink, respectivamente filho e neto de Johann.

Ao decidir trabalhar, procurou o Instituto Bento Quirino⁸, que era uma instituição benemerita voltada para a formação profissional em marcenaria e serralheria. O propósito de Maurer era se inscrever na seção de serralheria, porém, como não conseguiu, aceitou ficar na marcenaria à espera de uma vaga, o que ocorreu uns três meses depois. A tarefa do principiante era dobrar os elos das correntes fabricadas pelo Instituto para serem soldados na forja. O mestre da oficina era um homem circunspecto, de poucas palavras, mas de um senso humano incomum.

Um dia eu estava suando, martelando meus anéis no torno, quando ele parou junto a mim e me perguntou, de supetão, quanto eu estava ganhando. Eu disse e ele continuou andando sem dizer nada. No fim da semana, quando fui receber meu envelope, meu ordenado tinha duplicado. São coisas que dignificam um homem e a gente não esquece jamais. (MAURER, [199-], p.13).

Pouco tempo depois, Willie Maurer começou a trabalhar na forja como ferreiro e passou a ganhar um salário bastante elevado para a época. Isso possibilitou que ele montasse sua própria fábrica de correntes, instalada em um anexo da casa onde morava com a sua família, tendo como bigorna um pedaço de trilho adaptado. Seu pai, que se tornara caixeiro viajante, encarregava-se de vender as correntes nas localidades por onde passava. Não demorou para surgir em Maurer a vontade de estudar. Por isso, ele vendeu a fábrica a um amigo dentista chamado João Vieira. Inspirado em seu irmão Theodoro Henrique, que decidiu ser pastor e passou a preparar-se sozinho para entrar no Seminário Presbiteriano de Campinas, Willie colocou-se a estudar por conta própria. Em uma livraria de livros

⁸ O Instituto Bento Quirino foi uma instituição de ensino profissional masculino que funcionava em um prédio da região central de Campinas/SP, construído em 1916 e preservado até hoje. Posteriormente, passou a ser o Ginásio Industrial Bento Quirino, atualmente Colégio Técnico de Campinas (Cotuca), subordinado à Unicamp.

usados em Campinas/SP, adquiriu a *Gramática elementar*, de João Ribeiro⁹, e a *Aritmética progressiva* e a *Álgebra elementar*, de Antonio Trajano¹⁰. Por ter se identificado com a Matemática exposta por essas duas obras, passou a se aventurar na Aritmética, na Álgebra e na Geometria.

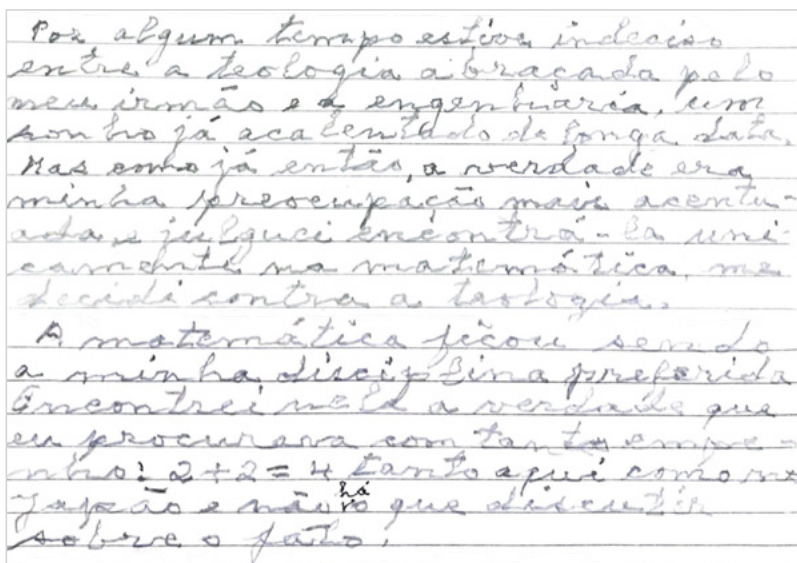


Figura 3 – Imagem de trechos das páginas 16 e 17 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Por algum tempo estive indeciso entre a teologia abraçada pelo meu irmão e a engenharia, um sonho já acalentado de longa data. Mas como já então, a verdade era minha preocupação mais acentuada, e julguei encontrá-la unicamente na matemática, me decidi contra a teologia. A matemática ficou sendo a minha disciplina preferida. Encontrei nela a verdade que eu procurava com tanto empenho: $2+2 = 4$ tanto aqui como no Japão e não ^{há} o que discutir sobre o fato.

Em sua autobiografia, também está registrado este comentário:

Naquele tempo havia um regime de estudos que chamavam de Exames Parcelados, para atender aqueles candidatos aos cursos superiores que não podiam frequentar o Ginásio. O candidato tinha que apresentar o certificado

⁹ João Ribeiro (1860–1934) foi um tradutor admirável e filólogo distinto. Publicou três gramáticas da língua portuguesa, as quais, correspondentes aos três graus do ensino da língua — primário, médio e superior —, foram adotadas no ensino oficial da época.

¹⁰ Antonio Bandeira Trajano (1843–1921) foi um professor e autor de livros didáticos de Matemática e membro da comissão tradutora da Bíblia. Natural de Portugal, veio ao Brasil por volta de 1859, transformando-se em um dos fundadores da Igreja Presbiteriana de São Paulo.

de 12 matérias, podendo realizar os exames de 4 matérias no máximo a cada ano. Era para mim, que não podia frequentar o Ginásio, o caminho de acesso ao curso superior. Comecei a me preparar com denodo em 4 matérias, creio que eram Aritmética, Álgebra, Geometria e Francês ou Geografia (naquele tempo Matemática não era esta vala comum de hoje). Infelizmente para mim, exatamente naquele ano, o Diretor do Departamento do Ensino Superior (não havia MEC), um tal Rocha Vaz¹¹, se não me engano, resolveu suprimir os Exames Parcelados e eu fiquei desamparado, mas não desanimei. Perdi uma batalha, mas não a guerra. (MAURER, [199-], p. 17).

Em razão disso, Maurer buscou alternativas para continuar sua formação acadêmica. Nessa época, havia em São Paulo uma escola particular bem-conceituada, chamada Escola Superior de Mecânica e Eletricidade (ESME), fundada por três engenheiros, conforme o modelo alemão. Essa escola formava técnicos com o título atrativo de técnico-engenheiro após um preparatório de dois anos e um curso técnico de três anos. Os alunos ingressavam mediante apresentação do certificado da escola primária, mas quem se julgasse habilitado poderia prestar exame das matérias do preparatório para acessar diretamente o curso técnico. Como Maurer não tinha o certificado exigido, prestou o exame e foi aprovado, porém não tinha condições financeiras para pagar a mensalidade. O acaso fez com que ele, em vez de entrar como aluno, fosse contratado como professor do preparatório.

Embora não pudesse frequentar o curso técnico, adquiriu os livros indicados de Eletricidade, Mecânica, Física, Geometria Analítica, Álgebra, Cálculo e as obras da editora FTD. Entre todos o que mais o atraiu foi o livro de Cálculo de William Granville¹², do qual resolveu todos os exercícios

11 A Reforma Rocha Vaz aconteceu em 1925. De acordo com Corrêa (2010, p. 361), “durante seis anos a reforma tentou romper com a ideia dos preparatórios ou parcelados, deixando, como única opção educativa, o modo de ensino seriado, além de forçar a continuidade e a articulação dos estudos obrigatórios com duração de 5 anos no secundário. [...] Essa reforma, no entanto, não foi totalmente aplicada, pois em 1929 ainda existiam escolas com exames preparatórios, sem currículo definido. Visou a moralização do ensino, não tendo nenhum sentido inovador. Foi mais uma reforma com características administrativas, tal como as demais que caracterizaram a época.”

12 William Anthony Granville publicou o livro *Elements of the differential and integral calculus* em Boston, nos Estados Unidos, no ano de 1911.

com grande prazer, sobretudo os de máximos e mínimos. Na escola, o seu salário era baixo. Segundo ele, recebia 144 mil réis, o que mal dava para custear a pensão. Logo sua atividade docente se intensificou porque, aos poucos, incumbiram-no de outras disciplinas, como Aritmética, História do Brasil, Francês e até mesmo Português. Chegou a lecionar Física e Cálculo, que eram matérias do curso técnico.

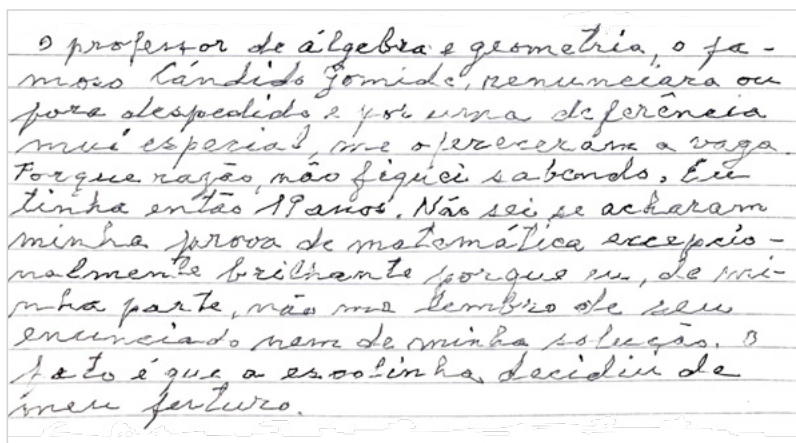


Figura 4 – Imagem de trecho da página 18 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: O professor de álgebra e geometria, o famoso Cândido Gomide, renunciara ou fora despedido e por uma deferência mui especial, me ofereceram a vaga. Porque razão, não fiquei sabendo. Eu tinha então 19 anos. Não sei se acharam minha prova de matemática excepcionalmente brilhante porque eu, de minha parte, não me lembro de seu enunciado nem de minha solução. O fato é que a escolinha decidiu de meu futuro.

A direção da escola era composta por três sócios proprietários. O diretor nominal era Américo Landuci, engenheiro formado pela Politécnica. Como ele estava mais interessado em sua fábrica de material elétrico, que funcionava no prédio da escola, pouco intervinha no andamento dos cursos. O vice-diretor era Otávio Goulard Penteado, que era formado em uma instituição estadunidense de ensino técnico de nível médio, mas se mantinha como uma figura apenas decorativa. Na realidade, a escola era dirigida pelo secretário e assistente da cadeira de Física Luiz Dias da Silva, paraense formado pela Politécnica. O curso preparatório era dirigido por Kurt Menantsau, um engenheiro-técnico alemão, vindo para o Brasil depois da Primeira Guerra Mundial.

Nessa época, Maurer conheceu Luiz de Freitas, que, até falecer, foi seu amigo inseparável por 30 anos. O Freitas, como costumava chamá-lo, não dispunha de nenhum diploma de curso superior, mas, por sua sede de saber, apresentava uma imensa formação enciclopédica. Chegou à escola para ser professor de Português e História do Brasil. Tornaram-se amigos graças a uma afinidade espiritual centrada no apreço pela cultura. Eles saíam da escola ao término das aulas e percorriam as livrarias e sebos que ficavam no começo da Rua da Glória, em São Paulo. Era raro o dia em que voltavam para casa sem um pacote de livros. Tão habitual era esse passeio que os dois eram conhecidos como “a dupla”. Quando, por acaso, um aparecia sozinho, logo perguntavam onde estava o companheiro.

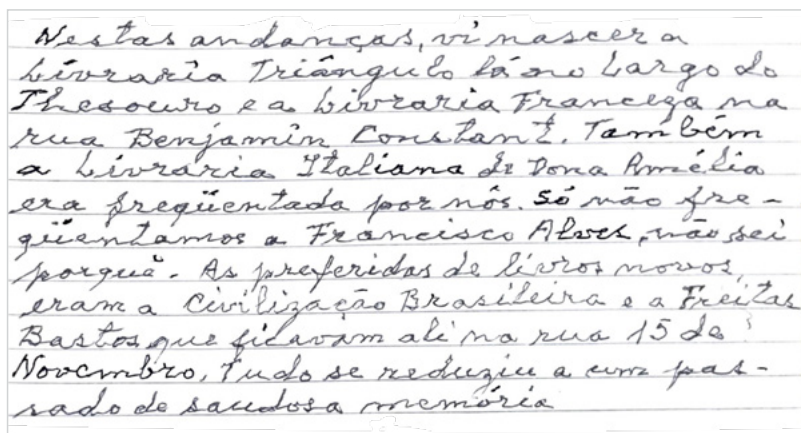


Figura 5 – Imagem de trecho da página 23 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Nestas andanças, vi nascer a Livraria Triângulo lá no Largo do Thesouro e a Livraria Francesa na Rua Benjamin Constant. Também a Livraria Italiana de Dona Amélia era frequentada por nós. Só não frequentamos a Francisco Alves, não sei porquê. As preferidas de livros novos eram a Civilização Brasileira e a Freitas Bastos que ficavam ali na Rua 15 de novembro. Tudo se reduziu a um passado de saudosa memória.

Em 1930, Willie Maurer casou-se com uma lituana, cujo nome era Apolônia, mas a chamavam de “Pola”. Eles se conheceram na pensão de Dona Emília, uma letã vinda de Nova Odessa. Apolônia mudou-se para o Brasil com o pai, que, boêmio e aventureiro, emigrou em busca de fortuna fácil, mas, malsucedido, morreu na indigência.

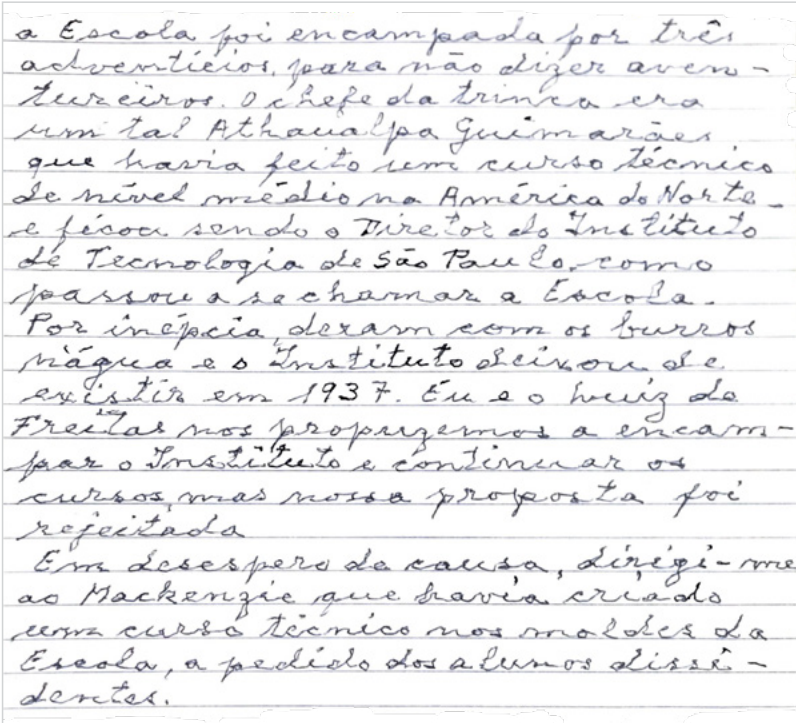
O casamento de Willie e Pola perdurou por 44 anos, até 23 de abril de 1975, quando um câncer a levou aos 69 anos.

Ela começou a ter um problema de estômago, mas ela relutava muito para ir ao médico, pois ela tinha um trauma de guerra, em relação a hospital, trazido da Europa, tanto é que a Silvia nasceu em casa, ela não quis ir para maternidade. Devido a essa relutância, seu problema gástrico foi piorando, foi complicando, a gente insistia com ela para que buscasse tratamento e ela acabou procurando um médico especialista, ele tirou as “chapas”, examinou e então disse que era simples e que ia operá-la, mas ela continuou relutando, relutando... e a coisa começou a piorar porque a comida já não parava no estômago e então não teve jeito, ela voltou ao médico. Era um grande médico na época e, se não me engano, seu nome era Dr. Raissen e ele disse pra ela ir para o Hospital Albert Einstein, que era onde ele ia operá-la e pronto. Só que ele falou tudo isso, baseado em todos os laudos que ele tinha feito há cinco ou seis meses atrás, aí quando chegou no hospital para realizar a cirurgia, estávamos no quarto, eu, a Silvia e o Willie. Foi quando veio uma enfermeira pedindo para descermos na sala de operação. Descemos os três e o Dr. Raissen chegou e disse “olha, infelizmente em decorrência desses cinco meses, a coisa que era pequena explodiu e se tornou um câncer que tomou conta de tudo, então não tem mais possibilidade de nada, agora é só uma questão de tempo para ela morrer”. Como ele sabia da dificuldade dela para ir ao hospital, falou: “eu agora não sei o que vocês decidem, eu posso mantê-la sedada, e ela não vai sentir dor, não vai acordar e, após um período de tempo, ela morre ou deixo-a normal, mas, nesse caso, ela vai sentir muitas dores, enfim vocês decidam.” O Maurer ficou desolado, muito atrapalhado, sem ação nenhuma e a Silvia também. Foi quando interferei e falei “olha, ela tinha pavor de hospital, mas ela vai sofrer, então deixa ela sedada, dormindo quietinha e pronto”. Fizeram isso e em 48 horas ela morreu. (LANE, 2012a, p. 8).

Em sua autobiografia, Maurer destaca que, entre as muitas virtudes de sua esposa, uma não poderia deixar de ser evidenciada, que é o fato de que ela jamais reclamava quando ele chegava abraçado a pacotes de livros, frutos de suas peregrinações pelas livrarias. Comparo-a a seu colega Abraão de Moraes, que era casado com uma colega de faculdade e, para evitar uma tempestade doméstica, tinha de entrar escondido em casa quando estava com montes de livros. Segundo ele, naquela época, eram raras as mulheres compreensivas em relação a essa preferência. Apesar de não ser muito culta nem possuir

diploma universitário, sua mulher sabia apreciar seu afã pela cultura. Ela conhecia diversas línguas, inclusive o alemão, que era a língua em que se comunicavam. Só aprendeu o português por força das circunstâncias, quando sua filha Silvia começou a dominar a conversa no lar.

Com a Revolução Constitucionalista de 1932, a Escola Superior de Mecânica e Eletricidade (Esme) entrou em crise, porque os alunos convocados para a guerra se recusaram a pagar as mensalidades atrasadas. Em razão disso, ela foi transformada no Instituto de Tecnologia de São Paulo, conforme descrição na Figura 6.



a Escola foi encampada por três adventícios, para não dizer aventureiros. O chefe da trinca era um tal Athaulpa Guimarães, que havia feito um curso técnico de nível médio na América do Norte, e ficou sendo o Diretor do Instituto de Tecnologia de São Paulo, como passou a se chamar a Escola. Por inépcia, deram com os burros n'água e o Instituto deixou de existir em 1937. Eu e o Luiz de Freitas nos propusemos a encampar o Instituto e continuar os cursos, mas nossa proposta foi rejeitada. Em desespero da causa, dirigi-me ao Mackenzie, que havia criado um curso técnico nos moldes da Escola, a pedido dos alunos dissidentes.

Figura 6 – Imagem de trecho da página 30 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: a escola foi encampada por três aventureiros. O chefe da trinca era um tal Athaulpa Guimarães que havia feito um curso técnico de nível médio na América do Norte e ficou sendo o Diretor do Instituto de Tecnologia de São Paulo, como passou a se chamar a Escola. Por inépcia, deram com os burros n'água e o Instituto deixou de existir em 1937. Eu e o Luiz de Freitas nos propusemos a encampar o Instituto e continuar os cursos, mas nossa proposta foi rejeitada. Em desespero de causa, dirigi-me ao Mackenzie, que havia criado um curso técnico nos moldes da Escola, a pedido dos alunos dissidentes.

De volta à sua vida social, Maurer afirma que, para reforçar o orçamento doméstico, teve de lecionar em escolas noturnas de comércio, dentre as quais destaca a Escola de Comércio de Bernardo Leite da Silva. Menciona que, a pedido deste, proferiu uma palestra no dia da Constituição, em 24 de fevereiro de 1930: “O que eu disse não me recordo, mas parece que causei boa impressão porque fui sempre constitucionalista” (MAURER, [199-], p. 25). Relata ainda que seu maior desejo à época era ser revisor de jornal. Chegou a receber várias apresentações do senhor Plínio Salgado, quando ainda não era “chefe nacional” do partido político Ação Integralista Brasileira (AIB). Contudo, nada conseguiu nesse terreno e jamais ingressou no jornalismo; apenas escreveu alguns artigos para o *Correio Paulistano* e para a *Gazeta de São Paulo*.

O então vice-presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie, doutor Eduardo Horácio Weeden — quem, efetivamente, dirigia o Instituto — ofereceu a Maurer algumas aulas de Álgebra e Geometria na recém-criada Escola Técnica do Mackenzie. Segundo Maurer ([199-], p. 30),

tamanha era minha penúria que precisei deixar minha mulher e filha (nascida em 1933), em casa de meus pais, em Campinas, por algum tempo. Mas logo as coisas melhoraram com o aumento do número de aulas.

Ele passou a lecionar em várias escolas de São Paulo, como o Ginásio Saldanha da Gama e o Colégio Bandeirantes, e ministrou, inclusive, aulas de Física no curso técnico noturno da Mackenzie, onde teve seu primeiro contato com o laboratório dessa disciplina, o qual, em precárias condições de uso, servia à Escola de Engenharia.

Em 1934, o governo do estado de São Paulo fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), cujo primeiro diretor foi o senhor Theodoro Augusto Ramos. Professor da Escola Politécnica de São Paulo, Ramos foi designado pelo então governador, o senhor Armando de Salles Oliveira, para chefiar a comitiva acadêmica que foi à Europa, em 1934, para contratar professores e pesquisadores para a recém-criada faculdade. Essa viagem “causou certo descontentamento

entre os patrioteiros da terra que achavam que havia aqui gente suficientemente capacitada para ocupar as cátedras, o que certamente era excesso de pretensão” (MAURER, [199-], p.25). Para Matemática e Física, foram contratados três professores italianos: Luigi Fontappiè para Análise, Giacomino Albanese para Geometria e Gleb Wataghin para Física. Maurer e seu irmão Theodoro Henrique, que lecionavam em uma dependência da Mackenzie, se interessaram pela nova instituição, mas nenhum dos dois tinha certificado do Colégio Oficial, requisito indispensável para ingressar na faculdade.

Naquela época, havia o Exame de Madureza, cujo objetivo era atender os estudantes que não podiam frequentar o ginásio. Anualmente durante três anos, os interessados prestavam exames em um ginásio reconhecido. Maurer e seu irmão se prepararam em casa por conta própria. Em 1936, prestaram os primeiros exames no Ginásio Ypiranga. Aprovados, prestaram o segundo exame em 1937 e o terceiro em 1938. Concluíram o Exame de Madureza em janeiro de 1938 e se inscreveram no vestibular da USP, que seria realizado em fevereiro do mesmo ano. Sua inscrição foi para Matemática e a de seu irmão para Letras. O vestibular constava de quatro disciplinas: Matemática, Física, Lógica e Sociologia. Ambos foram aprovados “com distinção”. Era oferecida uma bolsa de estudos para os candidatos aprovados com nota igual ou superior a 7. Embora preenchesse esse requisito, não pôde ser beneficiado com a bolsa porque não era brasileiro nem naturalizado. Explica que não se naturalizou em razão de uma lei que obrigava todo estrangeiro com menos de quarenta anos a cumprir um ano de serviço militar, o que ele não poderia fazer por ter esposa e filha. Afirma ainda que sua carreira na faculdade não foi das mais brilhantes por ter de trabalhar para sustentar a família.

Só depois de casado é que ele se formou, ou seja, que fez a universidade na USP, ele e o irmão. O irmão Theodoro Maurer se tornou catedrático de Filologia Românica e o Maurer ficou na Matemática e dava aula nos cursos de Engenharia, Matemática, Física e Filosofia também. Ele era muito calmo, super estudioso, com um “cabedal” de conhecimento muito grande. E eu até brincava,

dizendo que ele vivia com livros, era no sábado, domingo e feriado, não tinha nada que o afastasse dos livros, estava sempre estudando. (LANE, 2012a, p. 5).

Maurer faz uma referência especial ao professor Gleb Wataghin¹³, que, segundo ele, foi o verdadeiro criador do Instituto de Física da USP. Em sua autobiografia, cita que, quando a FFCL iniciou suas atividades, os departamentos de Matemática e Física foram instalados em salas insalubres da Escola Politécnica, que mais pareciam salas de despejo. A Politécnica dispunha de um bom laboratório de Física, entretanto seu acesso era proibido aos alunos dos cursos de Matemática e Física. Em razão disso, o professor Wataghin angariou recursos financeiros, alugou um casarão antigo na Avenida Tiradentes e começou seu próprio laboratório. Aos sábados à tarde, Maurer e dois engenheiros matriculados na USP, por diletantismo, ajudavam-no a desempacotar e montar os equipamentos. Para Maurer ([199-], p. 29), “o professor Gleb Wataghin é ainda mais digno de nosso respeito e admiração porque, ao receber uma justa homenagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), declarou peremptoriamente que nunca trabalhou e jamais trabalharia na confecção de uma bomba atômica”.

Em 1946, o Instituto Presbiteriano Mackenzie decidiu criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de acordo com o padrão oficial já estabelecido pelo governo federal. Para tanto, foi instituída uma comissão, sob a presidência do professor Lívio Teixeira, com os professores João Baptista Damasco Pena, Aroldo de Azevedo, Isaac Nicolau Salum e Willie Alfredo Maurer. A Faculdade começou a funcionar em 1947 com os cursos de Matemática, Física e Letras. “O Lívio, como não tinha aulas a dar, se desinteressou da Faculdade, ficando a direção praticamente a meu cargo que dava o maior número de aulas e vivia praticamente na Faculdade” (MAURER, [199-], p. 32).

¹³ Gleb Vassilievich Wataghin foi um físico ucraniano, naturalizado italiano, nascido na cidade de Birsula. Foi um líder científico que deu grande impulso às pesquisas no Brasil. Professor e pesquisador em Física na USP, foi tutor de, entre outros, César Lattes, Oscar Sala, Mário Schenberg, Roberto Salmeron, Marcelo Damy de Souza Santos e Jayme Tiomno. O Instituto de Física Gleb Wataghin, da Unicamp, foi nomeado em sua homenagem.

Maurer também foi professor de Física no Externato Elvira Brandão, onde tinha como aluna uma sobrinha do professor José Egídio, proprietário do curso preparatório para vestibular Pandiá Calógeras. Ambos lecionavam no Mackenzie, entretanto não se conheciam, pois atuavam em departamentos diferentes. Contudo, foi tão elogiado por sua aluna que o tio dela resolveu convidá-lo a lecionar no Pandiá com uma remuneração bastante razoável para a época.

Aceitei e desde então nos tornamos grandes amigos. Tanto era sua deferência para comigo que um belo dia me propôs uma sociedade incomum: ele entrava com tudo e eu com nada. Graças a esta generosidade ímpar, eu consegui comprar minha casa em 1950. (MAURER, [199-], p. 32).

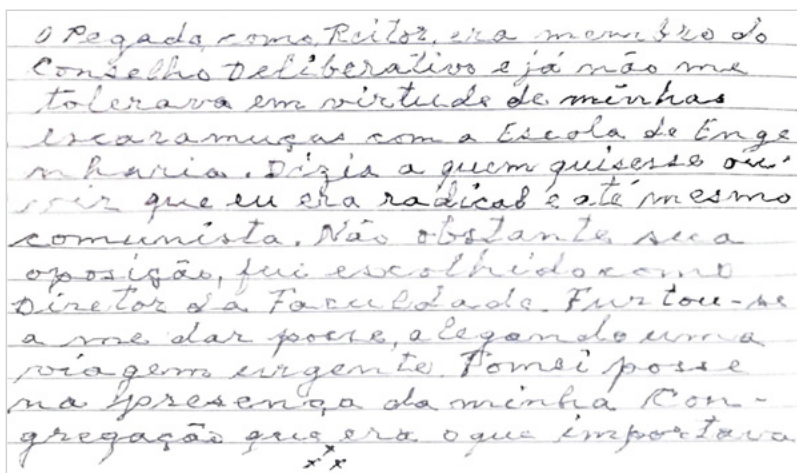
Por volta de 1950, Maurer e a esposa adquiriram um sítio em Mairinque, mas, segundo o relato do senhor Fred Lane (2012a, p. 4),

quem adorava o sítio, na verdade, era a sua mulher, a Pola. Ela trabalhava, plantava, fazia coisas, mexia e tudo mais. Ele chegava no sítio e ficava estudando... (risos). Era sempre a Matemática a preferida da história toda. Mas ele também gostava de fazer as coisas tipo ele mesmo construir a casa. Ele comprou o sítio em um acerto com parentes e lá não tinha casa, só tinha uma casa do caseiro, um casebre de pau-a-pique e ele resolveu construir a casa, então eu ajudei muito, quer dizer (risos) a gente ia derrubar árvore lá no mato para fazer o telhado, assentar os tijolos com barro, enfim montamos a casa todinha, então essa parte ele gostava de fazer. Ele montou um carneiro mecânico para bombear água de um córrego, que passava na parte baixa, no fundo do sítio, para uma caixa situada na parte alta da propriedade pra depois distribuir para a casa. Ele estudava a parte de melhor aproveitamento de tudo. Também montamos lá no sítio, eu e ele, um moinho de vento para bombear água de um poço, carregar baterias. Quer dizer, ele gostava muito de todas essas coisas e o resto era ler Matemática, estudar Matemática.

Em 1952, Maurer passou a lecionar na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, graças à pressão exercida pelos alunos que vinham do cursinho do José Egídio, onde haviam estudado com ele. O curso de

Cálculo Diferencial e Integral era então ministrado por um professor cuja atividade principal era exercida na prefeitura de São Paulo, de modo que seu desempenho nas aulas era insuficiente. Os alunos, descontentes com o curso, solicitaram à direção da Escola a criação da cadeira de Cálculo II e exigiram que ela fosse confiada ao professor Maurer. Além disso, ele ministrava a disciplina de Física, para a qual escreveu uma apostila em dois volumes. Ainda em 1952, foi eleito representante da congregação no Conselho Universitário da Universidade Mackenzie, no qual permaneceu até 1962.

Em 1953, o professor Lívio Teixeira passou a exercer suas funções em tempo integral na USP e foi substituído, interinamente, na direção pelo professor Isaac Salum, que era o vice-diretor e pertencia ao Departamento de Letras. Por essa razão, a congregação se reuniu para elaborar a lista tríplice que seria enviada ao Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, a que caberia a escolha do novo diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Mackenzie. O nome de Maurer foi incluído na lista por unanimidade, à exceção do próprio voto.



O Pegado, como Reitor, era membro do Conselho Deliberativo e já não me tolerava em virtude de minhas escaramuças com a Escola de Engenharia. Dizia a quem quisesse ouvir que eu era radical e até mesmo comunista. Não obstante sua oposição, fui escolhido como Diretor da Faculdade. Furtou-se a me dar posse, alegando uma viagem urgente. Tomei posse na presença da minha Congregação que era o que importava.

Figura 7 – Imagem de trecho das páginas 36 e 37 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: O Pegado, como Reitor, era membro do Conselho Deliberativo e já não me tolerava em virtude de minhas escaramuças com a Escola de Engenharia. Dizia a quem quisesse ouvir que eu era radical e até mesmo comunista. Não obstante sua oposição fui escolhido como Diretor da Faculdade. Furtou-se a me dar posse, alegando uma viagem urgente. Tomei posse na presença da minha Congregação que era o que importava.

Algum tempo depois, os alunos, em razão do bom relacionamento com o professor Maurer, fizeram-no sócio honorário do Centro Acadêmico de Filosofia da Universidade Mackenzie.

Segundo Maurer (199-), nem tudo em sua carreira foi triunfo. Sua luta mais improfícua na Universidade Mackenzie girou em torno do valor dos salários, que, além de mesquinhos, eram injustos, porque eram calculados com base no número de alunos em sala de aula. Em razão desse cálculo, os professores da FFCL recebiam menos que os da Escola de Engenharia e da Faculdade de Direito. Essa luta o dispôs com a Administração e até mesmo com parte do Conselho Universitário. “O Reitor que, nesta época, já era o Thut, recebeu de mim um ofício assaz franco e contundente que naturalmente não surtiu nenhum efeito positivo. Era um servil serviço da Administração” (MAURER, [199-], p. 40).

Considerado uma pessoa justa e imparcial — em parte, por sua atuação em prol da classe de professores —, Maurer foi chamado pelos alunos para mediar conflitos de greve.

Não posso deixar de falar nas greves repetidas dos alunos da Engenharia. Quase sempre os alunos tinham uma boa dose de razão, sobretudo quando se revoltavam contra mestres incompetentes. Em uma dessas greves, a mais acirrada e demorada, os alunos vieram me procurar para servir de mediador entre eles e o CTA da Escola (Centro Técnico Administrativo). Embora de má vontade, o CTA cedeu, mas minha missão fracassou. Como último recurso, apelaram para Brasília, que enviou um emissário cujo nome não me lembro, que, mediante promessas que não seriam cumpridas, conseguiu conciliar o inconciliável e a greve terminou sem que nada mudasse. (MAURER, [199-], p. 40).

Em 1960, foram publicadas algumas reportagens no jornal *Folha de S. Paulo*, em que o professor aparece, de fato, como mediador nas negociações entre os alunos e o Centro Técnico Administrativo da Universidade Mackenzie.

Além de outras atividades profissionais, Maurer foi convidado a integrar a congregação especial da FFCL da USP por ocasião dos concursos para provimento efetivo das cadeiras de Física Geral e Experimental (1954)

e de Física Nuclear (1962) e para livre-docência das cadeiras de Análise Matemática, Física Nuclear e Cálculo Infinitesimal (1962). Em 1959, foi membro da comissão julgadora do concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático de Matemática da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), de Piracicaba/SP.

Entre outras atividades acadêmicas, representou a FFCL da Universidade Mackenzie na XII Conferência Nacional de Educação, realizada em Salvador/BA no período de 1º a 9 de julho de 1956, e no Simpósio das Faculdades de Filosofia, realizado em Brasília/DF em 1963. Também foi membro da comissão organizadora da XIII Conferência Nacional de Educação em 1961.

Em 1956, foi procurado pela Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme) para elaborar o plano do manual destinado ao ensino de Matemática do curso ginasial. Em 12 de abril daquele ano, ele enviou uma carta em resposta, à qual seguiu anexa a proposta elaborada por ele.

Cabe ressaltar que Maurer foi um dos sócios-fundadores da Sociedade de Matemática de São Paulo. Ele participou do III Simpósio Nacional do Ensino de Física, organizado pela Sociedade Brasileira de Física, da qual também era sócio.

Em 23 de setembro de 1960, foi assinado por Maurer, como diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, o ato de criação do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM), posteriormente transformado no Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM). No anexo, aparecem as reproduções desse documento, seguido de transcrição, bem como da notícia sobre o início das atividades do GRAM que foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 9 de outubro de 1960.

Em 1961, o professor Maurer, também como diretor, apoiou a criação do Grupo de Estudo do Ensino da Matemática (GEEM) de São Paulo. Conforme relato do professor Pierre Kaufmann (2012, p. 5):

Em um de seus mandatos de Diretor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, foi criado um grupo de estudo para o

ensino da Matemática moderna liderado pelo professor Oswaldo Sangiorgi¹⁴ e mais uma vez foi um empreendimento muito estimulado pelo professor Willie Maurer. O professor Willie tinha essa característica, ele estimulava, ele promovia empreendimentos e, quando ele achava que era sério, dava todo apoio, fomentava e o mais interessante é que ele não queria ser o diretor, o patrão, essa coisa toda. Realmente como pessoa humana é uma das pessoas mais admiráveis que eu conheci. Foi meu inspirador, sem dúvida alguma.

Em março de 1963, terminava o segundo mandato do professor Maurer como diretor da referida faculdade. Ele não tinha pretensão de continuar na direção. “Aliás, eu já era demissionário, mas o vice-diretor Damasco Penna¹⁵, meu substituto legal, negou-se a assumir o cargo por solidariedade comigo. Um gesto verdadeiramente incomum que não podia deixar de me sensibilizar profundamente” (MAURER, [199-], p. 41).

Em abril desse mesmo ano, por indicação dos professores Lacaz Netto¹⁶

14 Por meio de convênio com a Secretaria de Educação, Sangiorgi obteve a liberação de ponto para a participação de 25 professores da rede pública. Essa atividade abriu caminho para a criação, aos moldes do School Mathematics Study Group, dos EUA, do GEEM, em outubro de 1961. A professora Renate Gompertz Watanabe guarda, em seu acervo pessoal, o diploma recebido no curso. Nele consta “Curso de Especialização em Matemática”, com aprovação nas provas e nos trabalhos exigidos, nas disciplinas de “Lógica Matemática e Aplicações”, “Teoria dos Conjuntos”, “Álgebra Moderna” e “Seminários de Ensino de Matemática”. Assinam o documento o reitor da Universidade Mackenzie, Henrique Thut; o diretor da Faculdade de Filosofia, Willie Maurer; o professor George Springer, da Universidade de Kansas (EUA); o professor Oswaldo Sangiorgi, da Universidade Mackenzie, e os professores Luiz Jacy Monteiro e Alésio De Caroli, ambos da USP.

15 João Batista Damasco Penna foi professor do Colégio Universitário anexo à USP, da Universidade Mackenzie e do Colégio Rio Branco em São Paulo. Foi o diretor da coleção Atualidades pedagógicas, da Companhia Editora Nacional. Fizeram parte dessa coleção os livros do intelectual cubano Alfredo Miguel Aguayo.

16 Francisco Antônio Lacaz Netto nasceu em 6 de fevereiro de 1911 na cidade de Guaratinguetá/SP. Graduiu-se em Farmácia em 1929 e em Engenharia Geográfica em 1932 pela Escola Politécnica da USP e em Matemática em 1936 pela FFCL, também da USP. Foi professor em diversos colégios na cidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Universidade Mackenzie, na USP e na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Em 1950, ingressou no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), onde foi professor adjunto, titular, conferencista e professor emérito. Também foi reitor do ITA de 1966 a 1973. Escreveu 25 livros e diversos artigos e monografias sobre Matemática.

e Leônidas Hegenberg¹⁷, ambos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), o professor Maurer foi procurado pelo professor Gabriel Roriz¹⁸, diretor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás (UFG), para convidá-lo a participar da criação do Instituto de Matemática dessa universidade. O Instituto de Física seria organizado por João N. Martins, então professor de Física no ITA.

Na época, os professores da UFG Gabriel Roriz, Marcelo Cunha Moraes, vice-diretor da Escola de Engenharia, e Helder Rocha Lima, representante da Congregação da Escola de Engenharia no Conselho Universitário, estavam entusiasmados com a ideia de criação dos institutos de pesquisa como preconizada pela Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (Cosupi)¹⁹. Eles pretendiam criar os institutos de Matemática e de Física na UFG com o beneplácito do reitor à época, professor Colemar Natal e Silva.

17 Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg nasceu em 14 de março de 1925 na cidade de Curitiba/PR. Em 1947, ingressou na FFCL do Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde se graduou em Matemática e Física. Nesse período, destacaram-se como seus mestres os professores Abraão de Moraes, Francisco A. Lacaz Netto e Willie A. Maurer. O professor Leônidas teve um papel muito importante na história da Lógica, principalmente pela divulgação dessa disciplina no Brasil com a publicação de vários livros e artigos. Trabalhou 38 anos (1950–1988) no ITA e também em outras instituições de ensino superior no Brasil.

18 Gabriel Roriz nasceu na cidade de São João del Rei, em Minas Gerais, onde concluiu o curso de Engenharia Civil em 1947. No princípio do ano seguinte, mudou-se para a cidade de Araguari/MG com o intuito de trabalhar na Companhia Estrada de Ferro Goiás. Em 1949, recebeu uma proposta para atuar no projeto de construção do prolongamento da estrada de ferro de Goiânia para Mato Grosso e mudou-se para Goiânia. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Engenharia (FE) da UFG (criada a partir da incorporação da Escola de Engenharia do Brasil Central à UFG). É considerado o grande mentor da proposta de implantação do Instituto de Matemática e Física (IMF) dentro da UFG.

19 A Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (Cosupi) foi criada pelo Decreto n. 49.355 de 28 de novembro de 1960, pelo então presidente da República Juscelino Kubitschek. Tinha como objetivo modificar as estruturas das universidades brasileiras e das Escolas Superiores de Tecnologia, visando promover reformulações profundas em relação às cátedras e à carreira docente dessas instituições. Por meio do apoio à formação de técnicos para elevar o seu nível de conhecimento e também ao aumento do número de vagas nos cursos de Engenharia, buscava fomentar o desenvolvimento social do país.

Maurer, a princípio, tinha a intenção de recusar o convite, mas, após conversar com Apolônia, sua esposa, que concordou em ir a Goiânia, resolveu fazer uma visita de alguns dias à UFG, acompanhado de João Martins e Gabriel Roriz.

Chegamos à tardinha onde esperavam o Marcelo e Dona Lurdes, esposa do Gabriel. Hospedaram-nos no Hotel Dom Bosco, pouco confortável. Em se tratando de dinheiro público, o Gabriel era bastante pão-duro. À noite, o Marcelo nos levou de automóvel a ver a cidade. Fiquei em Goiânia até 5ª feira, véspera da paixão. Voltei mais ou menos comprometido de aceitar. (MAURER, [199-], p. 42).

No dia 13 de abril de 1963, Willie Maurer, de volta a São Paulo, teve um desmaio em consequência de uma hemorragia de úlcera e foi internado no Hospital Samaritano de São Paulo, onde permaneceu por uma semana. Internado, solicitou ao seu secretário da FFCL da Universidade Mackenzie, Raul Anacleto, que avisasse, por telegrama, Gabriel Roriz, em Goiânia, que, devido ao seu estado de saúde, não sabia se retornaria. “Enquanto estava hospitalizado, recebi uma carta extremamente comovedora dos meus alunos da faculdade que me fez chorar, certamente por estar muito debilitado. Guardo essa carta com todo carinho até hoje” (MAURER, [199-], p. 44). Em sua autobiografia, ele faz a transcrição completa do que os alunos escreveram. Para Maurer ([199-], p. 45), “Sois um educador”, a última frase escrita na carta, “vale por um diploma conferido por quem tem competência para julgar”.

Em maio de 1963, já com a saúde reestabelecida, o professor Willie Maurer voltou para Goiânia, dessa vez em companhia da esposa. Em 21 de maio, foi contratado pela UFG com a incumbência de organizar e estruturar o Instituto de Matemática. Já se encontrava na capital goiana o professor João Martins, que, inicialmente, estava encarregado da criação do Instituto de Física. Contudo, sem ter ainda nenhum plano definido, ele retornou ao ITA por motivos pessoais. Para substituí-lo, foi convidado o professor Nicolau Jannuzzi, que também não permaneceu no cargo. Sozinho e com a missão de criar os dois institutos, Willie Maurer propôs ao reitor e ao Conselho Universitário que fosse criado um único instituto

que contemplasse a Matemática e a Física, visto que a universidade tinha poucos recursos humanos, materiais e financeiros e um número reduzido de alunos. Uma vez aprovada a proposta, Maurer iniciou os trabalhos para criação do Instituto de Matemática e Física (IMF) da UFG, conforme contrato de trabalho firmado com a instituição em 1963.

Para um melhor entendimento sobre a criação do IMF, faz-se necessária uma breve contextualização a respeito da origem da UFG, que foi criada em 14 de dezembro de 1960, por meio da Lei n. 3.834-C, com a união de cinco escolas superiores já existentes no estado de Goiás: a Faculdade de Direito (fundada em 1898 na Cidade de Goiás, antiga capital estadual), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1945), a Escola de Engenharia do Brasil Central (1952), o conservatório de Música (1956) e a Faculdade de Medicina (1960).

Sua criação tornou possível a materialização do antigo sonho da sociedade goiana de criar a Universidade do Brasil Central, conforme proposta aprovada pela Assembleia Legislativa Estadual por meio da Lei n. 192, de 20 de outubro de 1948. Apesar de essa universidade não ter sido de fato instalada, a lei que a criou deixou no povo e no meio estudantil goiano a convicção de que Goiás precisava de uma universidade.

Em 1957 e 1958, a Escola de Engenharia atravessou uma crise muito grande e quase fechou, “ficou sem aula quase um semestre, com um único professor dando aulas”, segundo afirmação do professor Orlando Ferreira de Castro²⁰ (2010, p. 35). Numa tentativa de salvar a situação da escola, o professor Orlando se candidatou a presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia. Eleito, aproveitou seu conhecimento a respeito dos processos do Conselho Nacional de Educação e passou a discutir e a propor a federalização do ensino superior goiano nas reuniões do Diretório Acadêmico. No dia 23 de abril de 1959, em assembleia na sede da

²⁰ Orlando Ferreira de Castro, natural de Buriti Alegre/GO, fez o curso primário em sua cidade natal e o Curso Ginásial e Científico no Colégio Dom Bosco, em Goiânia, no período de 1944 a 1951. Concluiu o curso superior na Escola de Engenharia do Brasil Central em 1959. Foi professor na Escola de Engenharia e na Faculdade de Artes Visuais da UFG.

União Estadual dos Estudantes, ele foi escolhido como presidente de uma entidade informal chamada de Frente Universitária Pró-Ensino Federal. Nessa assembleia, foi pronunciado, pela primeira vez entre os estudantes presentes, o nome Universidade Federal de Goiás.

A partir da instalação da Frente, iniciou-se uma enorme campanha pela criação da Universidade, o que incluiu visitas a instituições, autoridades e pessoas influentes com o objetivo de obter apoio para a causa. Nessa época, a Escola de Engenharia do Brasil Central tinha cerca de 40 alunos. Apesar de pequena, a turma lutou muito pela federalização, que era vista como a salvação da crise instalada na escola. Para reforçar o movimento, a Frente buscou o apoio da Faculdade de Farmácia e Odontologia e também da Faculdade de Direito de Goiás. Esta última, por sua grande quantidade de alunos e pela própria característica do curso, uniu-se ao movimento.

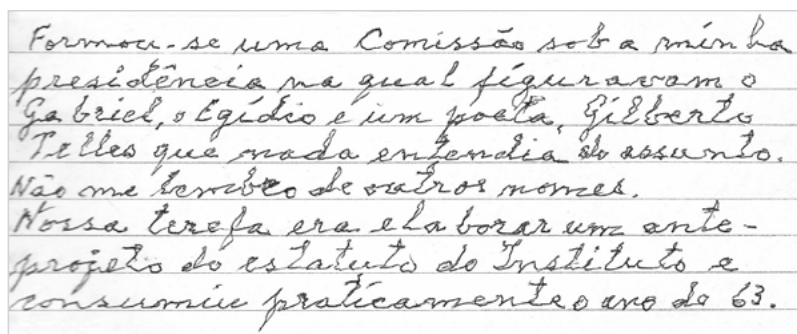
A participação dos alunos foi intensa. Promoveram comícios, tomaram parte em debates, fizeram várias viagens ao Rio de Janeiro e a Brasília, confeccionaram diversas faixas e as fixaram pelas ruas de Goiânia e, principalmente, deram imenso apoio ao professor Colemar Natal e Silva²¹, que tinha aderido ao movimento estudantil. Integrava a campanha o aluno da Faculdade de Farmácia Manoel Berilo, que, amigo do deputado federal Gerson de Castro Costa, solicitou ao congressista respaldo no sentido de propor o projeto de lei que criaria a UFG. Costa se comprometeu com uma comissão de alunos a apresentar o projeto, o que ocorreu em junho de 1959, provocando uma grande movimentação na comunidade estudantil goiana. No ano seguinte, o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, sancionou a criação da UFG por meio da Lei n. 3.834-C.

Quanto à criação e ao desenvolvimento do IMF, o professor Juarez Milano relatou, em seu pronunciamento na comemoração dos 23 anos do

²¹ Colemar Natal e Silva nasceu em Niquelândia/GO no dia 24 de agosto de 1907. Fez o estudo primário na Cidade de Goiás e o ginásio no Colégio Lyceu de Goiás. Fez o curso jurídico na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi professor na Faculdade de Direito de Goiás e secretário da comissão encarregada de escolher o local para a edificação de Goiânia. Fundou a Academia Goiana de Letras e a Universidade Federal de Goiás, sendo seu primeiro reitor. Faleceu em Goiânia em 23 de fevereiro de 1996.

Instituto, que duas instituições influenciaram diretamente esse processo: o ITA, fundado em 16 de janeiro de 1950 na cidade de São José dos Campos/SP, e a Universidade de Brasília (UnB), fundada em 21 de abril de 1962 com a promessa de modificar a educação superior vigente no país. A UnB exerceu influência, sobretudo, pela proximidade com a UFG; o ITA, por sua vez, mostrou-se importante em relação ao seu modelo de estruturação da carreira docente, que não era mais organizada em cátedras e sim em departamentos, por meio do estabelecimento de uma escala que se estendia desde o auxiliar de ensino, passando pelos cargos de professor assistente e associado, até o posto de professor titular. A ascensão na carreira era pautada especialmente no aperfeiçoamento do docente com cursos de pós-graduação e em sua produção científica. Do ITA saíram professores, pesquisadores, engenheiros e técnicos que se espalharam pelo país, seguindo inclusive para o estado de Goiás, e disseminaram as práticas adotadas lá, entre elas os regimes de trabalho de tempo integral e de dedicação exclusiva.

Durante o ano de 1963, os professores Gabriel Roriz, Marcelo da Cunha Moraes e Elder Rocha Lima, todos da Escola de Engenharia da UFG, contando com o apoio da comunidade estudantil goiana e com a experiência e o conhecimento do educador Willie Maurer, dedicaram-se ao projeto de criação e instalação do Instituto de Matemática e Física da UFG, organizando-o principalmente conforme os moldes do ITA.



Formou-se uma Comissão sob a minha presidência na qual figuravam o Gabriel, o Egidio e um poeta, Gilberto Telles que nada entendia do assunto. Não me lembro de outros nomes. Nossa tarefa era elaborar um anteprojeto do estatuto do Instituto e consumiu praticamente o ano de 63.

Figura 8 – Imagem de trecho da página 46 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Formou-se uma comissão sob a minha presidência na qual figuravam o Gabriel, o Egidio e um poeta, Gilberto Telles, que nada entendia do assunto. Não me lembro de outros nomes. Nossa tarefa era elaborar um anteprojeto do estatuto do Instituto e consumiu praticamente o ano de 63.

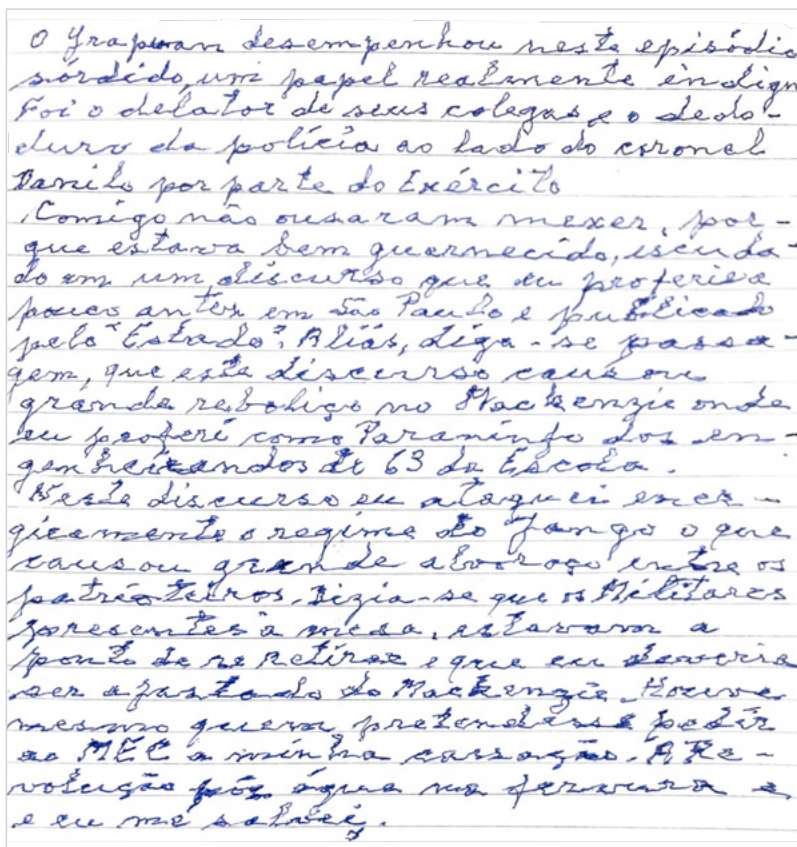
Segundo Maurer ([199-]), findos os trabalhos da comissão, o projeto para a criação do IMF foi enviado ao Conselho Universitário, que aprovou a proposta. Apesar da aprovação ter ocorrido em novembro de 1963, o IMF só iniciou suas atividades acadêmicas no dia 16 de março de 1964 com a aula inaugural ministrada pelo professor Colemar Natal e Silva, reitor da UFG, que foi convidado, com o Ofício n. 02/1964, pelo professor Willie Maurer, designado como diretor do IMF desde 28 de novembro de 1963, por meio da Portaria n. 186/1963.

A partir de dezembro de 1963, o professor Willie Maurer, empossado diretor do recém-criado IMF, passou a enfrentar outro desafio, o de contratar pessoal especializado para o funcionamento adequado do Instituto. Naquela época, não havia em Goiás um número suficiente de profissionais com habilitação desejável em Matemática e Física. Os poucos existentes estavam lotados na Escola de Engenharia da UFG, o que demandou, então, a busca de reforços fora do estado. Esta foi uma tarefa difícil, pois a instalação do IMF ainda não tinha se efetivado e, à época, a atuação universitária goiana não era conhecida no cenário científico.

Em março de 1964, foi celebrado o segundo contrato de trabalho entre o professor Willie e a UFG, pelo período de doze meses, compreendidos entre 1º de março de 1964 e 28 de fevereiro de 1965. Para exercer o cargo de diretor do IMF, ele recebeu uma gratificação com base na Portaria n. 43/64. Nesse período, o professor Maurer não lecionou devido aos encargos de direção do Instituto.

Com o Golpe Militar, também denominado “Revolução de 64”, encerrou-se o governo do presidente João Goulart e começou a ditadura militar, que durou até 1985. Essa mudança no cenário político nacional afetou profundamente a UFG. O reitor Colemar Natal e Silva criou, então, uma comissão cujos membros, que eram os líderes da “corrente dos oportunistas”, cumpriam o trabalho de encaminhar ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) uma lista com os nomes dos professores e funcionários da universidade, assinalando aqueles que defendiam ideias contrárias às do regime no poder. Em razão das informações colhidas, vários professores da Escola de Engenharia, ligados à “corrente dos

idealistas”, foram sumariamente afastados por portaria do reitor sob a acusação de realizarem atividades subversivas, entre eles os professores Gabriel Roriz, Marcelo Cunha Moraes e Elder Rocha Lima.



O Yrapuan desempenhou neste episódio sórdido, um papel realmente indigno. Foi o delator de seus colegas e o dedo-duro da polícia ao lado do coronel Danilo por parte do Exército. Comigo não ousaram mexer, porque estava bem guarnecido, escudado em um discurso que eu proferi pouco antes em São Paulo e publicado pelo "Estado". Aliás, diga-se passagem, que este discurso causou um grande reboliço no Mackenzie onde eu proferi como Paraninfo dos Engenheiros de 63 da Escola. Neste discurso eu ataquei energeticamente o regime do Jango o que causou grande alvoroço entre os patrioteiros. Dizia-se que os Militares presentes à mesa, estavam a ponto de se retirar e que eu deveria ser afastado do Mackenzie. Houve mesmo quem pretendesse pedir ao MEC a minha cassação. A Revolução foi água na fervura e eu me salvei.

Figura 9 – Imagem de trecho das páginas 47 e 48 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: O Yrapuan [sic] desempenhou neste episódio sórdido, um papel realmente indigno. Foi o delator de seus colegas e dedo-duro da polícia ao lado do Coronel Danilo por parte do Exército. Comigo não ousaram mexer, porque estava bem guarnecido, escudado em um discurso que eu proferi pouco antes em São Paulo e publicado pelo "Estado". Aliás, diga-se de passagem, que este discurso causou grande reboliço no Mackenzie onde eu proferi como Paraninfo dos Engenheiros de 63 da Escola. Neste discurso eu ataquei energeticamente o regime de Jango o que causou grande alvoroço entre os patrioteiros. Dizia-se que os Militares presentes à mesa, estavam a ponto de se retirar e que eu deveria ser afastado do Mackenzie. Houve mesmo quem pretendesse pedir ao MEC a minha cassação. A Revolução foi água na fervura e eu me salvei.

Em 1965, mesmo estando desvinculado da UFG, o professor Willie Maurer enviou à Reitoria da instituição uma declaração em defesa

desses três professores e relata em sua autobiografia o papel de Irapuan²² Costa Júnior nesse epispódio.

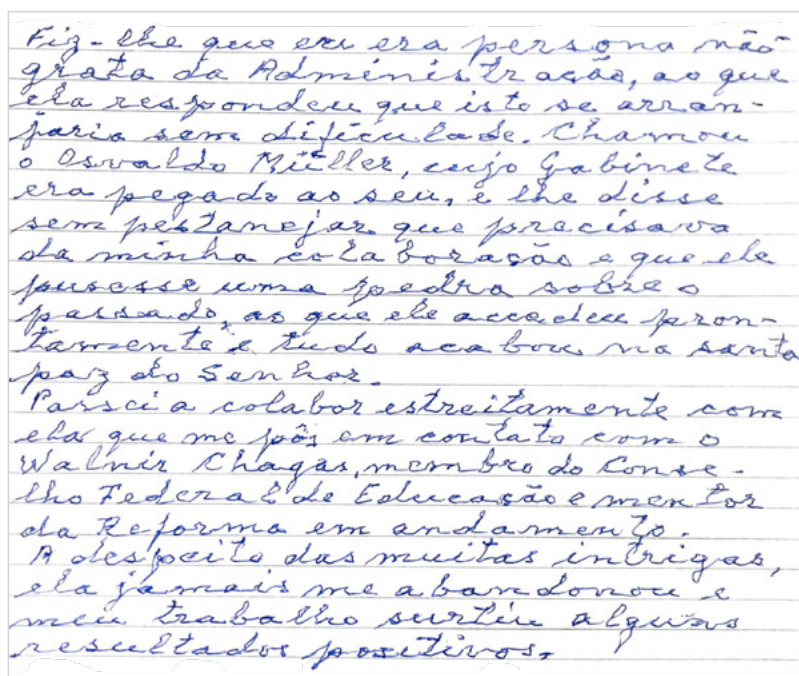
No final do ano de 1964, expirou a licença de dois anos que o professor Maurer tinha conseguido na Universidade Mackenzie. Ele teria, portanto, que optar entre retornar ou permanecer em Goiânia. Foi definitiva para sua escolha a visita que fez a São Paulo na qual foi procurado pelos então vice-presidente e tesoureiro do Instituto Presbiteriano Mackenzie, respectivamente, Guaracy Adiron Ribeiro e coronel Theodoro de Almeida Pupo, que pediram sua colaboração caso vencessem o embate contra o presidente Oswaldo Müller da Silva no Conselho Deliberativo do Instituto. Diante da situação, Maurer decidiu-se por reassumir suas funções na Universidade Mackenzie e pedir demissão da UFG. Sua decisão foi comunicada ao reitor da UFG por meio do Ofício n. 32/1965, de 15 de fevereiro de 1965. Como substituto, indicou o professor Juarez Milano por considerá-lo o mais capacitado para dar continuidade às atividades do IMF nos moldes estabelecidos. Assim, o professor Maurer se manteve como diretor do IMF até 25 de fevereiro de 1965, data em que remeteu o Ofício n. 41/1965 por meio do qual entregou o cargo ao professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, reitor da UFG desde novembro de 1964.

Depois disso, vivenciou uma breve passagem na UnB no ano de 1966, quando foi convidado pelo professor Laerte Ramos de Carvalho, reitor dessa instituição à época, para integrar uma comissão encarregada de organizar o Instituto de Tecnologia da UnB. Após aceitar o convite, o professor Maurer passou alguns dias em Brasília para conhecer a real situação em que se encontrava o Instituto e, ao final da visita, entregou um relatório pouco animador ao professor Laerte. Após sua terceira visita,

²² Irapuan Costa Júnior nasceu no dia 23 de dezembro de 1937. Formou-se em Engenharia Civil e Física Atômica e Nuclear pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Professor da Escola de Engenharia da UFG, fundador e Diretor da Engenharia e Comércio Ltda (ENCOL). Presidente do Banco Brasileiro Comercial S/A (BBC); Diretor Técnico e Presidente da Centrais Elétricas de Goiás (CELG). Foi Prefeito da cidade de Anápolis/GO em 1973, Governador do Estado de Goiás (1975–1979); Deputado Federal (1983–1987), PMDB/GO e Senador (1987–1995).

Maurer apresentou à reitoria da UnB algumas exigências para sua permanência na comissão. Como não foi atendido, desligou-se dela.

De volta ao Instituto Mackenzie, tomou conhecimento da decisão do Conselho Deliberativo de demitir o vice-presidente e o tesoureiro dos seus cargos, mantendo na presidência o senhor Oswaldo Müller. Mesmo com essa decisão desfavorável, o professor Maurer não teve outra opção a não ser permanecer na instituição, contudo não reassumiu suas cadeiras na Escola de Engenharia e limitou-se a desempenhar suas atividades docentes na FFCL da Universidade Mackenzie. Apesar do ambiente um pouco hostil, foi convidado pela reitoria da época para colaborar na elaboração do novo estatuto da universidade e no projeto da reforma universitária.



Fiz-lhe saber que eu era persona não grata da Administração, ao que ela respondeu que isto se arranjaria sem dificuldade. Chamou o Oswaldo Müller, cujo Gabinete era pegado ao seu, e lhe disse sem pestanejar que precisava da minha colaboração e que ele pusesse uma pedra sobre o passado, ao que ele atendeu prontamente e tudo acabou na santa paz do Senhor. Passei a colaborar estreitamente com ela que me pôs em contato com o Waldir Chagas, membro do Conselho Federal de Educação e mentor da Reforma em andamento. A despeito das muitas intrigas, ela jamais me abandonou e meu trabalho surtiu alguns resultados positivos.

Figura 10 – Imagem de trecho da página 55 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Fiz-lhe saber que eu era persona não grata da Administração, ao que ela respondeu que isto se arranjaria sem dificuldade. Chamou o Oswaldo Müller, cujo Gabinete era pegado ao seu, e lhe disse sem pestanejar que precisava da minha colaboração e que ele pusesse uma pedra sobre o passado, ao que ele atendeu prontamente e tudo acabou na santa paz do Senhor. Passei a colaborar estreitamente com ela que me pôs em contato com o Waldir Chagas, membro do Conselho Federal de Educação e mentor da Reforma em andamento. A despeito das muitas intrigas, ela jamais me abandonou e meu trabalho surtiu alguns resultados positivos.

Como consta em sua autobiografia, Maurer remeteu um ofício em maio de 1969, colocando à disposição da reitora da época, doutora Esther de Figueiredo Ferraz²³, o cargo de presidente da Comissão de Implantação da Reforma Universitária da Universidade Mackenzie por não ter conseguido apoio da comunidade universitária. Como seu afastamento foi negado, em junho do mesmo ano, ele enviou um novo ofício, reiterando os termos do comunicado anterior em caráter irrevogável e explicitando os motivos que o levaram a tomar a decisão. O professor Pierre Kaufman (2012, p. 3) descreve esse processo de desligamento da seguinte forma:

sei que lá “pelas tantas”, ele acabou tendo uns desentendimentos com a entidade mantenedora, [...] entrou em rota de colisão com a administração da universidade, por não concordar com a situação imposta na época. [...] onde o clima de trabalho pra ele ficou bastante insustentável e ele pediu demissão, foi quando ele foi pra Goiás.

No final do ano de 1969, o professor Maurer resolveu se aposentar e, em fevereiro de 1970, desligou-se definitivamente da Mackenzie. Quando já estava certa a aposentadoria, foi convidado pelo professor Juarez Milano para retornar ao IMF da UFG. Depois de aceitar o convite, voltou para Goiânia com a ideia de se instalar na cidade em definitivo. Em 1970, foi contratado novamente pela UFG, onde permaneceu até 1972. Nesse segundo momento na instituição, ficou mais ligado ao Departamento de Física do IMF²⁴. Nessa época, segundo Maurer, ele alugou uma casa próxima à residência do professor Gabriel Roriz. Entretanto, sua permanência em Goiás foi mais breve do que a pretendida. Sua esposa não se adaptou ao clima da capital goiana e retornou para São Paulo no final de 1970. Além disso, ele sofreu uma série de problemas de saúde.

²³ Esther de Figueiredo Ferraz (1915–2008) foi advogada, professora e secretária do estado em São Paulo. Foi a primeira mulher a ocupar o posto de ministra da Educação, o que ocorreu durante o governo do general João Figueiredo, de 1982 a 1985. Também foi a primeira reitora da Universidade Mackenzie.

²⁴ Posteriormente, as salas da diretoria e da secretaria do Instituto receberam seu nome como homenagem.

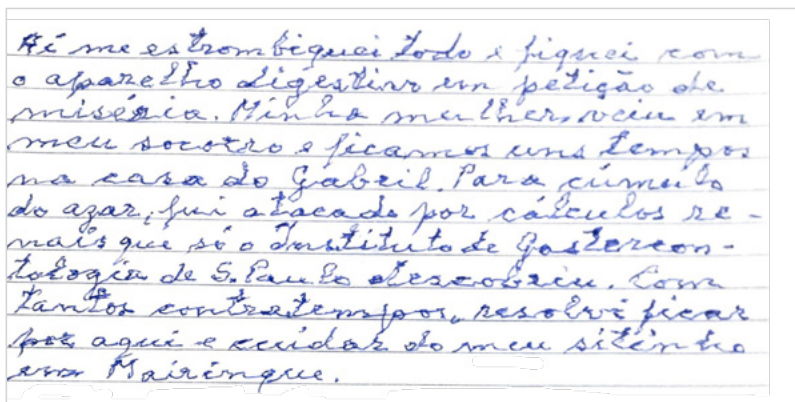


Figura 11 – Imagem de trecho da página 59 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Ai me estrambiquei todo e fiquei com o aparelho digestivo em petição de miséria. Minha mulher veio em meu socorro e ficamos uns tempos na casa do Gabriel. Para cúmulo do azar, fui atacado por cálculos renais que só o Instituto de Gastroenterologia de São Paulo descobriu. Com tantos contratempos resolvi ficar por aqui e cuidar do meu sitinho em Mairinque.

No final de 1971, o professor Willie Maurer solicitou sua rescisão contratual com a UFG, concretizada pela Portaria n. 1.517/1971, que foi assinada pelo reitor no dia 29 de dezembro desse ano. De volta a São Paulo, o professor Maurer passou a se dedicar à família, aos afazeres em seu sítio em Mairinque/SP e também à escrita do livro *O culto da mediocridade eficiente*, que não foi publicado. Nos anos de 1974 e 1975, foi assessor do Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional (Cenafor)²⁵, em São Paulo.

No dia 23 de abril de 1975, perdeu sua esposa, vítima de câncer. Para o senhor Fred Lane (2012a, p. 5), “o Willie foi sempre fixado numa pessoa só, claro na esposa, quer dizer, ele era um cara assim, de uma retidão total, muito correto. Depois que a esposa morreu, ele foi morar comigo e a Silvia para não ficar sozinho”.

Em 1976 e 1977, o professor Maurer trabalhou na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde lecionou disciplinas de Matemática

²⁵ O Cenafor foi instituído pelo Decreto-Lei n. 616, de 9 de junho de 1969, sob a forma de fundos, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura com sede e foro na cidade de São Paulo/SP, cuja finalidade era a preparação e o aperfeiçoamento de docentes, técnicos e especialistas.

na Faculdade de Engenharia. Nessa instituição, foi homenageado como paraninfo de duas turmas de formandos do curso de Engenharia Civil.

No período de 1978 a 1981, ele voltou a morar com sua filha em São Paulo, dedicando-se à leitura, principalmente de textos de Matemática.

Então, na época a Silvia trouxe ele para morar na nossa casa. Aí ele ficou morando lá, e realmente foi envelhecendo e foi impressionante como o Willie foi definhando, quer dizer, foi encurvando coisa e tal. Mas, mesmo assim, você chegava perto e ele tava lá com livro. Então, eu brincava que ele tava lendo a mesma página o dia inteiro... (risos). Ele lia, cochilava e depois voltava a ler de novo, quer dizer, a ideia dele era ler Matemática. [...] se ele ficasse em São Paulo, ele ficava estudando Matemática; se ele fosse para o sítio, ele ficava estudando Matemática. Ele fazia as coisas no sítio assim, o que interessava, mas, basicamente, a ideia dele era Matemática e, que eu me lembro, ele não tinha hobby nenhum (LANE, 2012a, p.5).

Em 1982, foi convidado pelo professor Augusto Fleury, vice-reitor para assuntos administrativos da Universidade Católica de Goiás (UCG, hoje PUC Goiás), para lecionar no Departamento de Matemática e Física (MAF):

quando ele esteve comigo no início dos anos 80, o que eu achei mais marcante nele, foi perceber que “aquela alegria” ainda estava com ele, que aquela vontade de fazer ainda estava com ele, que ele tinha planos, planos e planos, como se ele estivesse começado tudo outra vez. [...] me impressionava ver uma figura como o professor Willie com tanto entusiasmo, tanta vontade, tantos projetos, tantas expectativas e, também por isso, nós o trouxemos aqui, para a PUC Goiás (SILVEIRA, 2012, p.5).

A administração da UCG justificou a contratação dele sem a realização de concurso, com base em seu currículo e em seu notório saber. O contrato inicial foi como professor adjunto visitante, que, segundo o professor Luiz de Gonzaga Vieira (2012, p. 4–5),

foi uma forma de ele ter uma remuneração que fosse o suficiente para ele se manter em Goiânia, porque ele teria inicialmente que morar em um hotel. [...] Inclusive, o que ele me falou na primeira visita, antes de contratá-lo, foi:

“Luiz, eu quero o suficiente para me manter e fazer minhas viagens, pois precisarei ir a São Paulo pelo menos uma vez por mês. É o que eu quero, não quero ganhar nada, porque o meu prazer é estar trabalhando, estar no convívio universitário, é só isso que quero”.

No dia 30 de julho de 1982, o professor Gonzaga enviou uma carta ao professor Maurer informando-o sobre o andamento de sua contratação, que, após quase um mês, foi formalizada em 23 de agosto de 1982, tendo prazo determinado até 30 de novembro de 1982. Em 1º de março de 1983, seu cargo passou a ser de professor adjunto, com contratação por tempo indeterminado, que veio a se encerrar em 2 de dezembro de 1987.

Conforme Silveira (2012), na década de 1980, a titulação do docente já estava sendo valorizada como requisito para o desenvolvimento institucional tanto na UFG como na UCG, o que não permitiu a contratação de Maurer na categoria de professor titular. “Negociamos a aquisição de um marco referencial para o MAF. [...] ele era um doutor de ideias” (SILVEIRA, 2012, p. 7).

Em sua autobiografia, Willie Maurer ([199-], p. 60) afirma que fez bons amigos na UCG, em especial a inesquecível Maria Angélica, que “se revelou uma amiga devotada e perene. Foi, sem favor, meu anjo da guarda em Goiânia, meu consolo e conforto em todas as agruras. Guardo-lhe, por isso, eterna gratidão e sua imagem querida me acompanhará até o túmulo” (MAURER, [199-], p. 60). Como ela mesma compartilha: “Ele me considerava como uma filha. Não sei explicar como aconteceu essa aproximação tão espontânea, mas às vezes as almas se entendem” (LOMBARDI, 2012, p. 4).

Durante o tempo em que trabalhou na UCG, o professor Maurer morou em um hotel nas proximidades da universidade. Amigo particular da professora Maria Angélica, ele almoçava, normalmente às sextas-feiras, em companhia dela. Segundo a professora, “ele comia igual a um passarinho, comia quase nada, pouquinho mesmo e não comia carne”. Ela acrescenta: “sempre que possível, eu ia lá no hotel levar uma sopinha, uma fruta e lhe fazer companhia e ele dizia assim: Angélica, eu estou pagando para trabalhar, mas é a minha vida” (LOMBARDI, 2012, p. 4).

O professor Armando da Costa (2012) afirma que, habitualmente, levava o professor Maurer até o hotel onde morava. Em uma das oportunidades, foi até o quarto dele e observou que

estava repleto de livros, tinha estante cheia de livros e, em meio a esse amontoado de livros, ficava a cama dele. Um dia cheguei no MAF e ele falou: “Armando, ainda bem que você está aqui”. Então falei: “O que foi professor? Está precisando de alguma coisa?” “Eu quero que você me leve em casa, porque eu não dou conta de ir sozinho hoje”. Falei: “O que foi? O senhor está passando mal?” Ele me falou: “É que eu estou muito depressivo e esqueci de trazer o remédio” (COSTA, 2012, p. 6).

Mesmo morando em Goiânia, o professor Maurer viajava com certa regularidade para São Paulo, onde residiam sua filha e seus netos. Em uma dessas viagens, resolveu trazer seu carro e voltou dirigindo sozinho. Foi quando aconteceu um acidente gravíssimo. De acordo com o senhor Fred Lane (2012a, p. 8),

nessa época, ele vai sozinho num fusca, eu estudei tudo para saber o que tinha acontecido e cheguei à seguinte conclusão: no fim de tarde, quando o sol vai baixando, fica aquela dificuldade para exergar. Ele devia estar bastante cansado, porque já estava próximo de Goiânia, ele também era bem surdo e tinha dificuldades de visão. Imaginei o seguinte, ele estava dirigindo e, provavelmente, o carro balançou na estrada, quer dizer, ele saiu da mão dele e entrou pela contramão e, nesta entrada, na contramão, veio um caminhão do outro lado, o cara do caminhão se assustou com ele completamente na contramão e tirou o caminhão para tentar escapar dele e os grampos da carroceria do caminhão pegaram na frente, na estrutura do fusca, com vidro da frente e tudo, mas com uma velocidade tão grande que o caminhão bateu e arrancou a capota do fusca inteirinha fazendo só “zup”. Não espirrou vidro nem nada nele e ele continuou dirigindo. O caminhão nem parou, o caminhão foi embora, mas houve aquele barulho e, assim, a uns 50 metros do local, tinha um posto de gasolina e aí a turma toda do posto ficou gritando ou, ou, ou... aí acho que ele percebeu e parou, encostou no posto e arrumou um táxi, que o levou para Goiânia. Só depois removeram o fusca para Goiânia para colocar outra capota e, depois do acontecido, acho que ele desistiu de dirigir.

Atendendo aos inúmeros pedidos de sua filha, preocupada com seu estado de saúde, o professor Maurer decidiu encerrar suas atividades na UCG. Em 2 de dezembro de 1987, rescindiu seu contrato e retornou para São Paulo. Nos anos seguintes, passou a dedicar-se à leitura e à escrita de sua autobiografia e de outros livros. Além disso, foi convidado algumas vezes para ministrar palestras e seminários em Goiânia. Conforme seu neto Guilherme Lane (2012b, p. 4), “eu me lembro que ele era bem quietinho aqui em casa, calado, mas, quando voltava de Goiânia, chegava falando muito mais, muito mais empolgado, principalmente a última vez que ele foi, em 1991”.

Os últimos anos de vida do professor Willie foram marcados por problemas de saúde comuns a uma pessoa com idade avançada, mas

ele sempre foi muito ativo. Ele pegava a bengalhinha dele e ia lá embaixo comprar alguma coisa, ele não ficava dependendo dos outros não, sempre queria ajudar aqui em casa, ele falava assim: “deixa que eu lavo a louça”, ele tinha que estar participando. Só que, depois de um tempo, é que ele começou a cair, caiu aqui em casa e se machucou. Caiu lá na Rua Raposo Tavares e ligaram para minha mãe ir buscá-lo. [...] aí ele meio que se entregou, começou a ficar mais na cama, como que desistiu de viver. [...] os dois últimos anos foram ruins. Se alimentava na cama, saía só pra tomar banho e logo tivemos que pôr cama hospitalar. Com isso, ele ficava lendo, o tempo todo lendo, estava de cama, mas a cabeça funcionava cem por cento, era totalmente lúcido e lembrava-se de tudo (LANE, 2012c, p. 6).

O professor Willie Maurer faleceu em casa no dia 16 de maio de 1999, em razão de uma broncopneumonia. Deixou a filha, Silvia Lane (1933–2006); os netos, Ingrid Maurer Lane (1964–), Lilian Maurer Lane (1965–), Guilherme Maurer Lane (1970–) e Eduardo Maurer Lane (1971–), e o bisneto, João Vitor Lane (2002–).

As obras de Maurer

Livros publicados

A obra do professor Willie Maurer se constitui de livros publicados, livros não publicados, discursos e artigos.

Maurer foi autor de livros da área de Matemática do nível ginásial até o superior. Em 1952, quando foi encarregado da cadeira de Cálculo II da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, escreveu uma apostila de Cálculo, em dois volumes, impressos no Centro Acadêmico Horácio Lane da Escola de Engenharia. Nessa mesma época também escreveu uma apostila de Física, em dois volumes.

Em 1953, publicou dois livros direcionados ao preparatório para o vestibular, intitulados *Lições de Geometria Analítica* e *Lições de Trigonometria*. O livro de Geometria Analítica está dividido em 19 lições, totalizando 150 páginas. O livro de Trigonometria contém 17 lições distribuídas em 128 páginas. Em ambos os livros, é feita a demonstração das principais proposições e propriedades. No desenvolvimento de cada lição, são apresentados exemplos e, no final, é proposta uma lista de exercícios com as respectivas respostas.

Em 1958, o professor Maurer, em colaboração com o professor Francisco A. Lacaz Netto, publicou uma coleção de Matemática em quatro volumes, destinada ao curso ginásial. Nas 296 páginas do primeiro volume, são abordados os tópicos: números naturais, inteiros e fracionários com suas

operações fundamentais; números absolutos e relativos; divisibilidade, números primos e sistema legal de medidas. O segundo volume compõe-se de 162 páginas, nas quais são estudadas: operações com potências e raízes; expressões irracionais; polinômios; propriedades das frações algébricas; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita e sistemas lineares com duas incógnitas. No terceiro volume, os temas abordados são divididos em quatro partes:

- Parte I – razões e proporções; regra de três simples e composta; porcentagem e juros simples.
- Parte II – as origens da Geometria; figuras geométricas; ângulos; linhas poligonais; teorema do ângulo externo; mediatriz e bissetriz como lugares geométricos; soma dos ângulos internos e externos de um triângulo; quadriláteros; circunferência e círculos e a correspondência entre arcos e ângulos.
- Parte III – divisão de segmentos de reta e divisão harmônica; linhas proporcionais no triângulo e semelhança de triângulos.
- Parte IV – relações trigonométricas no triângulo retângulo.

O quarto volume contém 176 páginas, distribuídas em duas partes. Na primeira, que contemplou a área de Álgebra, são objeto de estudo: as equações do segundo grau; os sistemas de equações do segundo grau e o trinômio do segundo grau. A segunda parte apresenta tópicos de Geometria e Trigonometria, especificamente: o teorema de Pitágoras; as relações métricas em um triângulo qualquer; as relações métricas no círculo; os polígonos inscritíveis e circunscritíveis; o teorema de Hiparco; o teorema de Pitot; os polígonos regulares e as áreas das figuras planas. Nos quatro volumes da coleção, há exemplos do conteúdo abordado e, no final de cada tópico, é disponibilizada uma lista de exercícios com as respectivas respostas.

Em 1959/1960, foi publicada, pela Livraria Nobel, uma coleção de livros intitulada *Lições de Cálculo Infinitesimal*, que era composta de cinco volumes e se detinha ao ensino superior.

Em 1967, o professor Willie Maurer, com a colaboração da Universidade de São Paulo (USP), publicou a coleção *Curso de cálculo diferencial e integral*, em quatro volumes, pela Editora Edgard Blucher. Essa coleção foi sua obra mais conhecida da comunidade universitária, pois a maioria das bibliotecas das universidades federais do Brasil dispunha e ainda dispõe de exemplares dela. Nos estados onde o professor Maurer atuou profissionalmente, a divulgação foi maior na medida em que alcançou também bibliotecas de instituições em que ele não lecionou. Em São Paulo, ainda são encontrados exemplares para consulta nas bibliotecas da USP, da Unesp e da Unicamp. Sobre essa publicação, Borges (2012, p.4).

Eu tive a honra de adotar alguns livros dele. [...] Os livros de cálculo eu usei todos eles do 1º ao 4º volume. [...] Quanto à exposição, ele escrevia de uma forma leve e, às vezes, pecava pelo excesso de clareza. [...] eram simples, com clareza e com rigor. Continham vários exemplos, bem criativos e oportunos, ou seja, bem elaborados e no lugar certo. A teoria é muito clara e a lista de exercícios é extensa, com exercícios bem fundamentados e com respostas. Seus livros são muito bem estruturados. [...] os alunos usavam os livros do professor Willie Maurer como referência, isso quando não eram adotados.

O professor Adelino Pimenta afirma ter utilizado em suas aulas na PUC Goiás, os livros de Cálculo, que “para aquela época, na década de 80, era um livro bastante expressivo. Se eles estivessem sendo aprimorados, talvez hoje poderiam ser uma excelente obra didática para o ensino de cálculo” (PIMENTA, 2012, p. 5). A professora Bercholina Alves também afirma ter utilizado os livros de Cálculo quando cursava Licenciatura em Matemática na PUC Goiás e também depois, quando se tornou professora na mesma instituição. “Eu usava seus livros, principalmente por conter bastantes aplicações na Física e Engenharia. [...] Acredito que qualquer curso de Cálculo que eu for ministrar nos dias de hoje é perfeitamente possível desenvolver usando os livros de cálculo dele” (LAVES, 2012, p. 4). Com base nessas afirmações, percebe-se a relevância da obra, principalmente por se tratar de uma publicação de

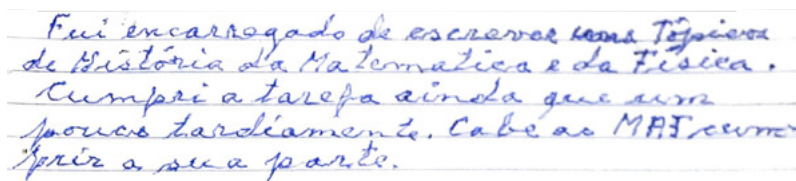
excelente qualidade em uma época em que havia uma carência de livros escritos em Língua Portuguesa que se dedicassem ao ensino desse conteúdo.

A coleção de livros de Cálculo Diferencial e Integral originou-se da apostila de Cálculo II (1952) e dos livros de Lições de Cálculo Infinitesimal (1960). Mesmo com as modificações tanto na disposição como no aprofundamento das exposições, Maurer conservou o caráter didático predominante nas obras de referência. A coleção foi dividida em quatro volumes, de forma que os conteúdos pudessem atender aos currículos dos cursos superiores da área de Ciências Exatas instituídos com a Reforma Universitária de 1968. Cada volume se destinava a um semestre letivo dos dois primeiros anos desses cursos, que eram denominados cursos básicos.

O volume 1 trata de um curso introdutório ao Cálculo Infinitesimal, justificando sua origem por meio de problemas das áreas de Física e Geometria. O livro contém cerca de 1.200 exercícios com respostas, dos quais 120 são acompanhados do percurso para a solução. O volume 2 constitui um complemento em profundidade e extensão do primeiro, examinando as funções reais e suas propriedades, principalmente em relação à continuidade, à derivabilidade e à integrabilidade. Esse volume contém aproximadamente 600 exercícios com respostas e testes, dos quais cerca de 100 estão resolvidos. O volume 3 é dedicado ao estudo das funções reais de duas ou mais variáveis, das derivadas parciais, das integrais múltiplas e de suas aplicações. Contém uma média de 600 exercícios com respostas, entre os quais aproximadamente 60 apresentam a resolução. O volume 4 destina-se ao estudo das equações diferenciais ordinárias e de suas aplicações na solução de problemas na área de Ciências Exatas. Esse volume também apresenta uma variedade de exercícios com respostas e vários com resoluções.

Livros não publicados

O professor Willie Maurer escreveu o livro *Tópicos da história da Matemática e da Física* a pedido de seus colegas professores do Departamento de Matemática e Física (MAF) da UCG, que se comprometeram a fazer as correções e a publicá-lo, o que não ocorreu.



Fui encarregado de escrever uns Tópicos de História da Matemática e da Física. Cumpri a tarefa ainda que um pouco tardiamente. Cabe ao MAF cumprir a sua parte.

Figura 12 – Imagem de trecho da página 61 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Fui encarregado de escrever uns Tópicos de História da Matemática e da Física. Cumpri a tarefa ainda que um pouco tardiamente. Cabe ao MAF cumprir a sua parte.

Os originais desse livro chegaram a ser datilografados pelo professor Marcos Antônio de Queiroz, que também foi colega do professor Maurer na UCG. Em razão da grande quantidade de símbolos da numeração chinesa, indiana, grega, romana, entre outros, era necessário que esses originais datilografados passassem por uma correção criteriosa. O fato é que tal correção não aconteceu e a obra não foi publicada.

O livro contém 192 páginas manuscritas e faz uma incursão na história, apresentando como os diversos sistemas de numeração se constituíram nas grandes civilizações do passado, com ênfase no valor posicional dos algarismos e na invenção do zero. Também aborda a criação e o desenvolvimento dos diversos ramos da Matemática: desde a Aritmética, a Geometria e a Álgebra, remontando a séculos, até o Cálculo Infinitesimal no século XVII. Ademais, examina o papel do estudo matemático na investigação do mundo físico, em referência aos trabalhos dos grandes matemáticos do século XVIII: os Bernoulli, Euler, D'Alembert e Lagrange. Faz ainda um apanhado geral das correntes predominantes do pensamento matemático dos séculos XIX e XX.

Outro livro escrito pelo professor Maurer que não chegou a ser publicado foi *O culto da mediocridade eficiente*, dividido em oito partes: “I – Sob a égide do homem-massa”; “II – Obsolescência e neofilia”; “III – Educação em ritmo de mediocridade eficiente”; “IV – A Universidade e a investigação global”; “V – Os mitos da sociedade abastada”; “VI – Eficiência no consumo e produtividade na Ciência”; “VII – O mimetismo universal”; “VIII – Reforma em ritmo de mediocridade eficiente”.

Discursos

Desde jovem, o professor Maurer tanto gostava como tinha facilidade de falar em público. Em razão disso, proferiu vários discursos nas instituições onde atuou, dentre os quais ele destaca os mais importantes em sua autobiografia.

Seu primeiro discurso foi proferido no dia 19 de novembro de 1925, durante uma passeata de estudantes em comemoração ao Dia da Bandeira. O segundo foi pronunciado no Grêmio Estudantil da Escola Superior de Mecânica e Eletricidade (ESME) de São Paulo, sobre o qual ele escreve: “só me lembro que ataquei a intolerância da igreja, o que me valeu os cumprimentos do vice-diretor Otávio Goulard Penteado e a desaprovação do diretor Américo Landucci” (MAURER, [199-], p. 49). De acordo com ele, esses dois discursos foram feitos de improviso.

O primeiro discurso efetivamente escrito pelo professor Willie foi em 1930 para uma solenidade de formatura da ESME. Na ocasião, ocorreu um fato que o marcou:

Não foi um discurso de paraninfo, mas de aluno. O orador da turma, incapaz de preparar um discurso, veio me procurar para escrevê-lo. O que eu fiz. Terminada a cerimônia, ele foi efusivamente cumprimentado por todos os componentes da mesa pelo brilhante discurso proferido, mais do que o paraninfo. Mesmo eu estando a seu lado, não teve a hombridade de declarar que eu era o autor, o que não impediu que eu me sentisse desvanecido pelos cumprimentos que ele recebia. São fraquezas humanas que se devem perdoar. (MAURER, [199-], p. 50).

A partir daí, o professor Maurer passou a ser convidado a paraninfar turmas de formandos, entre elas a primeira turma do Ginásio Saldanha da Gama, escola particular de São Paulo criada por professores formados pela FFCL da USP. Nesse discurso, destacou a função do ensino secundário:

Eu tenho para mim que o objetivo primordial do ensino secundário deve ser não a cultura em si, o enciclopedismo pedante, mas antes a formação da personalidade, a aquisição de conhecimentos e hábitos que se revertam em benefício da coletividade. É no cumprimento dos pequenos deveres

escolares que nós temperamos o nosso caráter, preparando-nos para saber cumprir, no futuro, os grandes deveres que a sociedade nos impõe [...] Trabalhai sempre, trabalhai sem esmorecer, lembrando que do vosso trabalho depende uma parcela da grandeza de vossa pátria e do bem-estar de vossos semelhantes. (MAURER, [193-?], p. 4–5).

Deve ser destacado também o discurso proferido na formatura da segunda turma do Externato Elvira Brandão, em que o professor ressaltou a importância do intercâmbio entre os povos, traçando um paralelo entre a Grécia e a China. Ele causou boa impressão com esse discurso, pois, na ocasião, recebeu vários cumprimentos, inclusive do deputado federal Alarico Franco Cauby, que chegou a sugerir a publicação.

Outro discurso proeminente foi o que o professor Maurer proferiu no dia 22 de dezembro de 1967, por ocasião da formatura da turma de Engenharia da UFG, à qual lecionou Cálculo assim que chegou a Goiânia. Nesse discurso, intitulado *Educação para o desenvolvimento*, relembrou sua passagem pela UFG no período de 1963 a 1965, quando fora criado o IMF:

Se minha atuação junto à Universidade Federal de Goiás foi coroada de êxito e hoje o Instituto de Matemática e Física é uma realidade irreversível, isto se deve sobretudo à ventura que tive de encontrar aqui uma plêiade de mestres de primeira grandeza, lúcidos e decididos, secundados por uma juventude consciente e entusiasta, sempre pronta a inovar a fim de melhorar. (MAURER, 1967b, p. 1).

Além disso, discorreu sobre o momento crítico por que passava o sistema universitário, enfatizando a necessidade de reformar toda a estrutura universitária, em termos de estabelecer uma nova política educacional, capaz de atender às necessidades do processo desenvolvimentista em andamento no país. Também fez uma breve exposição sobre o analfabetismo, o desenvolvimento da agricultura e a expansão industrial.

Estes três problemas, na realidade, se reduzem a um só porque não se pode pretender isolar um dentre eles dos demais. Não se alfabetiza por simples decreto como não se moderniza e desenvolve a produção agrícola sem a devida preparação do homem e uma adequada industrialização. (MAURER, 1967b, p. 3).

Fez críticas à reforma agrária imposta pelo governo federal por meio do Estatuto da Terra (Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964) e aos órgãos Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) e Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA).

O que os inefáveis promotores da reforma agrária parecem ter esquecido é que a posse da terra é o que menos conta na produção agrícola moderna. A exploração racional e eficiente da terra requer máquinas e, por conseguinte, homens preparados para a sua manipulação. [...] Os teóricos da reforma agrária poderiam ter extraído da amarga experiência russa cuja mecanização da agricultura foi entravada e traumatizada pela inadequada preparação do elemento humano. Os burocratas soviéticos, inspirados no exemplo americano, acreditaram que bastaria reproduzir as máquinas americanas para obter uma produção agrícola igualmente eficiente. Na sua simplicidade de técnicos de alto nível, copiaram as máquinas e esqueceram de copiar os maquinistas. (MAURER, 1967b, p. 4).

Na sequência, comparou a reestruturação da universidade com a reforma agrária, por ter sido planejada por técnicos de alto nível e consumada por decreto que impôs às universidades brasileiras uma estrutura artificial, uniforme e limitada.

A técnica requintada destes conspícuos planejadores se parece muito com o método experimental de certo “cientista” que empenhado em determinar a causa da embriaguez, submeteu seu paciente, em testes sucessivos, a uma dose de gim e soda, uma dose de uísque e soda e, por fim, uma dose de vodka e soda. Tendo observado que as três misturas causavam o mesmo estado inebriante, concluiu, muito seguro de si, que só podia ser a soda o agente da embriaguez. Este raciocínio falacioso pode parecer-vos hilariante à primeira vista, mas a verdade é que se trata de prática corrente entre os doutos planejadores, para não dizer os solertes plagiadores. (MAURER, 1967b, p. 5).

Ainda no âmbito da reforma universitária, ponderou:

A pesquisa como investimento deveria ser predominantemente ancilar, integrada com o ensino na expansão das forças produtivas do país e no aproveitamento de suas reservas naturais. A palavra de ordem é pesquisar, pou-

co importando quais as implicações e os objetivos da pesquisa. Não basta fomentar uma pesquisa pedantesca de mera exibição, de adestramento e promoção pessoal. [...] A nossa insipiente pesquisa, inspirada em padrões alheios e promovida em nível de competição está ameaçada de vir a ser tão estéril com a erudita pesquisa dos doutores medievais. Ignorando a realidade que nos cerca, preferimos comungar e rivalizar com os centros altamente aparelhados de recursos materiais e humanos a investigar a nossa realidade, o que a muita gente parece por demais vulgar e indigno da atenção de projectos mestres e doutores moldados a estereótipos alienígenas, preparados para concorrer no mercado internacional e não para participar no processo de desenvolvimento interno. [...] O Brasil é um todo indissolúvel que não pode ser cindido em uma superestrutura cultural e tecnologicamente avançada, divorciada da infraestrutura subdesenvolvida, à mercê de analfabetos e suas técnicas primitivas. Pesquisa e planejamento, educação e construção são palavras que para nós possuem um significado específico todo especial, cujas implicações estão condicionadas pelo processo de desenvolvimento total em que estamos arduamente empenhados. (MAURER, 1967b, p. 7).

Em sua passagem pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde trabalhou por dois anos, o professor Willie Maurer parainfou duas turmas da Escola de Engenharia e recebeu inúmeros cumprimentos, principalmente pelo discurso proferido no dia 18 de julho de 1980, em que criticou as pesquisas com a energia nuclear, em especial com a bomba atômica.

É deveras insólita e leviana para não dizer criminosa a atitude assumida por cientistas e tecnólogos, meros aprendizes de feiticeiros, ao abrirem as comportas da energia nuclear de efeitos ainda imprevisíveis e mal controlados a políticos ambiciosos e irresponsáveis que se comprazem em disseminar armas e engenhos que põem em risco o próprio futuro da humanidade. (MAURER, 1980, p. 2).

Nesse discurso, também fez críticas ao papel da universidade no processo desenvolvimentista imposto pela sociedade industrial, ao afirmar que a “universidade tem por objeto, em última análise, o homem e o seu mundo, seus problemas, suas manifestações culturais, suas relações com o universo e não apenas sua formação profissional cada vez mais bitolada,

mais especializada e mais utilitária” (MAURER, 1980, p. 2). Além disso, afirmou que o autêntico universitário não se deixa cegar pelo brilho excessivo da tecnologia, na medida em que trabalha para o bem do homem, respeita a natureza e promove o desenvolvimento global da humanidade.

Em sua autobiografia, o professor Maurer não quantifica as vezes em que foi paraninfo das turmas de formandos nas instituições onde atuou, mas humildemente avalia essa incumbência “como um coroamento honroso” de sua carreira docente e “um testemunho inconfundível da estima” dos alunos, “que é a maior recompensa de um mestre” (MAURER, [199-], p. 52). Outros discursos escritos pelo professor constam de seus arquivos pessoais, entre os quais merecem menção:

- pronunciamento no Teatro Municipal de São Paulo, no dia 23 de dezembro de 1946, aos formandos da Escola Técnica Mackenzie;
- discurso de paraninfo pronunciado no salão nobre do Instituto Presbiteriano Mackenzie, em 20 de dezembro de 1952, aos formandos da FFCL da Universidade Mackenzie;
- discurso de paraninfo proferido no Teatro da Cultura Artística em São Paulo, no dia 23 de dezembro de 1952, aos formandos da Escola Técnica Mackenzie;
- discurso de paraninfo aos formandos da FFCL da Universidade Mackenzie, em 1961.

Artigos

O professor Willie Maurer deixou arquivada uma pasta, nomeada como “documentos magnos”, que continha originais de artigos por ele escritos e dois recortes do jornal *Folha de S. Paulo* em que foram publicados dois de seus artigos. No primeiro, “A universidade e o homem”, publicado no dia 6 de agosto de 1967, ele fez uma breve análise da situação em que se encontrava o sistema educacional brasileiro. Em uma das passagens, afirmava que “a educação é ao mesmo tempo um investimento e um bem

de consumo” (MAURER, 1967a, p. 22), entendendo que, como investimento, ela deveria ser capaz de atender ao interesse social, no sentido de fomentar o desenvolvimento do país e o bem-estar coletivo, e, como bem de consumo, deveria promover os meios para que cada membro da sociedade se realizasse como ser humano e também como cidadão.

Noutro trecho, Maurer (1967a, p. 22) ponderou que “nosso sistema de ensino, em todos os escalões, não está equacionado com a realidade brasileira. Estamos por demais apegados a modelos importados ou pré-fabricados que, embora de boa qualidade no mais das vezes, não se adaptam às condições presentes e locais do complexo nacional”. No mesmo texto, avaliou o ensino primário, o secundário e o superior. “É uma ilusão supor que todo mundo está ansioso por aprender o *abc*”. Nesse sentido, comparou a escola primária rural com a urbana, enfatizando que não possuíam as mesmas condições favoráveis ao aprendizado, o que tornava necessário observar as peculiaridades regionais. Quanto ao ensino médio, assinalou que estava “igualmente mal afinado com a realidade nacional. Excessivamente, livresco e bitolado”. Em relação ao ensino superior profissional anterior à organização das universidades brasileiras, destacou as contribuições das faculdades de Direito e das escolas politécnicas para o desenvolvimento político e econômico do país. Porém, criticou as faculdades de Medicina que,

em geral, sejam de alto nível, jamais apresentaram as condições necessárias para resolver os problemas sanitários do país. Foram e continuam a ser escolas de elites para elites. [...] as Universidades que se constituíram pela simples agregação destas e outras escolas de caráter profissional tiveram como única inovação a anexação de uma Faculdade de Filosofia. [...] no mais, tudo continuou como se nada tivesse acontecido. O problema está em equacionar a Universidade com a realidade nacional. A realidade brasileira não é um ente metafísico, alheio ao homem, suas características passadas, presentes e futuras são a obra e o fruto do homem em ação. (MAURER, 1967a, p. 22).

Também teceu severas críticas à UnB ao afirmar:

não se pode dizer que a UnB seja uma Universidade brasileira, equacionada com a realidade nacional, adequada ao meio em que foi implantada. [...]

na verdade, o mínimo que se pode dizer da UnB é que ela nasceu de costas voltada para o Brasil. Destinada a ser, desde o início, um grande centro de alta pesquisa, sobretudo em ciências pura e em tecnologia avançada, no melhor estilo das mais renomadas universidades americanas, não lhe cabe nenhum papel de destaque na solução dos genuínos problemas nacionais ou mesmo regionais, mais modestos, menos espalhafatosos, mas nem por isso menos importantes. [...] A verdade inexorável é que só teremos uma autêntica universidade brasileira quando, libertados da mística dos paradigmas importados e dos preconceitos dos padrões rígidos e intangíveis, fizermos do Homem, em toda sua plenitude, o objeto e o objetivo do ensino em geral e da universidade em particular, visando aperfeiçoar-lhe as aptidões de modo que venha a fazer melhor aquilo que já está fazendo. (MAURER, 1967a, p. 22).

O segundo artigo escrito pelo professor Willie Maurer, com o título “O fantasma da mediocridade eficiente”, também foi publicado na *Folha de S. Paulo*, no dia 12 de outubro de 1973. Nesse artigo, com temática relacionada ao livro *O fantasma da mediocridade eficiente*, que ele estava escrevendo, Maurer glosou o sistema de ensino vigente à época e o papel dos professores, de quem condenou a subserviência:

se não fossem tão subservientes, as escolas medíocres acabariam por si mesmas. [...] os professores trabalham contra si próprios quando acatam a mediocridade das indústrias de educação: trabalham contra a profissão, desmoralizando-se e desonrando o papel que o mestre deveria desempenhar na comunidade. (MAURER, 1973, p. 12).

Também discorreu sobre o baixo salário do professor no Brasil, sobretudo o das escolas primária e secundária, e criticou a reforma do ensino que aumentou para oito anos o ensino de 1º grau. “Acho que na reforma há coisas grandiosas, mas nunca referentes ao professor primário e secundário”. No mesmo artigo, abordou a obrigatoriedade do ensino por oito anos, a qual, a seu ver, era desastrosa não só no Brasil, mas em todo o mundo. Tratou ainda do papel artificial da escola e dos cursos de pós-graduação.

Contribuições a instituições e ao ensino da Matemática

Foram muitas as contribuições do professor Willie Maurer para o ensino da Matemática, sobretudo nos estados de São Paulo e Goiás, especificamente na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na Universidade Federal de Goiás (UFG) e na Universidade Católica de Goiás (UCG, hoje PUC Goiás). Comprovam essas contribuições documentos escritos encontrados em seu acervo pessoal e arquivos fornecidos pelas referidas instituições, bem como depoimentos de contemporâneos do professor.

Contribuições ao ensino da Matemática no estado de São Paulo

Como consta de sua autobiografia, o professor Willie Maurer integrou a comissão instituída pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie em 1946 para elaborar o projeto de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), o que incluía a redação dos estatutos e a organização do corpo docente. Segundo Maurer ([199-]), a comissão, formada por cinco professores, se reunia em sua casa. Incumbido de escolher os profissionais das áreas de Matemática e Física, ele fez opção por: Francisco Antônio Lacaz Netto, para Geometria; Abraão de Moraes, para Vetores, Mecânica Racional e Mecânica Celeste; Lauro Monteiro da Cruz, para Física, entre outros. Além disso, reservou para si próprio a cadeira de Análise Matemática.

Então, ele, o professor Maurer, teve uma importantíssima participação na constituição da Universidade Mackenzie, que, até o início dos anos 50, não era uma universidade, eram faculdades, e eu sei que ele teve muita contribuição para a consolidação da mesma, que foi reconhecida como uma

universidade por meio de decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1952. (KAUFMANN, 2012, p. 4).

Como membro do Conselho Universitário da recém-criada Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1952, o professor Maurer solicitou ao professor Lauro que fizesse uma vistoria no laboratório de Física e elaborasse um relatório. Com base nos dados desse relatório, que foi desolador, Maurer solicitou ao reitor da Universidade — à época, o doutor Henrique Pegado — um projeto para organização do referido laboratório. A demanda foi apresentada ao conselho, que, em reunião, decidiria a quem caberia a supervisão do laboratório.

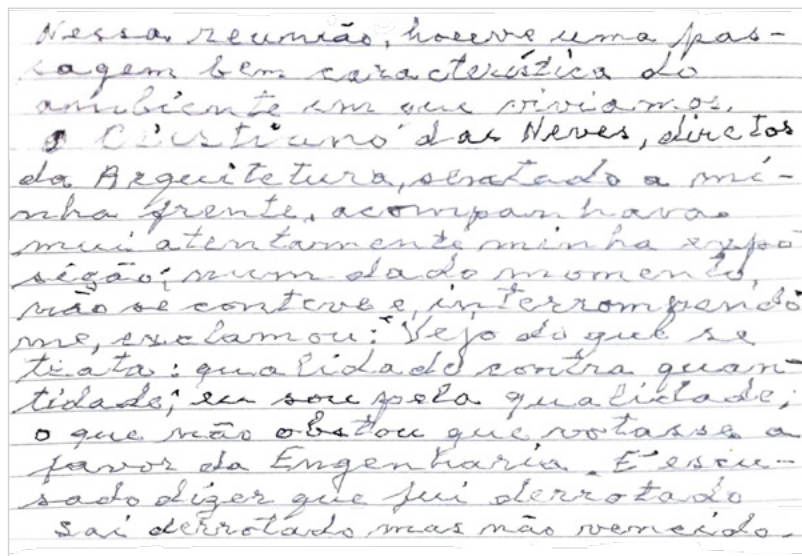


Figura 13 – Imagem de trecho das páginas 34 e 35 da autobiografia de Willie Maurer

Transcrição: Nessa reunião, houve uma passagem bem característica do ambiente em que vivíamos. Cristiano das Neves, diretor da Arquitetura, sentado a minha frente, acompanhava mui atentamente minha exposição; num dado momento, não se conteve e, interrompendo-me, exclamou: Vejo do que se trata: qualidade contra quantidade; eu sou pela qualidade, o que não obsteu que votasse a favor da Engenharia. É escusado dizer que fui derrotado. Saí derrotado, mas não vencido.

Maurer decidiu montar seu próprio laboratório. Para isso, recorreu à amizade de seu irmão Theodoro Maurer com o senhor Charles Roy Harper, que trabalhava na Administração do Instituto Mackenzie. Com esse apoio, adquiriu um primoroso equipamento da Phywe, uma empresa alemã

especializada em equipamento didático destinado à formação de professores de Física. O laboratório foi instalado no próprio edifício da faculdade e funcionou enquanto o professor lá esteve.

Ele foi diretor desta Faculdade por bastante tempo, durante o qual ele teve várias iniciativas, tais como implementar o laboratório de Física dentro de uma instituição de ensino privado, que não disponibilizava de muitos recursos, mas era um macrolaboratório de Física, inclusive com microscopia eletrônica. (KAUFMANN, 2012, p. 5).

Como diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, o professor Willie continuou com sua árdua tarefa de melhorar o ensino, sobretudo o de Física. Conseguiu com o governador de São Paulo da época, Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, uma verba para a compra de um microscópio japonês e contou com a colaboração do professor Paulo Ribeiro de Arruda, da Escola Politécnica, especialista no assunto, que ficou responsável pela capacitação de alunos para manusear o equipamento.

Então, ele o instalou e foram treinados estudantes para operá-lo e um desses estudantes, mais tarde, se tornou um dos mais importantes microscopistas eletrônicos do Brasil, a Cecilia Alvarenga, já falecida infelizmente, que também foi subproduto do departamento de Física da FFCL Mackenzie, também implementada pelo professor Willie Maurer. (KAUFMANN, 2012, p. 8).

Conseguiu também uma verba com Ernesto Luiz de Oliveira, seu conterrâneo da cidade de Campinas/SP e então presidente de uma instituição que, criada pelo presidente Juscelino Kubitschek, tinha o objetivo de dar assistência financeira às escolas de Engenharia que se dispusessem a desenvolver pesquisas tecnológicas. Embora a FFCL não se enquadrasse nesse critério, Maurer obteve uma boa subvenção, que lhe permitiu ampliar o laboratório e comprar um equipamento mais sofisticado, da marca Leybold, outra empresa alemã especializada em equipamentos didáticos. Segundo o professor Kaufmann (2012, p. 3), “o professor Willie, para a época, teve grandes empreendimentos e iniciativas dentro do Mackenzie que resultaram em progressos expressivos”.

Durante o seu segundo mandato como diretor da FFCL da Universidade Mackenzie, o professor Maurer assinou, em 1960, o ato de criação do GRAM, vinculado ao Departamento de Física da universidade. Na ocasião, foi firmado um convênio com a Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo (hoje extinta), constituída por estudantes de Física, Engenharia, técnicos e aficionados por Radioastronomia. Para a coordenação do Grupo de Radioastronomia Mackenzie (GRAM), Maurer designou o professor Pierre Kaufmann, que, à época, era seu assistente no Departamento de Física. Kaufmann (2012, p. 2) relata: “o professor Maurer era o meu superior, orientador, inspirador e talvez tenha sido o meu principal professor no Mackenzie”.

A criação do GRAM consolidou as atividades pioneiras de Radioastronomia no Brasil. Os experimentos foram realizados no planetário do Parque Ibirapuera, em São Paulo, de meados de 1958 até o início de 1964. Após esse período, foram deslocadas para as instalações da Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CNAE), em São José dos Campos (1964–1965). Posteriormente, estabeleceram-se no Rádio Observatório do Umuarama, em Campos do Jordão/SP.

Em 29 de agosto de 1968, a reitora da Universidade Mackenzie de então, doutora Esther de Figueiredo Ferraz, transformou o GRAM em Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM), com o objetivo de realizar pesquisas puras e aplicadas, além de atividades de ensino nos níveis de graduação e de pós-graduação nas áreas de Rádio Ciências, Radioastronomia, Física Solar, Física da Ionosfera, Astrofísica, Instrumentação Rádio Científica e Ciências Espaciais.

No período de 1970 a 1973, o CRAAM foi aprovado como centro de excelência pelo CNPq. Na mesma época, o Curso de Pós-Graduação em Astrofísica da Universidade Mackenzie foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação, do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Cabe ressaltar que o CRAAM participou da primeira missão brasileira à Antártica em cooperação com a Marinha do Brasil. Ademais, integrou, em 1989, um consórcio tendo como parceiros a USP, a Unicamp e o INPE. Entre as principais realizações alcançadas por essa parceria, estão as atividades do Laboratório de Geodésia Espacial, em Eusébio/CE, e do Rádio Telescópio Solar

Submilimétrico, em operação nos Andes argentinos, e os experimentos ionosféricos na estação científica brasileira Comandante Ferraz, instalada na Antártica. Atualmente, destacam-se estes projetos: o Laboratório de Heliogeofísica no Complejo Astronómico El Leoncito, situado nos Andes argentinos; o Rádio Observatório do Itapetinga em Atibaia/SP, que opera mediante convênio com o INPE; o Rádio Observatório Espacial do Nordeste em Eusébio/CE, que, dedicado à Geodésia Espacial, é mantido por meio do convênio entre a Agência Espacial Brasileira (AEB) e a NASA, agência dos EUA, tendo parte dos custos de operação, de recursos humanos e de infraestrutura provida pelo INPE e pelo Mackenzie. Outros projetos se encontram em desenvolvimento com a cooperação da Unicamp, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e do Instituto Lebedev de Física de Moscou.

Sobre a atuação de Maurer, Pierre Kaufmann (2012, p. 7) destaca sua distinção como professor:

Eu acredito que teve e tem grandes professores no Mackenzie, mas, entre os contemporâneos da época do professor Willie Maurer, ele era destacadamente um dos melhores, se não o melhor professor de cálculo do Mackenzie e um dos melhores do Brasil. [...] ele tinha uma característica própria como professor, como didático, como formador de outros professores no caso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e formador de Engenheiros no caso na Escola de Engenharia Mackenzie, que, naquela época, era uma escola de Engenharia em pé de igualdade, principalmente na área de civil, a outra escola que era a Politécnica e que em grande parte se devia a um excelente conteúdo de Matemática em todos os níveis que era conduzido e ensinado pelo professor Willie na época. Então eu tenho plena convicção de que a contribuição dele foi absolutamente única e destacada, em termos de Mackenzie, em termos de São Paulo e em termos de Brasil. Estou falando nos anos 60 e a repercussão que teve nos anos imediatamente depois. [...] sou, por exemplo, um seguidor dele quanto à filosofia de vida, quanto ao rigor no trabalho, quanto à seriedade nas abordagens e quanto ao gosto, ele gostava de dar aula e realmente foi uma pessoa que marcou por onde atuou. Enfim, o professor Willie Maurer se destacou como professor, principalmente como professor de cálculo, era um cara idealista, coisa que é extremamente rara já naquela época e hoje muito mais rara ainda, ele era uma pessoa de uma

correção total e não tinha ambições políticas como, por exemplo, de querer ser diretor, querer ser o melhor, ou seja, ele é realmente um exemplo que está faltando hoje em dia. [...] realmente é uma personalidade que deixou marcas não só no Mackenzie, como em outras instituições e na Matemática Brasileira, como professor, como professor de Matemática avançada.

E como gestor:

mesmo com todo o rigor dele, esse aparente rigor, esse conservadorismo, ele tinha espírito empreendedor, ele percebia estudantes com ideias e com vontade de empreender, ele dava “aquela força”, isso era uma característica dele, enquanto outros professores “puxavam o breque”, dava um passo pra trás. Ele era mais arriscado, ele achava que valia a pena empreender, arriscar, promovia e estimulava por motivo próprio, porque, se não fosse o estímulo dele, ele não teria constituído grupo de pesquisa. Absolutamente, isso era uma característica dele, ele promovia empreendimentos, ele era sensível a propostas, sem perder o rigor do que ensinava, por isso que ele era tão respeitado. (KAUFMANN, 2012, p. 9).

No final da década de 1960, foi dado início, pelo professor Maurer, ao processo de implantação do curso de pós-graduação na área de Radioastronomia e Astrofísica na Universidade Mackenzie, que, como mencionado anteriormente, foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação após serem estabelecidas as regras quanto às atividades dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. “O credenciamento saiu entre 72 e 73, mas o processo de implantação desse curso de pós-graduação na Universidade Mackenzie foi promovido pelo professor Willie Maurer quando ele era diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie” (KAUFMANN, 2012, p. 5).

No mês de junho de 1967, Maurer foi incluído na comissão encarregada de estudar a implantação do sistema departamental na Universidade Mackenzie e, em 10 de julho, foi nomeado coordenador da comissão especial para reestruturação da universidade, de maneira a enquadrá-la nas normas traçadas pelo Decreto-Lei n.53, de 18 de novembro de 1966, que fixava princípios e normas de organização para as universidades federais. Em novembro do mesmo ano, o professor Maurer apresentou à reitoria o Plano de

Reestruturação da Universidade, justificando, na exposição de motivos, que a reforma por ele sugerida constituía uma tentativa de ajustar a Universidade Mackenzie ao “espírito” do referido decreto. Esse plano foi aprovado pelo Conselho Universitário em 26 de março de 1968. Com a finalidade de nortear os trabalhos da comissão especial, Maurer solicitou a colaboração de cada professor da universidade e encaminhou a todos o plano aprovado, acompanhado de uma breve explanação sobre a organização departamental.

Em 14 de fevereiro de 1969, a reitoria emitiu o Ato n. 10/1969, que constituiu uma comissão especial encarregada de promover a implantação da reforma universitária. Essa comissão foi integrada por um grupo central executivo — composto por quatro professores, entre eles Willie Maurer, como presidente — e por grupos auxiliares — formados pelos diretores de cada unidade e por dois professores por eles escolhidos. Na sequência, o Ato n. 12/1969 designou o professor Willie para elaborar o anteprojeto de adaptação do estatuto da universidade às normas do Decreto-Lei n. 464, de 11 de fevereiro de 1969, e o Ato n. 21/1969 o autorizou, como presidente da comissão de implantação da reforma, a solicitar às unidades universitárias dados e subsídios que julgasse necessários.

Contribuições ao ensino de Matemática no estado de Goiás

- *Willie Maurer e o Instituto de Matemática e Física da UFG*

A criação do Instituto de Matemática e Física (IMF) da UFG não ocorreu de maneira totalmente pacífica porque existiam, à época, alguns interesses conflitantes com a proposta de criação dos institutos, sobretudo em relação à extinção das chamadas cátedras para implantação da nova carreira docente, a qual previa o regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Surgiu, então, um delicado jogo entre os professores defensores da criação e os contrários, que, desejosos de manter a situação vigente, quase fizeram, por várias vezes, com que o IMF fosse dissolvido antes mesmo de ser criado.

O professor Willie Maurer, que trazia consigo uma vasta experiência profissional, adquirida ao longo dos anos de trabalho na Universidade Mackenzie, era um grande defensor da criação dos departamentos com o

objetivo de reunir recursos humanos e materiais para obter maior eficiência e economia no ensino. Em entrevista concedida ao *Jornal UFG*, publicada na revista *Afirmativa*, o professor Gabriel Roriz relatou como foram os primeiros momentos do professor Maurer na UFG em 1963, tratando, principalmente, de sua interlocução com o Conselho Universitário:

seu nome ainda não era consenso. A turma do contra não desistia, mas conseguimos com o Conselho permissão para que ele participasse das reuniões, embora sem direito a voto, mas com direito à palavra para expor algumas ideias. Suas argumentações surtiram efeito, tanto que efetivamos a criação do IMF com intensa participação dos estudantes. (GABRIEL..., 2009, p. 12).

Nesse movimento, o Regimento Interno do IMF, elaborado por Maurer e sua equipe, foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFG no dia 25 de novembro de 1963. O documento explicitava como finalidades do IMF:

- centralizar em um organismo único o ensino da Matemática e da Física constantes dos currículos das diversas unidades que integram a universidade;
- congregar, em um centro de ensino e pesquisa, professores especializados, de preferência em regime de dedicação exclusiva, a fim de promover o estudo e a pesquisa nos diversos domínios da Matemática e da Física;
- formar especialistas em Matemática e Física, visando, principalmente, à preparação de candidatos ao Magistério.
- Estruturado em dois departamentos, o de Matemática e o de Física, caberia ao instituto ministrar os seguintes cursos:
- Curso básico de 2 anos, destinado aos candidatos ao bacharelado, à licenciatura e aos diversos ramos da Engenharia;
- Cursos de bacharelado de 4 anos em Matemática e em Física, incluindo o curso básico;
- Curso de formação científica constante dos currículos de licenciatura em Matemática e em Física;

- Cursos diversificados em Matemática, Física e Desenho, constantes dos currículos de outras unidades universitárias;
- Curso de divulgação científica e de aperfeiçoamento de professores secundários;
- Cursos de especialização e de pós-graduação, a serem regulamentados oportunamente.

Nos dois primeiros anos dos cursos de Matemática, Física e Engenharia da UFG, denominados de curso básico, os alunos faziam disciplinas em comum, tais como: Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica e Álgebra Vetorial, Física Geral, Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, Cálculo Numérico, Mecânica Geral, Probabilidade e Estatística, Química, além de matérias eletivas. Após a conclusão dessas disciplinas, iniciava-se a formação específica de cada curso.

Em relação à organização administrativa, o IMF era constituído por: comissão coordenadora, conselho departamental, diretoria e secretaria. Ademais, implementou-se a carreira docente estruturada nestes estágios: instrutor, professor auxiliar, professor associado e professor titular. O parágrafo único do artigo 20 do Regimento Interno do IMF indicava que os critérios de seleção e promoção de um estágio ao subsequente seriam “fixados pelo Conselho Departamental e submetidos à aprovação do Conselho Universitário” (UFG, 1965, f. 8). De acordo com o professor Juarez Milano (2012, p. 3):

o professor Gabriel Roriz convidou o professor Willie Maurer que estava na Universidade Mackenzie e ele veio para UFG em 1963 e começou organizar o IMF, já com uma ideia mais progressista, ou seja, propôs a substituição das cátedras por uma nova carreira docente, pois não queríamos o cargo de professor catedrático, e sim um departamento de Matemática onde haveria uma sequência na carreira, cujos cargos iriam de auxiliar até a classe de professor titular.

O professor Maurer defendia o estabelecimento do regime de trabalho em tempo integral, também denominado de dedicação exclusiva (DE), conforme explicitado nos artigos 21 e 22 do Regimento Interno do IMF:

Salvo os casos excepcionais, a juízo do Conselho Departamental, todo o pessoal docente estará sujeito a regime de dedicação exclusiva. [...] Os professores das diversas categorias, contratados em regime de dedicação exclusiva, serão vinculados ao Instituto e não a uma cadeira ou disciplina em particular. (UFG, 1965, f. 8-9).

No Ofício n. 174/1964, Maurer (1964, f. 7) descreveu que a criação do IMF “foi condicionada por uma série de circunstâncias fortuitas, resultantes de um delicado jogo de forças cujas tendências predominantes podem ser distribuídas em três correntes de contornos mais ou menos definidos”.

A primeira corrente era representada por um pequeno grupo de idealistas atuantes. Professores da Escola de Engenharia e adeptos fervorosos do plano dos institutos, eram liderados pelos professores Gabriel Roriz e Marcelo Cunha Moraes, diretor e vice-diretor da Escola de Engenharia, respectivamente, e Elder Rocha Lima, representante da Congregação no Conselho Universitário.

A segunda reunia os “oportunistas”, que, com diferentes opiniões, eram liderados por um grupo de professores cujos interesses pessoais se confundiam com os objetivos do ensino. A criação de institutos, confiando-os a especialistas em regime de tempo integral, poderia privar tais professores de outros tipos de ganhos. Faziam parte desse grupo o professor Saleh Jorge Daher, que ocupava as cadeiras de Geometria Descritiva da Escola de Engenharia e de Fundamentos de Matemática Elementar da Faculdade de Filosofia; o instrutor Irapuan Costa Júnior, que acumulava as cadeiras de Física I e Cálculo Numérico da Escola de Engenharia e de Física I da Faculdade de Filosofia, e o instrutor Jaime Marcos Cohen, que assumia as cadeiras de Cálculo I e Cálculo II da Escola de Engenharia e de Análise Matemática da Faculdade de Filosofia.

A terceira corrente era composta por professores que se mantinham à margem da disputa, mas que, nas horas decisivas, posicionavam-se, em sua maioria, em favor dos idealistas.

Além de ter de lidar com a querela entre idealistas e oportunistas, o professor Maurer precisou enfrentar o desafio de formar o corpo docente do IMF. Da Escola de Engenharia da UFG foram aproveitados os professores

Elder Rocha Lima, Eurico Calixto Godoy, Hermógenes Coelho Jr., René Ayres Carvalho, Saleh Jorge Daher, Tiettre Couto Rosa e Walter Brokes. Também foi contratado o professor Wilson Natal e Silva, procedente da Escola de Agronomia. Contudo, foi necessário buscar reforço em São Paulo, de onde vieram os professores Germano Braga Rego, Geraldo Alves Ferreira, Gerson Muccilo, Guy Ribeiro de Andrade, Odécio Sanches, Juarez Milano, Agenor Cortarelli, todos oriundos da FFCL de Rio Claro, e o professor Sérgio Pedro Schneider, formado pela FFCL da Universidade Mackenzie. Segundo o professor Milano, o que os motivou a vir trabalhar em Goiânia foi “a remuneração e a possibilidade de construir algo que vinha ao encontro de suas aspirações” (MILANO, 1986, p. 4).

O IMF adquiriu uma substância muito boa em consequência de o professor Willie conseguir trazer grandes profissionais para Goiânia e esses profissionais também marcaram a história do IMF com o talento natural que tinham, com a postura que apresentavam diante do desafio que enfrentavam e com as lições de abnegação, de dedicação, de vontade de fazer e da vontade de produzir ciência (SILVEIRA, 2012, p. 4).

Esse núcleo de professores tinha à frente o professor Maurer, “que os inspirava, que era digamos assim, o ‘orientador-mor’ da atividade das pessoas e eu não consigo encontrar palavras para definir o que ele fez. Ele era uma pessoa diferente, era uma pessoa que tinha alguma coisa a mais e que eu não saberia dizer o que é” (SILVEIRA, 2012, p. 4). Dos professores que vieram de São Paulo, o único a permanecer em Goiânia foi o professor Milano, que trabalhou no IMF de 1964 até 1991, quando se aposentou. Em 1965, ele foi indicado por Maurer como seu sucessor na direção do IMF. Durante cerca de 30 anos de atividade, assumiu essa função mais de uma vez, além de atuar como coordenador da área de Matemática.

Além da composição do corpo docente, o professor Maurer contribuiu com a elaboração do Regimento Interno, como mencionado anteriormente, e também com o desenvolvimento de uma prática pedagógica por meio da qual, como evidenciado pelo professor Venício V. Borges (2012, p. 4), ele “primava

em oferecer um ensino eficiente e com economia, sem desperdício de coisas materiais e humanas, ou seja, queria racionalizar o ensino da Matemática”.

O processo de consolidação do IMF foi, contudo, bastante conturbado. Após o golpe militar de 1964, aconteceu a intervenção na UFG mediante decreto do Conselho Federal de Educação. Na ocasião, o professor José Martins d'Alvarez foi empossado reitor *pro tempore* da universidade no lugar do professor Colemar Natal e Silva. Com isso, surgiram novas perspectivas que geraram incertezas em relação ao destino do instituto. Havia pessoas interessadas em aproveitar o momento de instabilidade para liquidá-lo. Essa pretensão não foi bem-sucedida graças ao movimento em prol da Reforma Universitária em curso no país à época e, principalmente, ao comprometimento do professor Willie Maurer, o que pode ser comprovado pelos relatórios e ofícios por ele elaborados e encaminhados à reitoria da UFG no decorrer do referido ano. O primeiro dos relatórios, redigido em julho de 1964, apresentou a infraestrutura disponível no IMF e os seus quadros docente, discente e técnico-administrativo.

Em 24 de agosto de 1964, o professor Maurer, preocupado com a situação, enviou ao reitor *pro tempore* o Ofício n.151/1964, em que fazia sugestões para o novo estatuto universitário, e o Ofício n.153/1964, no qual solicitava informações sobre como ficaria, ante a intervenção federal, a situação do IMF e dos professores contratados pela UFG para prestação de serviços no decorrer daquele ano. Nessa mesma data, enviou uma carta com a cópia do Ofício n. 151/1964 ao professor Valnir Chagas¹, membro do Conselho Federal de Educação, para que apreciasse as sugestões sobre a reforma do Estatuto da UFG. Como não obteve resposta da reitoria ao segundo ofício, Maurer encaminhou, em 31 de agosto de 1964, o Ofício n. 155/1964, com a informação de que, segundo relato verbal de uma comissão de alunos do IMF que tinham se reunido com o reitor, a reitoria da UFG

¹ Raimundo Valnir Cavalcante Chagas (1921–2006), autor da obra *Didática Especial de Línguas Modernas* (1957). Foi cofundador da Universidade de Brasília (UnB) e membro do Conselho Federal de Educação de 1962 a 1976, quando idealizou a Lei de Diretrizes e Bases n. 5.692/1971. Esteve entre os principais autores do projeto da Reforma Universitária de 1968.

teria recebido instruções formais do senhor Ministro da Educação no sentido de serem extintos todos os órgãos da UFG não previstos em lei, entre os quais se inclui o Instituto de Matemática e Física. Fui informado, outrossim, de fonte insuspeita, que no remanejamento orçamentário que ora se processa, bem como na previsão orçamentária de 1965, já elaborada, não tomou conhecimento da existência do IMF. [...] Se a criação e as dotações do IMF não se cingiram às normas legais, cumpre, sem dúvida, fixar responsabilidades e corrigir irregularidades e erros cometidos. Mas a simples dissolução do IMF, por certo, não é o bastante para resolver as aperturas orçamentárias que uma administração financeira imprevidente e leviana lhe legou (IMF, 1964, f. 1-2).

Nesse ofício, o professor Maurer também apresentou o ônus decorrente da possível dissolução do instituto e de seu desdobramento em duas escolas, a de Engenharia e a de Filosofia. Expôs os valores detalhados em mais de um quadro comparativo e concluiu que as despesas orçamentárias mensais sofreriam acréscimos na ordem de Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros), cerca de 30% do valor do orçamento mensal da universidade. Além disso, reforçou a ideia de agrupamento e fusão de cadeiras afins e a centralização do ensino básico com a finalidade de economia orçamentária. Contudo, devido a todas essas incertezas, ele deu como cumprida sua missão na UFG e colocou à disposição do reitor *pro tempore* seu cargo de diretor, que tinha assumido por nomeação do reitor afastado, o professor Colemar Natal e Silva, e por deliberação do Conselho Universitário, que deixou de existir oficialmente.

No dia 16 de setembro de 1964, o professor Maurer encaminhou, à reitoria da UFG, o Ofício n. 174/1964, no qual reiterava as informações do Ofício n. 155/1964 e apresentava um relatório minucioso sobre o processo de criação do IMF. Esse ofício merece uma atenção especial, haja vista que continha os dados necessários para que o reitor conhecesse a realidade do instituto e, assim, pudesse tomar uma decisão definitiva quanto ao seu futuro. Nas 16 páginas do documento, Maurer relatou a sua vinda para Goiânia em 1963 com o objetivo de estruturar o IMF, descreveu as condições em que ocorreram os primeiros contatos com os professores que já se

encontravam na UFG, bem como com o Conselho Universitário, e também discorreu sobre as consequências do golpe militar de 1964 e as perspectivas com o advento da intervenção federal.

No dia 24 de novembro de 1964, o professor Jerônimo Geraldo de Queiroz foi nomeado reitor da UFG pelo então presidente, Castelo Branco². Como o reitor *pro tempore* não havia decidido extinguir o IMF, o novo reitor solicitou ao professor Willie Maurer, por meio do Ofício n. 379/1964, alguns esclarecimentos sobre a situação do instituto. A resposta, dada com o Ofício n. 233/1964, ao qual foram anexadas as cópias dos ofícios enviados ao reitor *pro tempore*, deixou clara a posição em favor da continuidade do IMF nos moldes propostos na sua criação.

Em 1º de dezembro de 1964, o professor Maurer enviou à reitoria da UFG o Ofício n. 234/1964, no qual apresentou um relatório sobre a estruturação e o funcionamento do IMF, indicando possibilidades para o futuro. Após analisar esse relatório, o reitor apoiou a continuidade do instituto, mantendo-o diretamente ligado à reitoria. Assim, a consolidação do IMF se tornou possível: com a construção de suas novas instalações físicas no Câmpus Samambaia da UFG em 1972 e, sobretudo, com a formação do corpo docente nos anos seguintes.

O IMF primou pelo espírito de eficiência e modernidade de trabalho formando principalmente professores e pesquisadores para o ensino superior. Foi o efeito da dedicação do professor Willie Maurer e também do professor Juarez Milano. [...] graças ao trabalho desses dois “pioneiros professores de Matemática superior” em Goiás, é que temos hoje o IMF consolidado, como já disse antes, até com cursos de mestrado e doutorado em Matemática. [...] Os dois formaram uma frente através da grande experiência, tanto didática quanto administrativa de ambos, o que possibilitou consolidar o instituto, porque desde o início não foi só como um prestador de serviço para a engenharia, mas teve personalidade própria (BORGES, 2012, p. 7).

O professor Augusto Fleury Silveira (2012, p. 4) assevera que

² Humberto de Alencar Castelo Branco (1897–1967) foi militar e político brasileiro, primeiro presidente do governo militar instaurado pela revolução de 1964 e foi um de seus principais líderes.

o professor Willie Maurer teve um trabalho interessantíssimo na estruturação do Instituto de Matemática e Física quando ele foi criado a partir da Escola de Engenharia, já existente. O IMF foi criado numa óptica de abrir espaços, para que os conhecimentos científicos na área de Matemática e na área de Física tivessem “leito próprio” e não estivessem exclusivamente a serviço de um único curso, no caso o curso de Engenharia. O professor Willie era uma pessoa extraordinária e, como tal, ele executou muito bem essa tarefa e muito rapidamente o Instituto de Matemática e Física assumiu uma posição referencial.

Em 1986, o professor Willie Maurer foi homenageado pela UFG em um evento promovido pelo IMF, denominado Semana do IMF — Homenagem a Willie Maurer, realizado no período de 23 a 28 de novembro desse ano. Na ocasião, foi distribuído aos participantes um documento que o professor Juarez Milano elaborou em comemoração aos 23 anos de existência do instituto. Nesse documento, foi ressaltada a atuação de Maurer, especialmente em relação à formação do quadro docente.

Dez anos depois, no dia 5 de setembro de 1996, o Instituto de Matemática e Física foi desmembrado em Instituto de Matemática e Estatística (IME), Instituto de Física (IF) e Instituto de Informática (INF).

- *Atuação no MAF da UCG*

O professor Willie Maurer foi contratado pela UCG graças a articulação de algumas pessoas que esperavam sua vinda para Goiânia. De acordo com o professor Augusto Fleury, que foi responsável por convidá-lo para trabalhar no MAF:

Se fazia necessária uma orientação adicional, experiente, robusta, consistente, fruto de muita reflexão, para que o Departamento de Matemática e Física (MAF) tivesse ganhos, desenvolvimentos e acredito que ele, nos anos que esteve aqui, emprestou essa contribuição. [...] Eu vejo o professor Willie como uma pessoa dotada de uma inata disposição para missões, acredito que ele se autogovernava com objetivos e fazia isso de uma forma suave, apazível, receptiva e eu acho que alcançava resultados, porque ele formava um conjunto consistente e convincente. Eu o via assim, era difícil aproximar do professor Willie Maurer sem sair com uma “boa pitada” de admiração. (SILVEIRA, 2012, p. 6).

Como docente da UCG, o professor Maurer lecionava na Licenciatura em Matemática, principalmente em disciplinas do final do curso, tais como Matemática Aplicada II e Análise Matemática II. Nesta última, ele procurava trabalhar a questão das demonstrações com os alunos, que, segundo o professor Luiz de Gonzaga Vieira (2012, p. 7), não estavam preparados “para demonstrar nada e não conseguia escrever nada na linguagem matemática”.

Sua atuação no MAF não se limitou, contudo, à atividade docente, conforme relatos de pessoas que conviveram com ele na época.

Para a UCG, naquele momento foi assim um fato extraordinário a contratação de um professor com aquele gabarito. Foi assim muito forte, teve um impacto bastante positivo dentro do departamento. [...] A contratação dele, na minha interpretação, foi para movimentar o MAF, ou seja, reoxigenar o departamento e motivar os professores que lá atuavam. E, pelo que me lembro, era só para os cursos de Matemática e Física que ele trabalhava, ele não trabalhava para outros cursos e sua atuação era quase que exclusivamente com a formação de professores mesmo. [...] O curso de Matemática da UCG é um dos mais antigos do Centro-Oeste e, naquele momento, passava por crises seríssimas. O quadro de professores deixava a desejar devido aos baixos salários e, então, ele foi contratado para dar uma “sacudida” e sou convicto que isso ele fez e bem. O tempo em que ele esteve lá foi significativo, os professores mais jovens que conviveram com ele perceberam que precisavam movimentar, fazer alguma coisa e, acima de tudo, precisavam estudar. (PIMENTA, 2012, p. 4–7).

De acordo com Vieira (2012), o professor Maurer se transformou em um orientador dos alunos que estavam prestes a iniciar o exercício da docência, dos próprios professores que trabalhavam no MAF e, inclusive, de alguns professores da UFG que o procuravam:

solicitamos à administração da universidade um espaço para abrigar o professor Willie Maurer e construímos uma salinha para ele na antiga sala dos professores do departamento, ao lado da sala do diretor, a qual passamos chamar “salinha do professor Willie”. [...] Foi inegável a dimensão que o departamento tomou com a presença do professor Willie, porque ele era uma pessoa de renome nacional. Então, a presença dele no MAF valorizou muito o departamento

dentro da estrutura da universidade. Ele deu ao MAF uma “cor diferente”. O professor Willie foi contratado na UCG para trabalhar na licenciatura, na formação de professores de Matemática e de Física. (VIEIRA, 2012, p.8).

Ainda segundo o mesmo entrevistado, apesar de solicitações feitas por outros departamentos, também interessados em suas contribuições, o professor Maurer trabalhou exclusivamente no MAF, especialmente no projeto da reforma curricular das licenciaturas de Matemática e Física.

O professor Willie, naquela época, era visto e considerado por todos no MAF, como se ele fosse um “dicionário vivo” disponível para a gente ir tirar dúvidas. Tudo que queríamos saber, principalmente sobre Física, Estatística e Matemática, íamos à sua procura para tirar as dúvidas e o professor Willie se tornou o ponto de referência de “todo mundo”. [...] O professor Willie era muito zeloso com o nível e a qualidade das aulas dos professores do MAF (COSTA, 2012, p. 7).

Maurer recebeu duas homenagens na UCG. A primeira foi num encontro de Matemática realizado em 1985, que recebeu seu nome. Na mesma oportunidade, a sala dos professores do MAF passou a ser chamada de Sala Professor Willie Maurer. A segunda homenagem foi o recebimento do título de professor emérito em 1991, quando ele apresentou o Seminário da História do Sino Mudo, evento bastante prestigiado pela comunidade universitária goiana.

O professor Luiz de Gonzaga Vieira (2012) afirma que o professor Maurer contou, pela primeira vez, a história do sino mudo em uma aula da saudade, quando ainda trabalhava na UCG. Posteriormente, essa história deu origem ao Seminário da História do Sino Mudo Contada Matematicamente. No seminário, além de contar a história, Maurer apresentou, em detalhes, as contas e resolveu as equações matemáticas. A professora Maria Angélica Lombardi (2012, p.8) afirma que “foi uma das maiores tensões que eu passei. Eu pensava: ele não vai conseguir terminar esse tanto de conta, mesmo com muita dificuldade ele conseguiu e foi um sucesso”.

Aspectos importantes da atuação do professor Willie Maurer revelam-se nos depoimentos das pessoas que conviveram com ele como colegas ou como alunos.

Lembro-me de um episódio que talvez mostre um pouco do humor do professor Willie em sala de aula, que foi o seguinte: num determinado dia, durante uma aula de cálculo sobre convergência de sequências, ele afirmou “o sujeito não pode ser muito afoito ao falar sobre convergência de sequências com base em 1, 2 ou 3 termos”, ou seja, você não pode ainda intuir a forma do termo geral. E deu um exemplo em que a sequência mantinha o mesmo padrão até o terceiro termo, mas o quarto termo era diferente. Deu outro em que no quinto diferia dos anteriores e foi dando exemplos até o sexto termo e parou. Aí um aluno perguntou: “professor e se... o sétimo termo for diferente?” Nesse momento, o professor Willie calmamente disse: “olha, com a idade que eu tenho, nunca vi uma” (risos). [...] Eu acredito que o professor Willie Maurer acabou por formar um tipo de escola, porque muitos professores de Matemática foram “moldados” em seu estilo, ou seja, pelo modo do professor Maurer ensinar e escrever. Eu mesmo absorvi muito do seu estilo ao escrever textos de Matemática (BORGES, 2012, p. 5).

Em relação às atividades acadêmicas de Maurer, o professor Luiz de Gonzaga Vieira (2012, p. 12) relata:

Um dia ele me mostrou uma prova que ele tinha aplicado e já tinha corrigido. Ele resolveu me mostrar para reforçar uma afirmação que sempre dizia: “o nosso aluno não sabe escrever Matemática”, era incrível, ele fazia anotações em vermelho e essa prova estava inteirinha rabiscada por ele. Quero dizer, ele refazia a prova em cima da prova do aluno. Eu tenho a impressão que ele gastava horas e horas para corrigir as provas devido ao seu elevado grau de exigência.

De acordo com a professora Maria Angélica Lombardi, o professor Willie defendia a ideia de que se devia

dar mais atenção aos “mais fracos”; nisso ele insistia muito e dizia sempre “dar aulas para os bons é muito fácil, você tem que se dedicar aos mais fracos”. O professor Willie afirmava sempre que, para ser um bom professor, “a primeira coisa é saber conduzir um aluno para que ele aprenda de fato, para que ele entenda de fato e não ficar demonstrando conhecimento para meia dúzia de gente”. Essa era uma característica muito forte do Willie, ele era uma pessoa muito doce, mas, ao mesmo tempo, muito enérgica e disciplinada. (LOMBARDI, 2012, p. 5).

Como aluna do professor Willie Maurer na UCG, a professora Bercholina Alves (2012, p. 3–7) declara que

O professor Willie Maurer era uma pessoa que entendia não só de Matemática, parecia que sabia de tudo um pouco. [...] O quadro dele era perfeito, mesmo já estando um pouco trêmulo. Ele era muito calmo e de uma clareza espantosa. Ele ia escrevendo no quadro e explicando pausadamente e no final ele marcava os exercícios do livro que ele estava usando. Os exercícios que não conseguíamos resolver, íamos à sua procura e ele ajudava ou indicava o caminho, dava sugestões. Se, mesmo assim, não conseguíssemos resolver, ele resolvia no quadro para todo mundo ver. No final das aulas, ele ficava tirando dúvidas, passava do horário fazendo exercícios no quadro até o aluno entender. [...] ele era uma pessoa dotada de enorme conhecimento e o interessante é que ele conseguia descer ao nível do aluno. O aluno conseguia perceber para que servia a teoria matemática que estava sendo estudada, principalmente por causa dos exemplos que ele utilizava. A maneira que ele ia desenvolvendo a teoria era diferente, porque ele tinha uma tranquilidade, uma calma nas exposições. [...] ele tinha uma alegria contagiante durante suas aulas. A postura dele era muito correta, o semblante sempre alegre, ele ficava muito feliz na sala de aula. [...] Uma coisa que eu achava muito interessante era quando ele terminava de fazer uma demonstração, ele suspirava de alegria. Mesmo com toda sua experiência, ele vibrava internamente, parecia que era a primeira vez que ele estava fazendo aquilo. O seu entusiasmo era algo que o tornava tão diferente dos demais professores. [...] Eu, por exemplo, aprendi muito com ele. Eu ficava observando sua postura e suas atitudes na sala de aula.

Outras características apontadas pela professora Bercholina Alves (2012) eram o respeito e a calma que o professor Maurer mantinha diante de algumas situações em sala de aula, tal como quando um aluno fazia uma pergunta sem sentido:

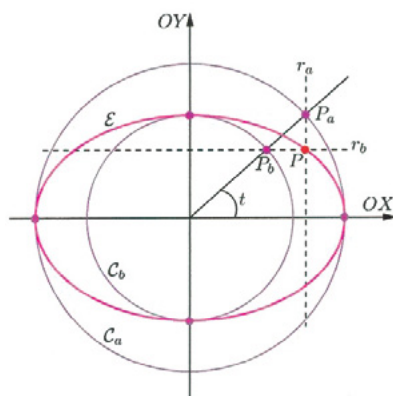
ele ficava se recompondo para não dar uma má resposta para aquele aluno. Eu nunca o vi maltratar ou dar uma má resposta a nenhum aluno. Às vezes, ele parava, passava a mão no pescoço, falava assim “é... vamos ver”, de vez em quando fazia uma brincadeira, dava uma risadinha para tentar amenizar a situação, mas, de forma alguma, maltratava o aluno. O professor Willie tinha muita paciência, nunca destratava o aluno e também nunca demonstrava estar nervoso (ALVES, 2012, p. 5).

Todos os professores do MAF que foram entrevistados ressaltaram, entre as qualidades do professor Maurer, a disposição e a vontade para servir e a prontidão para ajudar. O professor Armando Paulino da Costa (2012, p. 2–5) destacou um fato que jamais esqueceu:

Em uma aula de Cálculo II, mostrei como calcular o comprimento de um arco usando integral e coloquei como exemplo o comprimento de arco da elipse e, claro, me dei mal. Primeiro, porque não consegui parametrizar a elipse, pensava que conseguia, e, segundo, não conseguindo, peguei uma forma cartesiana mesmo, “dei com os burros n’água com a integral”. Terminei a aula e fui atrás dele. Nessa época, o professor Willie tinha uma “salinha” dentro do MAF. [...] Eu fui fazer as contas para ele lá no dia e ele só me deixando fazer... e falou: “vamos ver até onde ele vai”, e parei na integral:

$$\int \sqrt{\frac{a^2 - e^2 x^2}{a^2 - x^2}} dx$$

e ele disse: “pois é, Armando, agora você caiu numa integral elíptica”. Falei: o que que é isso? E ele foi contar: “é um grupo de integrais que você não resolve algebricamente, só por métodos numéricos, e a origem desse nome é exatamente por causa desse problema do comprimento do arco da elipse”. [...] Aí perguntei para ele: professor, como é que parametriza uma elipse? O que é o parâmetro? Aí ele fez esta construção “bonitinha” aqui, que guardo até hoje.



Então, ele disse assim: Armando, primeiro você esboça no plano xy a elipse de equação

$$\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$$

Tome um ponto $P(x,y)$ na elipse e sobre ele trace a reta r_b , paralela ao eixo x , e r_a , paralela ao eixo y . Agora, trace duas circunferências, uma C_a , de raio “ a ”, e a outra C_b , de raio b , ambas centradas na origem. Marque o ponto P_a de abscissa x na interseção da reta r_a com a circunferência de raio “ a ”, analogamente o ponto P_b de ordenada y com a reta r_b . Como P_a pertence a circunferência C_a , suas coordenadas em função do ângulo t em radianos, no sentido anti-horário, como eixo “ x ” podem ser escritas como P_a (*acost*, *asent*). Analogamente, P_b pertence à circunferência C_b e, então, P_b (*acost*, *asent*). Então, como o ponto $P(x,y)$ tem a mesma abscissa do ponto P_a e a mesma ordenada do ponto P_b , ele pode ser escrito como P (*acost*, *asent*) que pertence à elipse

$$\text{e: } \frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$$

Portanto,

$$\text{e: } \begin{cases} x = a \cos t \\ y = b \sin t \end{cases}, \quad t \in [0, 2\pi]$$

Ainda de acordo com o professor Armando, Maurer “expunha o assunto de uma maneira cadenciada, sua didática ao abordar temas de Matemática era diferente, tinha uma clareza e uma leveza própria. [...] Ele enriqueceu e deixou marcas no MAF, no meu caso, por exemplo, jamais esqueci a parametrização da elipse” (COSTA, 2012, p. 11–15).

Na época, nós do MAF tínhamos, vamos dizer assim, até um certo orgulho em saber que existia entre nós um professor do “naípe” do professor Willie Maurer. Realmente, na época foi muito bom, o departamento cresceu muito com a presença dele e a universidade também (LOPES, 2012, p. 15).

Na opinião da professora Bercholina, tratava-se de um educador nato:

quando ele encerrou suas atividades aqui na PUC Goiás, fiquei com uma sensação de insegurança muito grande, porque perdemos uma pessoa que

podia nos auxiliar em tudo. No meu entendimento, a passagem dele pela PUC Goiás foi extremamente positiva, principalmente no aspecto de formação de professores de Matemática, uma vez que ele atuou diretamente ministrando disciplinas por vários anos aqui no MAF e isso, indiretamente, acabou atingindo outras instituições do nosso estado (ALVES, 2012, p. 8).

Outra grande contribuição do professor Willie para o ensino e a aprendizagem da Matemática foram seus livros, principalmente os de Cálculo.

Quando entrei na graduação, na década de 1970, tive um pouco de dificuldade porque eram adotados alguns livros em língua estrangeira. [...] os alunos usavam os livros do professor Willie Maurer como referência, isso quando não eram adotados. [...] É inquestionável a marca que ele deixou no ensino de Goiás, principalmente pelos seus livros, que até hoje são usados como referência. Ele formou adeptos de ensino e incentivava pessoas que tinham interesse em pesquisa (BORGES, 2012, p. 5–6).

Em seu relato sobre o tempo de estudo na UFG, o professor Armando afirma: “usava muito a biblioteca de lá e os livros dele foram meu suporte na área de cálculo. [...] Eu usei muito o de Cálculo I, Cálculo II e Equações Diferenciais. [...] Mantinha o rigor matemático e eram muito bem escritos” (COSTA, 2012, p. 8–13).

Quando eu fiz o curso de Matemática na Universidade Católica, eu também usei basicamente os livros dele, aqueles quatro volumes de cálculo. [...] Eu sempre gostei de adotar os livros do professor Willie nos cursos de Cálculo e Equações Diferenciais. A dificuldade que a gente tinha era exatamente fazer com que o aluno adquirisse o exemplar, porque na época eles não eram mais publicados e não era muito fácil encontrá-los no mercado (LOPES, 2012, p. 8–13).

Apesar de não ocupar cargo de destaque na então UCG (hoje PUC Goiás), o professor Maurer deixou sua marca como um grande educador ao trabalhar diretamente com a formação de futuros professores.

Considerações finais

Neste livro, reconstituímos a história da vida do professor Willie Maurer e de suas contribuições para o ensino da Matemática no Brasil. Convictos da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de recompôr fielmente o passado, ousamos fazer essa reconstituição ancorando-a em fontes escritas e orais, tais como a autobiografia do professor Maurer, seus documentos pessoais e institucionais e depoimentos de pessoas que conviveram com ele. Esses depoimentos forneceram informações indispensáveis, complementaram e enriqueceram os dados contidos nos documentos escritos.

Durante a pesquisa, foi possível resgatar dois livros inéditos do professor Willie Maurer, que certamente constituem fontes preciosas para estudos futuros. Os livros que integravam sua biblioteca de uso pessoal foram encontrados na UFG e na PUC Goiás. Com a reunião desses livros, que incluem obras raras, formou-se a coleção *Professor Willie A. Maurer*, que está disponível para pesquisa na Biblioteca Central da UFG.

Ao perscrutar a vida desse grande professor, constatamos ter sido ele autodidata, pois, na maior parte de sua trajetória acadêmica, não seguiu os cursos regulares da época, o que não o impediu de se tornar um mestre da ciência matemática e de merecer o respeito e a admiração de todos os que o conheceram.

O professor Willie não se prendia a bens materiais, não tinha ambições políticas nem interesse em ocupar cargos importantes. Entretanto, desempenhou funções de destaque por onde passou, graças à sua competência profissional. Sempre trabalhou com o propósito de melhorar o ensino da Matemática e da Física, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico do país. Nas palavras dele, “são os professores mais do que qualquer outro profissional que devem fazer da perfeição um lema e da autocrítica uma norma”.

Ao longo de seu percurso, Maurer escreveu livros de Matemática para vários níveis de ensino. A coleção de Cálculo Diferencial e Integral, publicada em 1967, merece destaque por surgir em uma época em que havia no Brasil uma grande carência de obras sobre o assunto escritas em Língua Portuguesa. Não é por outra razão que seus livros se encontram espalhados por todo o país, principalmente nas bibliotecas de instituições públicas. As pessoas entrevistadas que utilizaram essa coleção, quer como alunos quer como professores, foram unânimes ao afirmar que nela a exposição dos conteúdos era feita de forma a permitir que o principiante conseguisse entendê-los de fato, pois a abordagem contemplava o rigor da Matemática, mas era simples e objetiva e se valia de uma grande quantidade de exemplos criativos e bem elaborados para mostrar aplicações práticas dos tópicos estudados.

Foram inúmeras as contribuições do professor Willie Maurer para o desenvolvimento do ensino da Matemática no Brasil, de modo especial nos estados de São Paulo e Goiás. Em São Paulo, ele participou ativamente da criação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde trabalhou por mais de trinta anos, sempre dedicado às disciplinas de Matemática e Física. Nas vezes em que foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dessa universidade, conseguiu, por iniciativa própria, instalar um laboratório de Física com equipamentos didáticos. Além disso, apoiou o professor Osvaldo Sangiorgi em seu projeto de criação do Grupo de Estudos do Ensino da Matemática de São Paulo. Outra de suas ações foi incentivar a criação do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM), mais tarde transformado no Centro de Rádio Astronomia e Astrofísica Mackenzie. Reconhecido pela comunidade científica ligada à área, esse centro continua atuante e hoje oferece curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Em Goiás, a atuação profissional do professor Maurer ocorreu de duas formas: com a criação e a consolidação do Instituto de Matemática e Física da UFG (IMF) e com a atividade docente no Departamento de Matemática (MAF) da então UCG. Em relação ao IMF, Maurer, graças à sua determinação de enfrentar as dificuldades e à sua competência,

conseguiu mantê-lo e consolidá-lo em plena crise política que assolava o Brasil com o golpe militar de 1964. Na constituição do primeiro corpo docente do instituto, esforçou-se para levar grandes profissionais para Goiás, os quais foram responsáveis pela formação de futuros professores no estado, priorizando a qualificação dos estudantes goianos. Com isso, o IMF, como núcleo da comunidade acadêmica de matemáticos goianos, tornou-se um referencial na Região Centro-Oeste nas áreas de Matemática e Física, inclusive com a oferta de cursos de mestrado e doutorado. Incontestavelmente, a consolidação dessa unidade acadêmica foi fruto da persistência, da dedicação e da convicção de um grupo de professores que tinham como líder o professor Maurer, que, além de ser experiente e idealista, detinha posições fortes e coerentes. Mesmo ante todos os obstáculos, ele não desistiu da sua missão na UFG.

Na UCG, a atuação do professor Maurer foi basicamente a de professor, educador e orientador de futuros professores de Matemática e Física, tendo sido responsável por motivar os demais professores a continuar aprimorando seus conhecimentos e, conseqüentemente, a qualidade de suas aulas. A postura e as atitudes dele, tanto em sala de aula como fora dela, tornaram-se referência para vários professores que o conheceram. Vale destacar que ele sempre se preocupou com os alunos que apresentavam maior dificuldade com a aprendizagem. Para ajudá-los, buscava soluções em exemplos práticos do dia a dia ligados ao conteúdo em estudo. Desse modo, esses alunos conseguiam perceber para que servia a teoria matemática estudada. Maria Angélica Lombardi (2012, p.5) relata que o professor Willie tinha esta opinião: “para ser um bom professor, a primeira coisa é saber conduzir um aluno para que ele aprenda de fato, para que ele entenda de fato e não ficar demonstrando conhecimento para meia dúzia de gente”; a educação deveria priorizar a “formação da personalidade, a aquisição de conhecimentos e hábitos que revertam em benefício da coletividade”; e a “pesquisa e planejamento, educação e construção” não deveriam seguir uma estrutura importada dos países desenvolvidos, porque precisam ser desempenhadas conforme a realidade brasileira.

Para Maurer (1967), no Brasil, o sistema de ensino, em todos os níveis, continua alheio às demandas reais. Só teremos uma educação autêntica, genuinamente brasileira,

quando, libertados da mística dos paradigmas importados e dos preconceitos dos padrões rígidos e intangíveis, fizermos do Homem, em toda sua plenitude, o objeto e o objetivo do ensino em geral e da universidade em particular, visando aperfeiçoar-lhe as aptidões de modo que venha a fazer melhor aquilo que já está fazendo. [...] A realidade brasileira não é um ente metafísico, alheio ao homem, suas características passadas, presentes e futuras são a obra e o fruto do homem em ação (MAURER, 1967, p. 22).

Quando apresentamos a relação de Droysen (1983 *apud* LORIGA, 2011, p. 14) na introdução deste livro, afirmamos que, da equação $A = a + x$, daríamos ênfase ao “pequeno” x , mas, no início do processo de investigação e reflexão, não tínhamos noção de sua dimensão. Com o aprofundamento da pesquisa, concluímos que a marcante representatividade desse x deve-se às suas contribuições ao desenvolvimento do ensino de Matemática no Brasil, aos seus livros e artigos e aos inúmeros discursos proferidos nos locais onde atuou, o que se explica, principalmente, por Maurer ter sido um educador exemplar em toda a sua trajetória profissional.

Compreendemos que o professor Willie Maurer, mesmo sem conhecer os princípios que norteiam a Educação Matemática de hoje, já os seguia e praticava. Por isso, podemos considerá-lo como um dos pioneiros dessa área da Educação no Brasil. Desejamos que este livro represente, ainda que tardiamente, uma justa homenagem ao grandioso trabalho desse professor, que, sempre com muita dedicação, atuou em prol do desenvolvimento do ensino da Matemática no Brasil.

Anexo

Acervo fotográfico e documental sobre a trajetória de Willie Maurer

Este anexo reúne as imagens que compõem o material documental da pesquisa sobre a trajetória pessoal e profissional do professor Willie Maurer.

Willie e a família

Figura 1

Cédula de
Identidade de
Willie Alfredo
Maurer – ...
20/12/1982

Fonte: Cópia
do documento
original, cedido
por Guilherme
e Lilian M.
Lane, netos de
Willie Maurer.





Figura 2
Família Maurer – década
de 1940

Em pé da esquerda para
direita: Willie Alfredo
Maurer, João Miranda,
Theodoro Henrique Maurer
Jr., Mary Blanche Vogel
Maurer, José Henrique
Maurer, Octacília Borges
Maurer, Paulo Maurer,
Ernest Graff, Clara Maurer
Miranda.

Sentados da direita para
a esquerda: Yolanda
Maurer Gigs, Frida Maurer
Miranda, Henrique Maurer,
Rosette Hunziker Maurer,
Anna Maurer Miranda, Ina
Miranda Maurer, Apolônia
Maurer e Silvia Tatiana
Maurer Lane.

Fonte: Cópia da foto
original, cedida pelo
senhor Fred Lane.

Figura 3
Willie Alfredo
Maurer –
década de
1930

Fonte: Acervo
do autor.



Figura 4
Apolônia e
Willie Maurer
– década de
1960

Fonte: Cópia da
foto original,
cedida pelo
senhor Fred
Lane.



Figura 5
Fotografias
do sítio do
professor Willie
Maurer em
Mairinque (SP)
– década de
1950

Fonte: Cópia
das fotos
originais,
cedidas por
Guilherme e
Lilian M. Lane,
netos de Willie
Maurer.



**Figura 6**

Willie Maurer,
Silvia T. Lane
Maurer e
Apolônia
Maurer –
década de
1950

Fonte: Abrapso
(2019).

**Figura 7**

Ingridi
Maurer, neta
do professor
Maurer –
década de
1990

Fonte: Cópia
das fotos
originais,
cedidas por
Guilherme e
Lilian M. Lane.

Figura 8

Silvia T. Maurer
Lane, filha
do professor
Maurer
– década de
2000

Fonte: Abrapso
(2019).



Figura 9

Guilherme
(à esquerda),
neto do
professor
Maurer; João
Vitor (centro),
bisneto, e Lilian
(à direita), neta
– 28/04/2012

Fonte: Acervo
do autor.



A carreira do professor



Figura 10
Lista de
formandos da
USP – 1940
Fonte: Acervo
do autor.

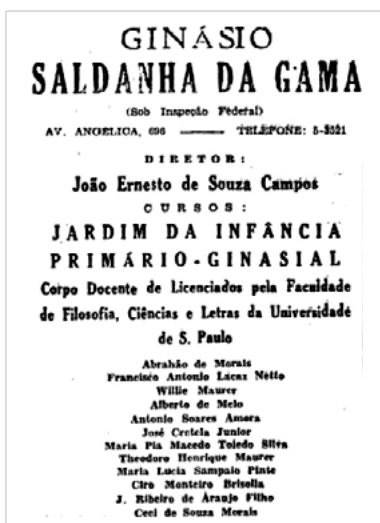


Figura 11
Nota de
divulgação
do Ginásio
Saldanha da
Gama com
indicação do
professor Willie
Maurer como
integrante do
corpo docente
– fevereiro de
1944
Fonte: Acervo
digital da Folha
(GINÁSIO...,
1944, p. 14).

Figura 12
Nota de
divulgação do
Colégio
Bandeirantes
com indicação
do professor
Willie Maurer
como
integrante do
corpo docente
– fevereiro de
1944

Fonte: Acervo
digital da Folha
(COLÉGIO...,
1944, p. 41).

COLÉGIO BANDEIRANTES

Sob regime de inspeção federal permanente pelo decreto 11 486 de 3-3-1943 — Autorizado a funcionar como Colégio pelo decreto n.º 11 788 de 4-3-1943

DIRETORES: Dr. Octavio de Carvalho
Eng. Antonio de Carvalho Aguiar
VICE-DIRETOR: Prof. Hygino Allandro
ASSISTENTE DA DIRETORIA: Prof. Jorge B. Hirs

EXTERNATOS PARA AMBOS OS SEXOS

CURSOS: Pré — Primário (J. da Infância), Primário e Admissão.
SECUNDARIO: 1.º ciclo (diurno) GINASIAL.
2.º ciclo (diurno e noturno) CLASSICO E CIENTIFICO

CORPO DOCENTE CURSO GINASIAL

PORTUGUES

Prof. José R. Castelões
Prof. Napoleão M. de Almeida

LATIM

Prof. José R. Castelões
Prof. Napoleão M. de Almeida
Prof. Maria S. C. Carvalho
Prof. Dulce de Paiva Faria

FRANÇES

Prof. Hygino Allandro
Prof. Edison de Freitas
Prof. Ivone Toledo L. de Moraes

INGLES

Prof. Hygino Allandro
Prof. Margarida R. J. Taranto

MATEMATICA

Prof. Luiz A. Berthet
CIENCIAS NATURAIS
Prof. Jorge B. Hirs
Prof. Ibanes de Carvalho
Prof. José M. Nogueira

HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

Prof. Tibor David
Prof. Blás B. Martinez

GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

Prof. Moyses Gicovate
Prof. Blás B. Martinez
Prof. Maria de Lourdes P. Radesca

TRABALHOS MANUAIS

Prof. Olga Magnani

DESENHO

Prof. Humberto Rosa
Prof. Raul de Oliveira

EDUCAÇÃO FISICA

Prof. Sebastião C. Simões
Prof. Vicente C. Carvalho
Prof. Max Raschmann
Prof. Georgette Haul

CANTO ORFÊONICO

Prof. Judith Guédes

CURSOS CLÁSSICO E CIENTÍFICO

PORTUGUES

Prof. Antonio S. Amora

LATIM

Prof. José R. Castelões

FRANÇES

Prof. Dr. Rolando Corbiñer
Prof. Hygino Allandro

INGLES

Prof. Hygino Allandro

ESPAÑHOL

Prof. Elio Sandoval Petzote

MATEMATICA

Prof. F. A. Lucas Netto
Prof. Abrão de Moraes
Eng. A. de C. Aguiar
Prof. Luiz A. Berthet
Prof. Fausto W. de Lima
Prof. Luiz de Queiroz Orsini
Prof. Jorge B. Hirs
Prof. Willie Maurer
FISICA
Prof. Abrão de Moraes
Prof. Walter Toledo Silva
Prof. Luiz A. Berthet
Prof. Willie Maurer

QUIMICA

Dr. Adail F. Julião
Eng. Paulo Mathias
Dr. Sívio D. da Silveira
Eng. J. M. Nogueira

BIOLOGIA

Dr. Clemente Pereira
Dr. L. A. de Alencar Barros (Botânica)
Dr. Waldemar F. de Almeida (Zoologia)
Prof. Masaelas Carrera (Zoologia)
Prof. Ibanes de Carvalho (Botânica)
Dr. Fabus Gicovate

HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

Prof. José R. Castelões
Prof. Tibor David
Dr. Francisco Riberto dos Santos
Dr. Eduardo França

GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

Dr. Moyses Gicovate
Prof. Blás B. Martinez
Prof. Maria de Lourdes P. Radesca

FILOSOFIA

Dr. Francisco R. dos Santos
Prof. Tibor David

DESENHO

Prof. Waldemar da Costa
Eng. Carlos Decourt
Eng. José E. P. Guimarães

EDUCAÇÃO FISICA

Prof. Sebastião C. Simões
Prof. Vicente C. Carvalho
Prof. Max Raschmann
Prof. Georgette Haul

Este selecionado e homogêneo conjunto de Professores conseguiu nos últimos anos os melhores resultados para os seus alunos nos concursos de Habilitação (Exames Vestibulares) às Escolas Superiores e Faculdades de São Paulo, Rio e Curitiba.

ABRAM-SE ABERTAS AS MATRÍCULAS PARA TODOS OS CURSOS COM NÚMERO LIMITADO DE VAGAS

HORÁRIO: — Período da manhã: das 8.00 às 11.50 — Período da tarde: das 13.00 às 16.50
Período da noite: das 19.30 às 22.30 — Aos sábados: das 19.00 às 20.20.

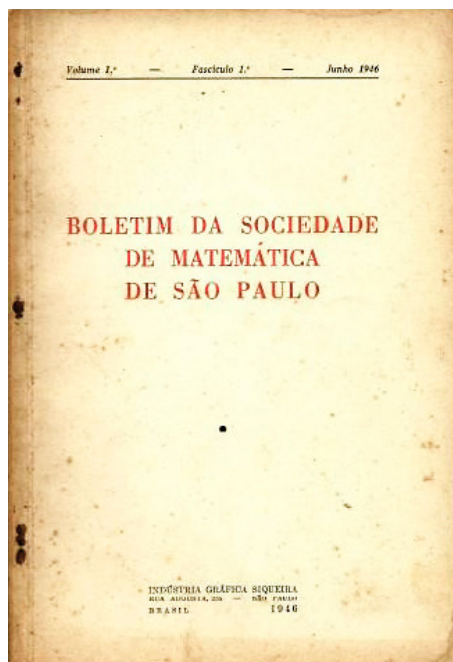


Figura 13
Boletim da
Sociedade de
Matemática de
São Paulo com
indicação do
professor Willie
Maurer como
sócio-fundador
– junho de
1946

Fonte: Acervo
do autor.

DIRETORIA	
(1943-1948)	
Presidente — OSMAR CATUNDI; Vice-Presidente — CANDIDO LIMA DA SILVA DIAS; Conselho Geral — LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO; Secretário Auxiliar — FRANCISCO ANTONIO LACAY NETO; Tesoureiro — BENEDITO CASTROCC; Diretor das Publicações — FLESCAMPO FURTADO DE ALMEIDA.	
Conselho Deliberativo	
MARIO SCHENBERG	1946-1949
JOAO BATISTA CASTANHO	1945-1948
ABRAHAM DE MORAES	
CANDIDO GONCALVES GOMIDE	
EMERSON FARAH	1945-1947
JOAO AUGUSTO BREVES FILHO	
Sócios Fundadores	
Osmar Catundi, Candido Lima da Silva Dias, Luis Henrique Jacy Monteiro, Benedito Castrocc, Fernando Furquim de Almeida, Oscar Zariski, Andre Weil, Eliseu Faria, Elia Furtado Gomide, Joao Batista Castanho, Aloisio de Toledo Piza, Mario Aparecida de Camargo Nogueira, Cesar Lattes, Francisco Lages Neto, Glib Wacagnin, Bernard Gross, Lelia I. Gama, F. De Oliveira Castro, José Melchior, Antonio Monteiro, Ernesto Leite de Oliveira Junior, Mario Schenberg, Cardillo Gonçalves Gomide, Abeshilo Blah, João Breves Filho, Willie A. Maurer, Abraham de Moraes, Walter Schuster, Leopoldo Nachbin, Ary Gomes Tietbohl, Antonio Rodriguez, Mario Alves Guimarães, Maria Isabel de Camargo Reis, Hermann Zoon, Paulo A. Corrin de Brito, Nelson da Silveira Leme.	

Figura 14
 Ofício da
 USP com
 convocação
 ao professor
 Willie Maurer
 para integrar
 comissão de
 concurso –
 abril de 1954
 Fonte: Acervo
 do autor.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

São Paulo (Brasil) 30 de Abri de 1954

Nº 1205
 G-100-33
 Ref. P. 1400-33

Seu Ex.º Professor:

Tenho a honra de comunicar-lhe que a Congregação desta Faculdade, nos termos do art. 1º da Lei 851, de 7-10-1949, houve por bem escolher V. Ex.ª, para integrar a Congregação Especial que deverá acompanhar a realização do concurso para vaga vacante efetiva da Cátedra de Física Geral e Experimental deste Instituto Universitário.

O dispositivo legal citado, assim diz:

"A Congregação do Instituto de Ensino Superior de Universidade, que tiver menos de dois terços de professores catedráticos efetivos de estabelecimentos congêneres, de preferência entre os que lecionem a mesma matéria ou afim da Cátedra posta em concurso, ou profissionais de notório saber, com atividades ou obras publicadas, pertencentes à mesma disciplina.

§ Único — Os componentes da Congregação escolhem na forma de seu regimento, participando, com direito de voto, duas pessoas da Congregação concorrentes ao concurso, e submeter-se-á à aprovação desta o parecer da Comissão Julgadora."

De acordo com a resolução do Conselho Nacional de Educação, a Congregação Especial a que se refere a lei supra, deverá reunir-se para assistir às provas de defesa de tese e didática e ao julgamento final do concurso. Tais provas serão realizadas nos seguintes dias:

5, quinta-feira, às 16 horas, defesa de tese;
 7, sexta-feira, às 19,30 horas, prova didática, leitura da prova escrita e julgamento final do concurso.

As provas serão realizadas no salão nobre da Faculdade.

Contando com a valiosa colaboração de V. Ex.ª, principalmente no ato do julgamento final do concurso, aproveito o ensejo para reiterar-lhe meus protestos de consideração e apreço.

E. Carlos de Paula
 E. Carlos de Paula
 Diretor

Ao Ex.º Sr. Prof. Dr. Willie Alfredo Maurer.

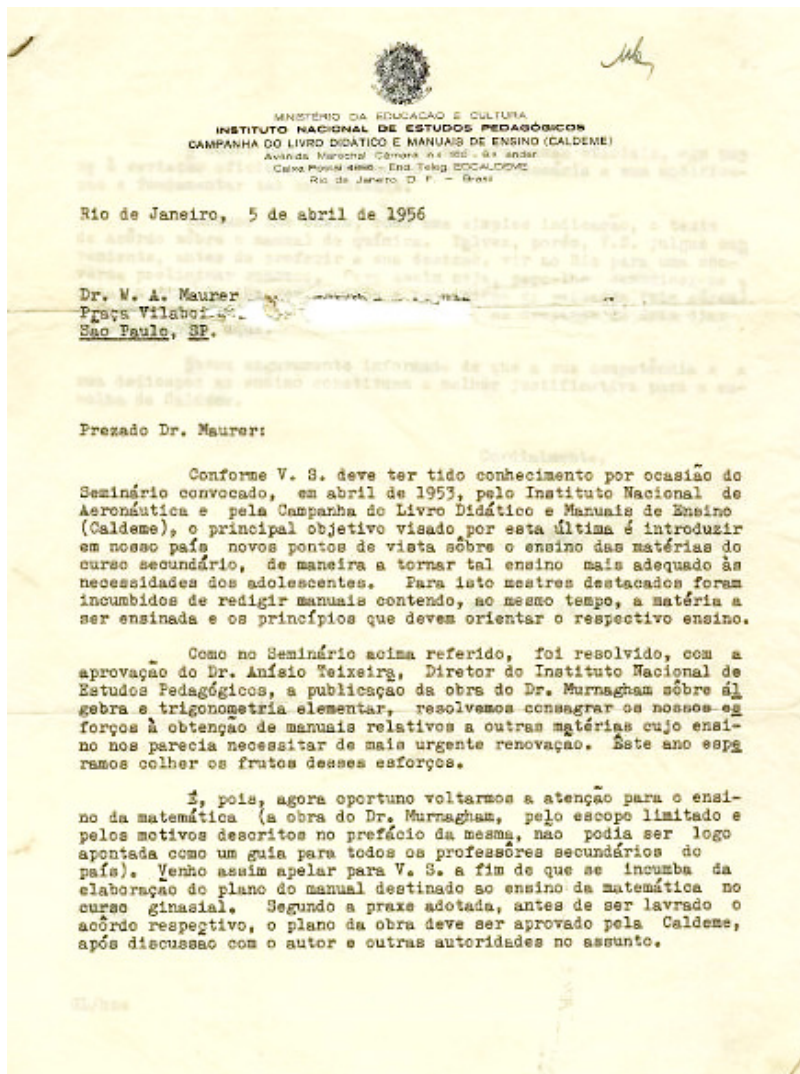


Figura 15
Carta da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeime) com convite ao professor Willie Maurer – abril de 1956
Fonte: Acervo do autor.

Figura 16
Carta de Willie Maurer em resposta ao convite da Caldeme – abril de 1956
Fonte: Acervo do autor.

São Paulo, 12 de abril de 1956.

Dr. Mário P. de Brito
Av. Marechal Câmara, 160, 9º
Rio de Janeiro. D.F.

Prezado Dr. Brito.

Tenho a grata satisfação de acusar em meu poder a sua carta de 5 do corrente, e quero antes de mais nada deixar consignados aqui os meus agradecimentos pelos seus dizeres lisonjeiros.

Com relação ao apêlo que V.S. me faz, só tenho dizer que terei todo prazer em colaborar com a CALDEME em iniciativa tão oportuna quão meritória. Podem Vs. Ss. contar com toda a minha boa vontade na consecução desta obra grandiosa de renovação educacional. De minha parte não pouparei esforços para corresponder à confiança em mim depositada.

Quanto ao plano do manual, tenho a honra de lhe remeter incluso um esquema que poderá servir de base para um julgamento prévio da minha orientação e, eventualmente, para entendimentos futuros.

Caso V.S. julgue conveniente o meu comparecimento aí para uma conversa pessoal, terei todo o prazer em atender ao seu amável convite para a ocasião ou o dia que mais oportuno lhe pareça.

Atenciosamente

Willie Alfredo Maurer.

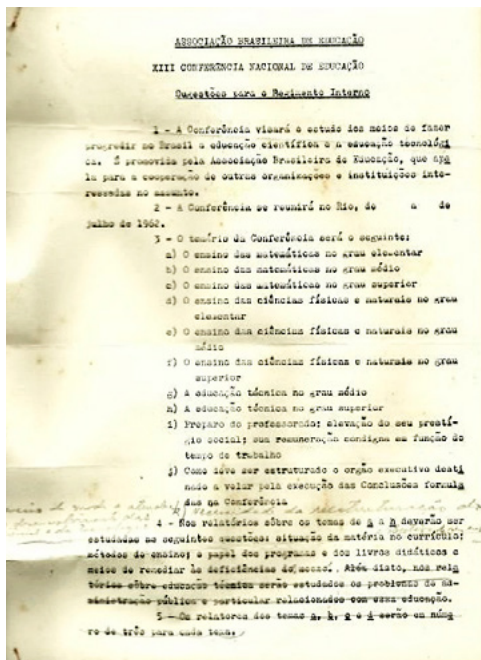


Figura 17
Documentos da XII Conferência Nacional de Educação e da XIII Conferência Nacional de Educação das quais participou o professor Maurer – 1956 e 1961
Fonte: Acervo do autor.

Concurso para docência de Matemática na Escola “Luis de Queirós”, de Piracicaba

Realizar-se-á a partir do dia 22 de abril, às 9 horas, no salão nobre da Escola Superior de Agricultura “Luis de Queirós” em Piracicaba, um concurso para provimento efetivo do cargo de professor catedrático da 16.ª cadeira, (Matemática). A comissão examinadora do referido concurso ficou assim constituída: prof. Edison Parah, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., prof. Hilton Sales, da Escola Nacional de Agronomia da Universidade Rural; prof. Willie Maurer, da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie; e profs. Hugo de Almeida Leme e Admar Cervellini, da Escola Superior de Agricultura “Luis de Queirós”. Acha-se inscrito o candidato, sr. Frederico Pimentel Gomes, Assistente e Livre-Docente da “Luis de Queirós”.

Figura 18
Nota do jornal Folha da Manhã sobre concurso para docência com referência à participação do professor Willie Maurer na comissão examinadora – março de 1959
Fonte: Acervo digital da folha (CONCURSO..., 1959, p. 6).

Fonte: Acervo digital da Folha (POSSIBILIDADE..., 1960, p. 14; SEM SOLUÇÃO..., 1960, p. 8; CONTINUA..., 1960, p. 10; ENGENHARIA..., 1960, p. 5).

POSSIBILIDADE DE GREVE NACIONAL DE APOIO AOS ESTUDANTES DO MACKENZIE

Os presidentes da União Nacional de Estudantes (UNE) e da União Estadual dos Estudantes (UEE), respectivamente João Manoel Ribeiro Conrado e Armando de Azevedo, estiveram ontem no CA Horácio Lane e hipotecaram solidariedade ao movimento, que visa a melhora do nível de ensino na escola. Segundo o presidente da UNE, há possibilidade de decretação de greve nacional dos universitários se não surgir, em tempo hábil,

Folha de São Paulo – Primeiro caderno, p. 14, 25/03/1960

Com 22 dias e 117 pontos de assinatura no "Dia de presença" que será usado para a justificação das faltas, continua o movimento grevista da Universidade de Escherbach de Marçom, sem apresentar qualquer perspectiva de solução imediata. O movimento deverá ter em outubro mais de 2 mil adesões de 200 calçados.

Além disso, a greve já realizada, a noite, uma reunião do comitê de greve para tratar da reestruturação do movimento.

Um dos membros do comitê informou ontem que caso as reivindicações não sejam logo atendidas existe a possibilidade de o movimento do movimento, em outras faculdades e mesmo no interior, visto que a UEE o apóia.

O Centro Acadêmico Horácio Lane, em seu Boletim n.º 6 lançado ontem repudia as resoluções tomadas pelo CTA, sob o n.º 3-4, e apresenta os motivos de sua atitude:

"1) — As comunicações entre o CTA e o CAJIL, deviam ser feitas através de trocas de ofícios, o que não foi o caso das "resoluções".

2) — Uma vez aceito um mediador — prof. **Willy Maurer** — por ambas as partes, as negociações deveriam ter encaminhadas através do intermediário. A atitude do CTA foi de menosprezo em relação ao mediador.

3) — Quanto à legalidade do movimento os membros do CTA invocaram lei trabalhista de relação empregado-empregador que não existem entre alunos e escola.

4) — A transição de que a anormalidade foi acada pelos alunos é lacerada. A situação foi iniciada pela administração não observando o regimento interno nas partes referentes a um estudo mais intenso e melhor.

O Boletim se atende por outros itens.

Prontamente aceita sem, contudo, a condição de que a Prefeitura Municipal de Marabá, no Estado do Pará, se comprometa a custear a obra. O Conselho Tutelar de Marabá, porém, não se comprometeu de imediato com a execução da obra, alegando que a Prefeitura Municipal não poderia assumir a responsabilidade de custear a obra, pois a mesma não teria condições de fazê-lo. A Prefeitura Municipal, por sua vez, alegou que não poderia assumir a responsabilidade de custear a obra, pois a mesma não teria condições de fazê-lo. A Prefeitura Municipal, por sua vez, alegou que não poderia assumir a responsabilidade de custear a obra, pois a mesma não teria condições de fazê-lo.

O Centro Acadêmico XI de Agosto, segundo o comunicado apurado e reproduzido, costea de lançar um movimento no sentido de forçar a direção da Faculdade de Direito da USP a manifestar-se sobre o andamento do inquérito ali instaurado, para apurar fatos relacionados com a falsificação de notas, e se qual está envolvendo vários funcionários.

Indicadamente, a atual diretoria do grêmio acadêmico procurará alcançar, por meios diplomáticos, o seu objetivo, falhando, intrinsecamente, uma ampla campanha, que começará um pronunciamento oficial da direção do estabelecimento do largo de São Francisco.

Pré que a reportagem foi inteirada, o movimento para esclarecer devidamente os fatos seria iniciado após a posse dos novos dirigentes da CA XI de Agosto, o que ocorrerá hoje, às 16 horas.

Por outro lado, as eleições em 1990 não se mantiveram próximas a aceitar a contraproposta, porque ela não foi feita por escrito. Acham que ela se trata de características de um simples conversa. Então assumi que não marcaram assembleia para decidir se aceitavam ou não. A diretoria do Centro Brasileiro Horacio Lane também não que revelar o conteúdo da contraproposta.

Com frequência à resposta do CTA aos 25 produtores que aderiram ao material pediram a reconsiderar a decisão de prof. Hermann Schulte, estagiário do Centro Agrário de Socorro Lina, distribuir o material à imprensa, na qual disse que a carta-circular assinada pelo prof. Antônio Valente de Sá não contém dados que, na sua maior parte, são incorretos.

Folha de São Paulo – Primeiro caderno, p. 08, 31/03/1990

[illegible][illegible]

Por último, trata-se manifestação que os professores atingidos e nominalmente citados pelos alunos continuavam gerando da maioria confiança da CTA, mesmo que, por meio de sindicância regular, se demonstrasse

totalmente ser ela inserida, e

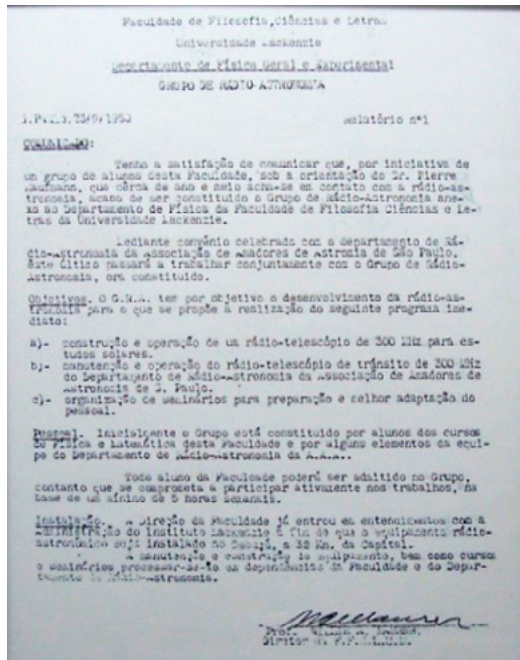


Figura 20
Fotografia do documento de criação do Grupo de Rádio Astronomia Mackenzie (GRAM) pelo professor Willie Maurer – setembro de 1960
Fonte: Centro de Rádio-Astronomia e Astrofísica Mackenzie (CRAAM).

Transcrição

COMUNICADO:

Tenho a satisfação de comunicar que, por iniciativa de um grupo de alunos desta Faculdade, sob a orientação do Sr. Pierre Kaufmann que cerca de ano e meio achase em contato com a Rádio-Astronomia, acaba de ser constituído o Grupo de Rádio-Astronomia anexo ao Departamento de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Mackenzie.

Mediante convênio celebrado com o Departamento de Rádio-Astronomia da Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo, este último passará a trabalhar conjuntamente com o Grupo de Rádio-Astronomia, ora instituído.

Objetivos. O G.R.A. tem por objetivo o desenvolvimento da Rádio-Astronomia para o que se propõe à realização do seguinte programa imediato:

construção e operação de um rádio-telescópio de 300 MHz para estudos solares.

manutenção e operação do rádio-telescópio de trânsito de 300 MHz do Departamento de Rádio-Astronomia da Associação de Amadores de São Paulo.

organização de seminários para preparação e melhor adaptação do pessoal.

Pessoal – inicialmente o Grupo está constituído por alunos dos cursos de Física e Matemática desta Faculdade e por alguns elementos da equipe do Departamento de Rádio-Astronomia da A.A.A.

Instalação – a Direção da Faculdade já entrou em entendimentos com a Administração do Instituto Mackenzie a fim de que o equipamento rádio astronômico seja instalado no Cabuçú, a 32 km. da Capital.

A manutenção e construção do equipamento, bem como cursos e seminários processar-se-ão em dependências da Faculdade e do Departamento de Rádio-Astronomia.

Figura 21

Notícia sobre a criação do Grupo de Radioastronomia da Mackenzie no jornal Folha de S. Paulo com apoio do professor Maurer – outubro de 1960

Fonte: Acervo digital da folha (GRUPO..., 1960, p. 10).

GRUPO DE RADIASTRONOMIA ORGANIZADO NO MACKENZIE COMEÇA COM ESTUDO SOLAR

Foi organizado nesta capital o Grupo de Radioastronomia do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, que já estabeleceu convenio com o Departamento de Radioastronomia da Associação dos Amadores de Astronomia e instalará o seu equipamento em Cabuçu a 32 quilômetros da capital.

Segundo esclarecimentos prestados pelo prof. Willie A. Maurer, diretor da FFCL da UM, já se processam entenhimentos para a construção, instalação, operação e manutenção do referido equipamento, cujo programa imediato serão os estudos solares. O citado Grupo de Radioastronomia será dirigido pelo sr. Pierre Kaufmann, organizador do Departamento de Radioastronomia da AAA e será constituído inicialmente por alunos dos cursos de Física e Matemática da aludida Faculdade e de elementos da AAA.

Radiotelescópio

Já foram tomadas as primeiras medidas para a construção do

radiotelescópio, assim como para a organização de seminários visando à preparação de pessoal para a operação e manutenção do equipamento, que inclui o radiotelescópio de transito da AAA, instalado no Ibirapuera. Qualquer aluno da FFCL da UM poderá ser admitido no Grupo desde que se comprometa a participar ativamente dos trabalhos na base mínima de 5 horas semanais.

Amplia-se assim em São Paulo o quadro de estudiosos de problemas radioastronômicos, que adquirem importância cada vez maior em todos os países.

O mais importante Grupo de Radioastronomia está sendo organizado na Cidade Universitária e é integrado por elementos do Centro de Estudos de Radiopropagação da Escola Politécnica, em colaboração com o Instituto de Pesquisas da Marinha, e do Instituto Astronômico e Astrofísico da Universidade de São Paulo.

Figura 22

Certificado do professor Willie Maurer como sócio honorário do Centro Acadêmico Filosofia Mackenzie – maio de 1960

Fonte: Acervo do autor.





Figura 23
Presidente Juscelino Kubitschek na solenidade oficial de assinatura da Lei n. 3.834-C – dezembro de 1960
Fonte: Reis (2010, p. 28).

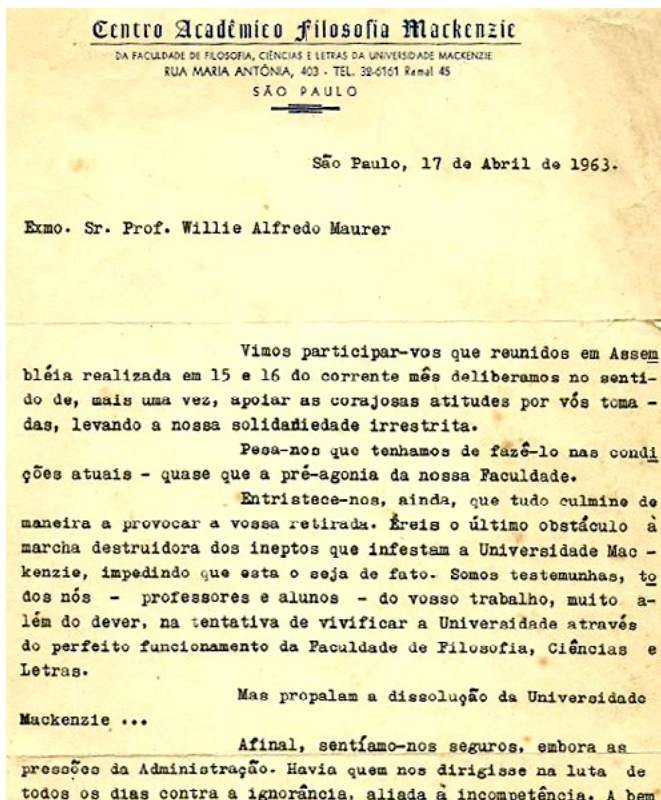


Figura 24
Carta dos alunos do Centro Acadêmico de Filosofia da Mackenzie ao professor Willie Maurer – abril de 1963
Fonte: Acervo do autor.

Figura 25
Ofício enviado
pelo professor
Willie Maurer
ao reitor da
Universidade
Mackenzie com
a demanda
por melhorias
salariais –
fevereiro de
1963
Fonte: Acervo
do autor.

São Paulo, 11 de fevereiro de 1963

Ofício F-14/63.

Magnífico Reitor.

Em resposta ao seu ofício de 30/1/63, solicitando a remessa da proposta do orçamento desta Faculdade para o exercício de 1963, cumpre-me expor e ponderar o seguinte:

Segundo se depreende dos atos nºs 145/63 e 147/63 dessa Reitoria, nenhuma providência foi tomada no sentido de sanar as falhas a cuja eliminação o C.T.A. desta Faculdade condicionara a elaboração de ulterior orçamento, conforme resolução encaminhada ao colendo Conselho Universitário em 16/3/62.

Nestas condições, só me resta informar a Vossa Magnificência que, à vista dos critérios fixados nos termos do ato nº 147/63 dessa Reitoria e em atendimento à supracitada resolução, a Faculdade de Filosofia não tem proposta orçamentária a apresentar.

Aliás, devo confessar que não foi sem uma sensação de profundo pesar que tomei conhecimento das referidos atos, onde são reproduzidos e consagrados, em toda a sua extensão, os erros de ano passado.

Naquela ocasião secundando as soluções cômodas e simplistas aventadas pela Administração do Instituto, Vossa Magnificência pretendeu contornar a questão salarial, alegando urgência na aprovação dos orçamentos e invocando, como último recurso, nos termos do ato nº 67/62, os acordos assinados com órgãos de classe, os quais, diga-se de passagem, não eram do conhecimento do ~~antecesor~~ Conselho Universitário.

Não obstante as promessas de ulterior corretivo, endossadas por Vossa Magnificência, a despeito da "cordial recomendação" da douta Comissão de Finanças do Conselho Universitário, "de providências, de quem de direito, para regularizar tal situação", persiste-se na adoção da fórmula simplista de reajustamento indiscriminado de 50%, agravando, uma vez mais, o erro pelo fator 1,5.

Em decorrência desta contabilidade primária e equívoca, os professores contratados perceberão, em média, R\$ 290,89 menos por aula de que os catedráticos, embora exercendo idênticas funções. Ainda à guisa de exemplo, é oportuno assinalar que a diferença entre os salários dos secretários da Escola de Engenharia e da Faculdade de Filosofia, passa a ser apenas de R\$ 71.235,00. É o caso de perguntar até quando a Tesouraria do Instituto pretende ater-se à tabuada de multiplicar... erros?

Fazendo caso omissso das recomendações de uns, da advertência de outros e dos compromissos formulados, preferiu-se, para evitar discussões embaraçosas e situações cruciantes, o recurso ao decreto puro e simples.

Na verdade, as amplas consultas e a livre discussão que Vossa Magnificência tanto exalçava, como uma das virtudes da nova ordem, só in-

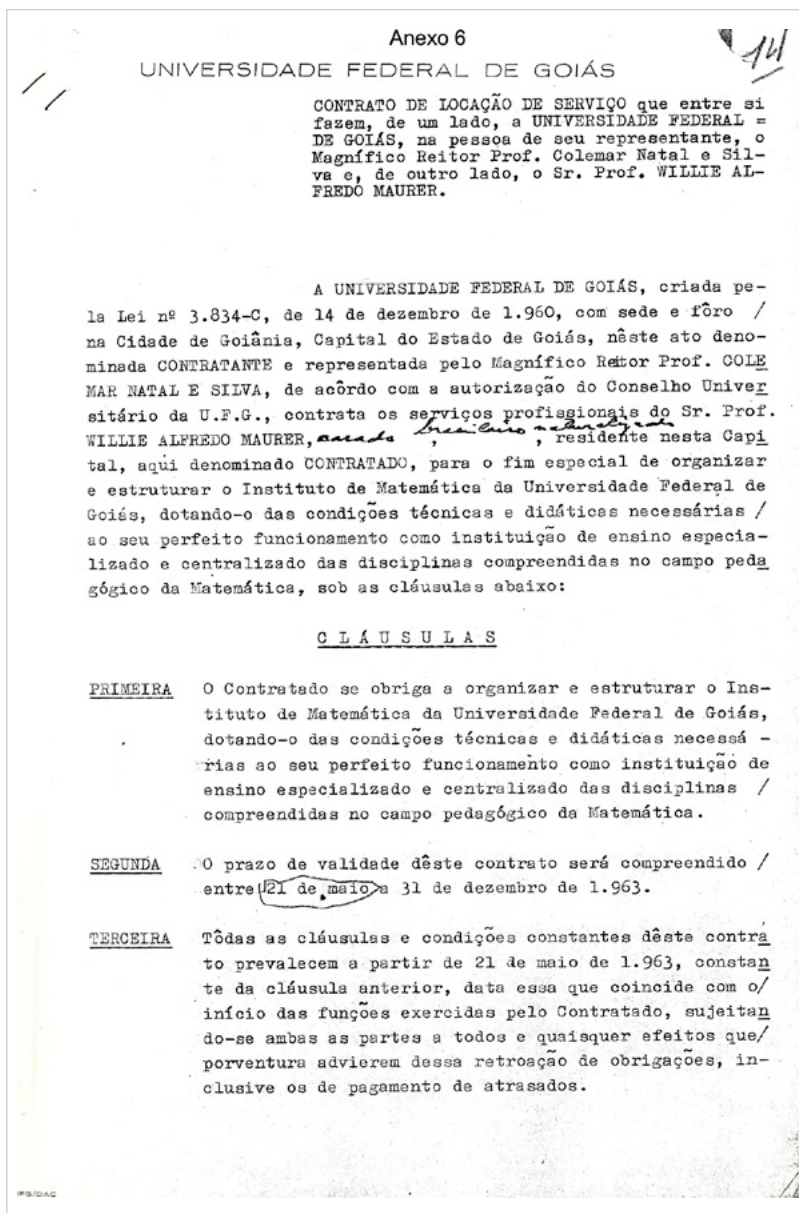
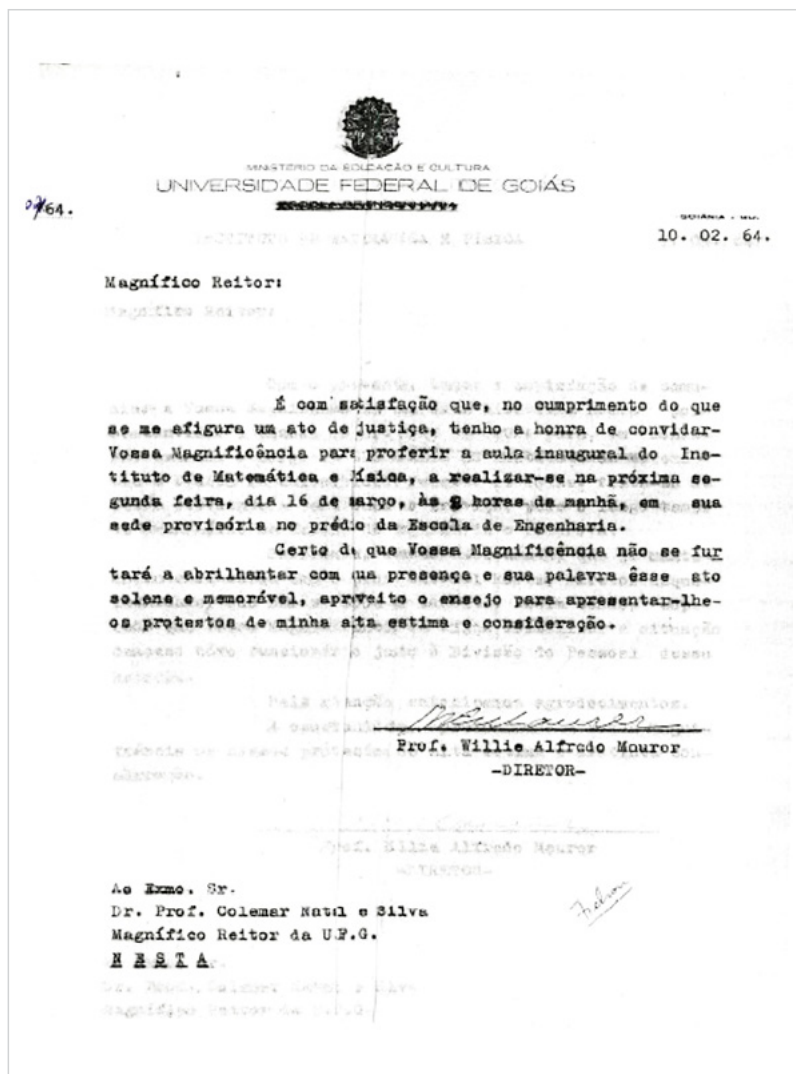


Figura 26
Contrato de
trabalho de
Willie Maurer
com a UFG –
maio de 1963
Fonte: Acervo
do autor.

Figura 27
Convite do professor Willie Maurer ao professor Colemar Natal e Silva para aula inaugural no IMF – fevereiro de 1964

Fonte: Acervo do autor.



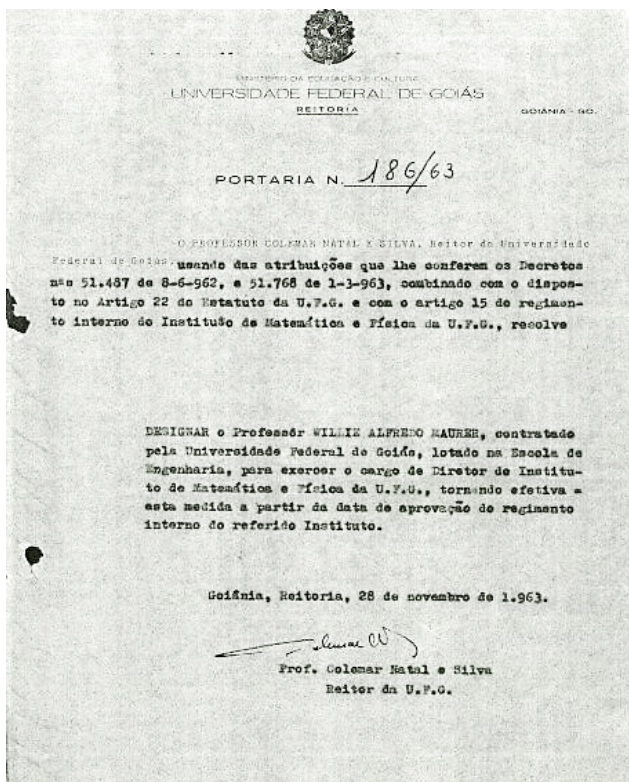


Figura 28
Portaria de designação do professor Willie Maurer como diretor do IMF – novembro de 1963

Fonte: Acervo do autor.

Transcrição

PORTARIA 186/63

O PROFESSOR COLEMAR NATAL E SILVA, Reitor da Universidade Federal de Goiás, usando das atribuições que lhe conferem os Decretos n. 51.487 de 8-6-962, a 51.768 de 1-3-963, combinados com o disposto no Artigo 22 do Estatuto da UFG e com o artigo 15 do regimento interno do Instituto de Matemática e Física da UFG, resolve:

DESIGNAR o professor WILLIE ALFREDO MAURER, contratado pela Universidade Federal de Goiás, lotado na Escola de Engenharia, para exercer o cargo de Diretor do Instituto de Matemática e Física da UFG, tornando efetiva esta medida a partir da data de aprovação do regimento interno do referido Instituto.

Goiânia, Reitoria, 28 de novembro de 1963.

Prof. Coleman Natal e Silva
Reitor da UFG

Figura 29
Segundo
contrato de
trabalho do
professor Willie
Maurer com a
UFG – março
de 1964
Fonte: Acervo
do autor.

 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REITORIA	Serviço de Comunicações 01394	
GOIÂNIA - GO.		

CONTRATO DE LOCAÇÃO DE SERVIÇO QUE EN-
TRE SI FAZEM, DE UM LADO, A UNIVERSIDA
DE FEDERAL DE GOIÁS, REPRESENTADA PELO
MAGNÍFICO REITOR, PROFESSOR COLEMAR NA
TAL E SILVA E, DE OUTRO LADO, O PROFES
SOR WILLIE ALFREDO MAURER.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, cria-
da pela Lei nº 3.834-C, de 14/12/60, com sede e fôro na cida
de de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, representada pelo
Magnífico Reitor, Prof. Colemar Natal e Silva, a seguir deno
minado simplesmente CONTRATANTE, observadas as disposições -
legais e estatutárias aplicáveis, contrata o Professor Willie
Alfrêdo Maurer, brasileiro, casado, residente e domiciliado
nesta Capital, para os trabalhos aqui estipulados pelas cláu
sulas que s e seguem:

PRIMEIRA - O Professor Willie Alfrêdo
Maurer, a seguir denominado simplesmente CONTRATADO, se obri
ga a exercer as atribuições inerentes ao seu cargo, junto ao
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA, qualificando-se como Profes
sor Titular da Tabela de Pessoal Temporário da U.F.G.;

SEGUNDA - O contratado perceberá salá
rios mensais no valor de Cr\$560.000,00 (quinhentos e sessen
te mil cruzeiros), na forma da resolução do Egrégio Conselho
Universitário, em sessão do dia 28 de fevereiro de 1.964, -
destacados das dotações consignadas ao Instituto;

TERCEIRA - O prazo de validade deste
contrato é de 12 (doze) meses, contados a partir de 1º de
março de 1.964 a 28 de fevereiro de 1.965;

QUARTA - A contratante se obriga a pres
tar ao contratado a previdência social necessária, bem como a
indenizar-lhe as despesas com mudança para Goiânia e vice-ver
sa, ao término do contrato ou sua rescisão por iniciativa da
contratante, exceto por inadimplemento do contratado, incluín
do-se passagens para pessoas da família;

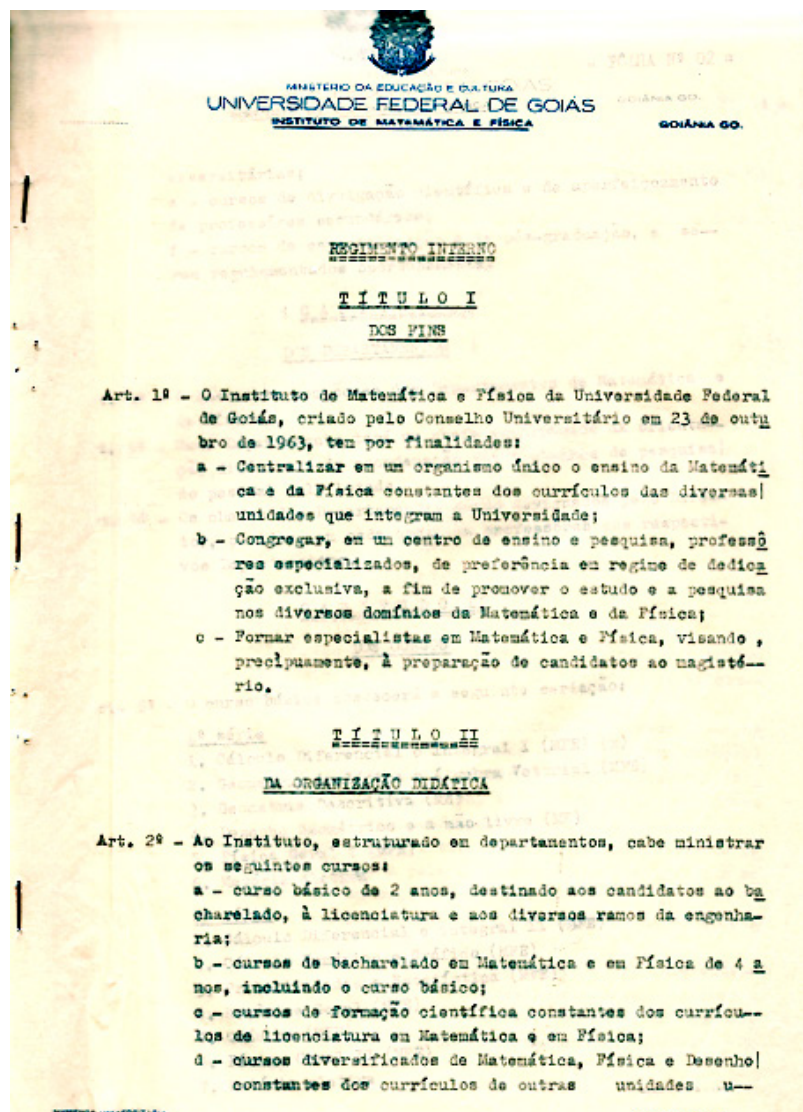
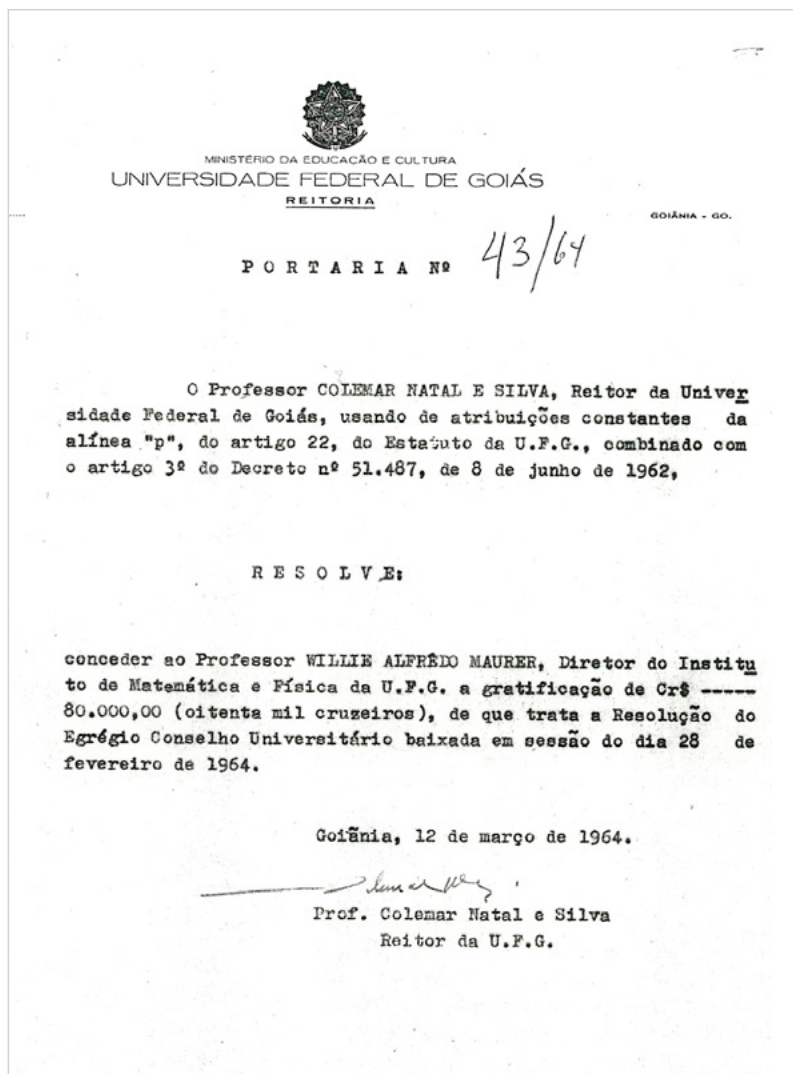


Figura 30
Regimento interno do Instituto de Matemática e Física da UFG, elaborado sob a direção do professor Maurer – novembro de 1963
Fonte: Acervo do autor.

Figura 31
Portaria de concessão de gratificação ao professor Willie Maurer pelo cargo de direção – março de 1964
Fonte: Acervo do autor.



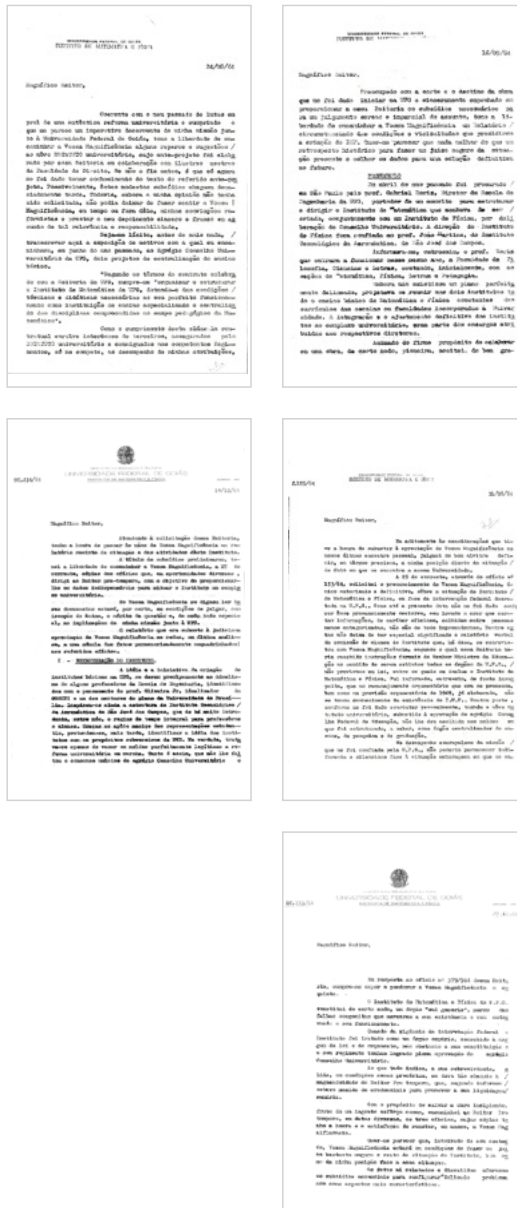
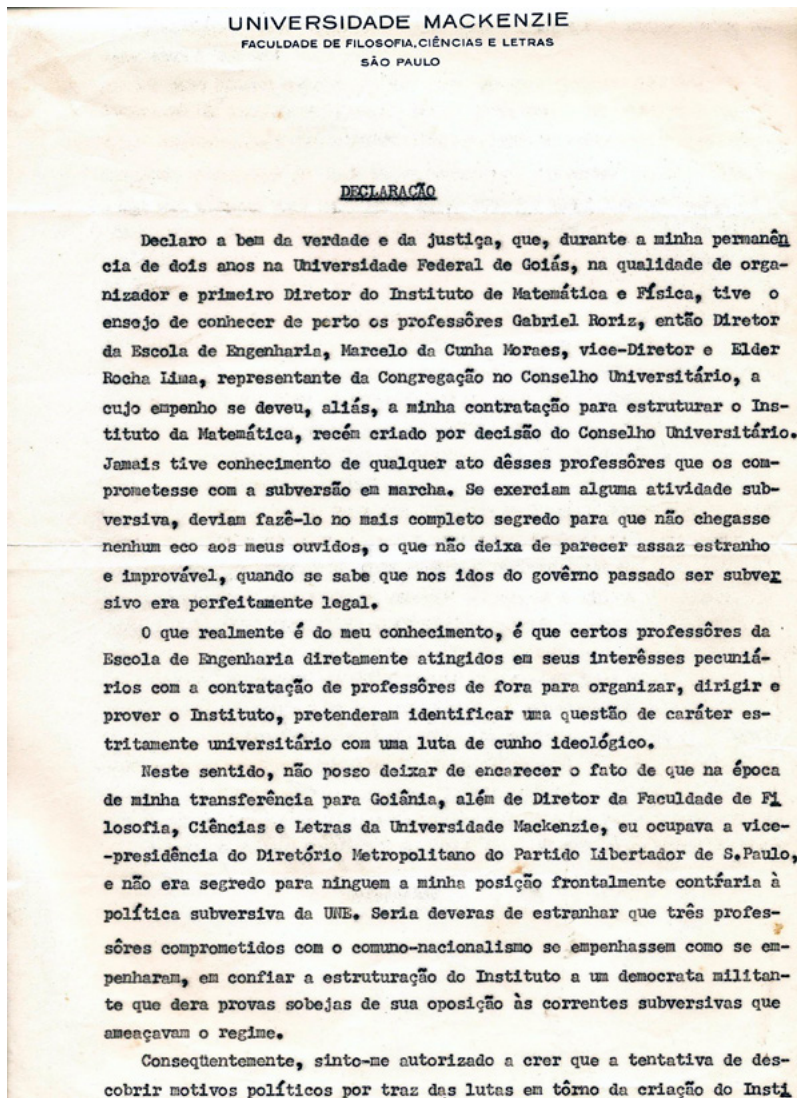


Figura 32
Ofícios do professor Maurer à Reitoria da UFG sobre a situação e a estrutura do IMF – agosto a dezembro de 1964
 Fonte: Acervo do autor.

Figura 33
Declaração
do professor
Willie Maurer
em defesa dos
professores
Gabriel Roriz,
Marcelo Cunha
Moraes e Elder
Rocha Lima –
março de 1965
Fonte: Acervo
do autor.



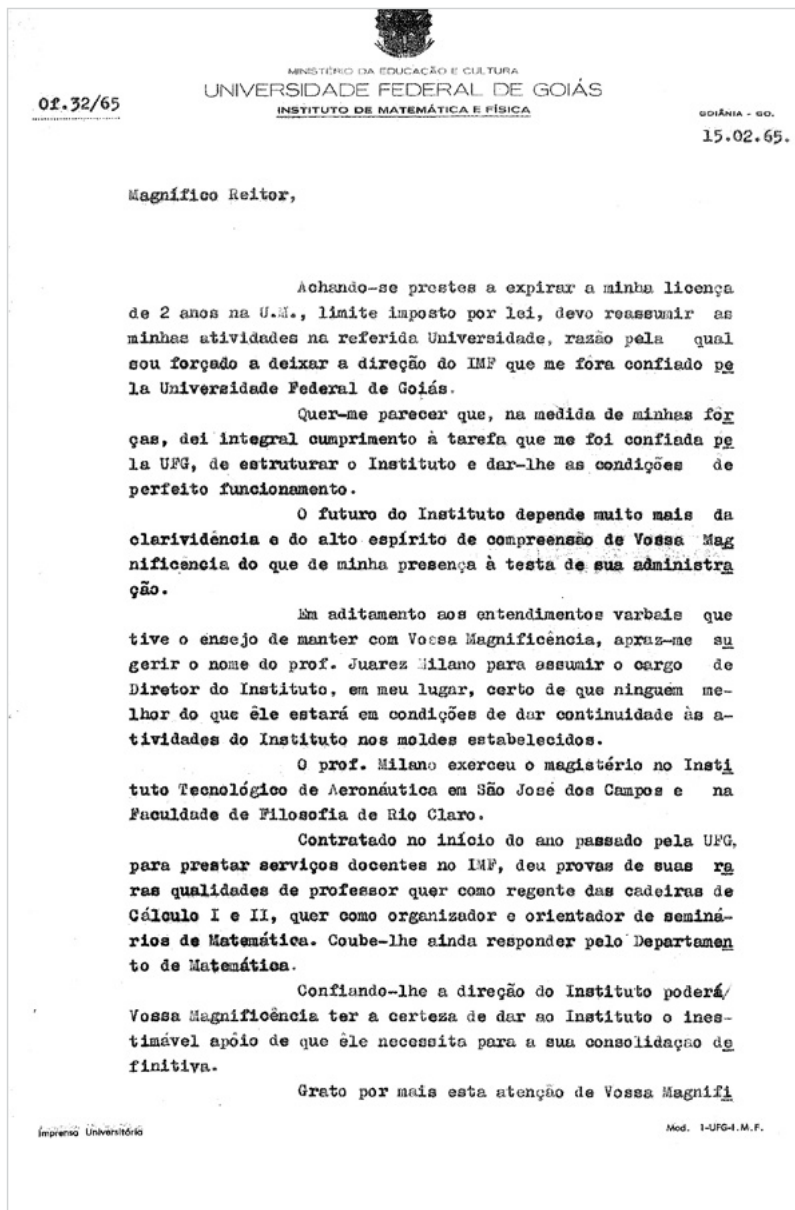
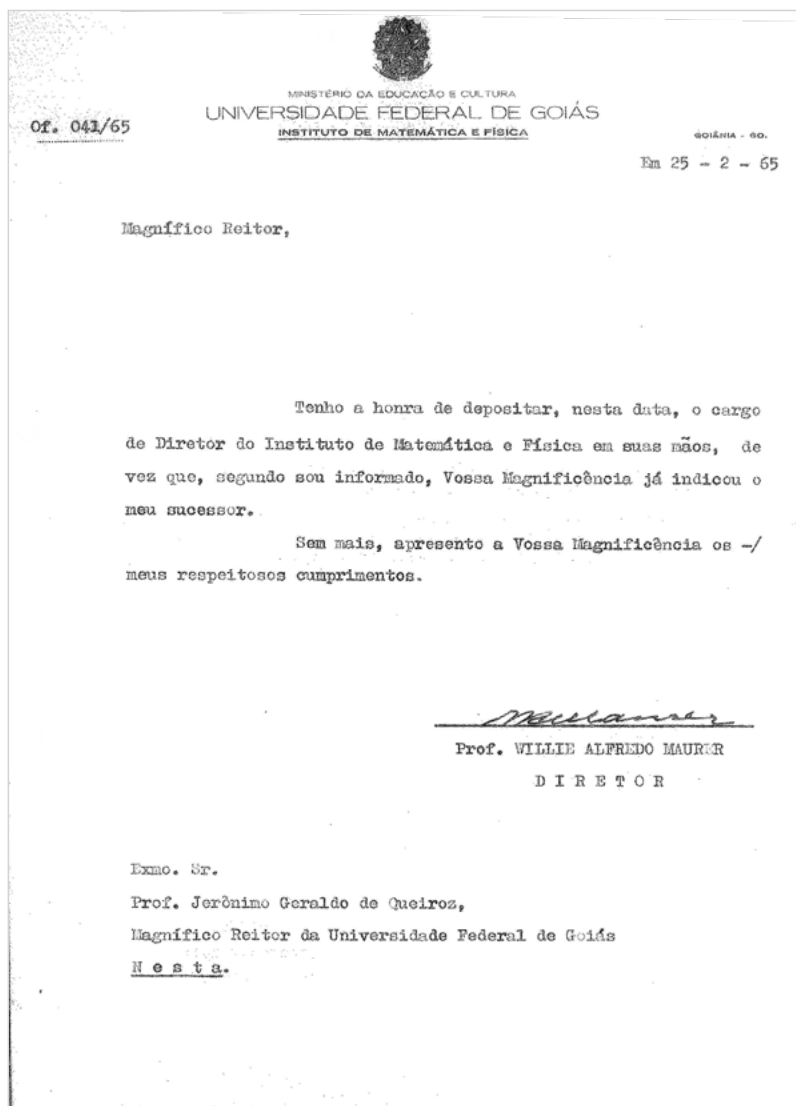


Figura 34
Ofício do professor Willie Maurer com solicitação de demissão da UFG – fevereiro de 1965
Fonte: Acervo do autor.

Figura 35
Ofício do professor Willie Maurer com entrega do cargo de diretor do IMF – fevereiro de 1965
Fonte: Acervo do autor.



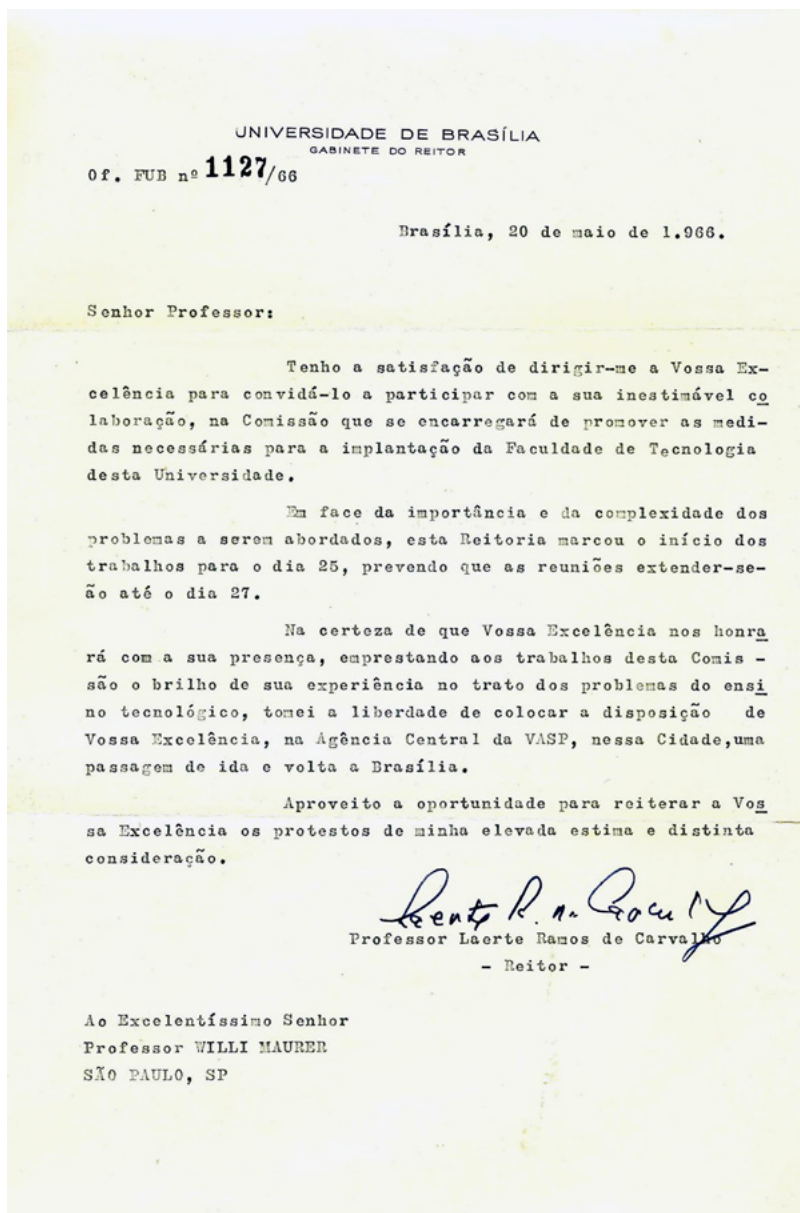


Figura 36
Ofício do reitor da Universidade de Brasília com convite ao professor Willie Maurer para integrar comissão de implantação da Faculdade de Tecnologia nessa instituição – maio de 1966
Fonte: Acervo do autor.

Fonte: Acervo do autor.

Depois de proceder a um balanço metódico da situação vi-
gente na UAB, chegou à conclusão de que não me sentia em con-
dições de emprestar à instituição V. Magn. a colaboração suficien-
te que era do meu desejo.

tem uma filosofia, hereditária que serve de fundamento
 à estrutura da C.B. que, ao que me parece, nasce antes mesmo do,
 provavelmente, interpredada. Cada filosofia, resumida
 em poucas palavras, converge a uma. Como ~~uma~~ ^{uma} con-
 tura orgânica, constituição da celular ~~em~~ ^{em} ~~vital~~ ^{vital} ~~intrinsecamente~~
 orgânica, de modo a formar um todo harmônico e indivisível.
 Foi esta filosofia que me induziu a cogitar de uma eventual
 colaboração com a ~~organização~~ ^{organização} de ~~leis~~. No entanto, e que me foi
 dado observar, foi um aglomerado de ~~questões~~ ^{questões} ~~em~~ ^{em} ~~forma~~ ^{forma} ~~que~~
 amargou embasar ~~qualquer~~ ^{qualquer} ~~algoritmo~~ ^{algoritmo} ~~de~~ ^{de} ~~articulações~~ ^{articulações}.

prefero permanecer no terreno das generalidades, sem entrar no exame dos múltiples, pequenos fatos que, somados, dão um resultado pouco auspicioso.

N.° tocante ao Encl. de Fátima, em particular, a mim ha promessa
apenas, não basta para solucionar o meu imenso problema.
O arrangement de pessoal docente e' grandemente difficil
toda pelos condicões salariaes e habitacionais pouco
favoraveis que a Univ. oferece. No p.e. um qus inter de seis mil
re's se pode ampliar, com principiaes, e com aproveitadist. Estes,
altemos, são raros excoeto, ativos irreversivelmente com-
prometidos com uma rotina, que não se coaduna com o
espírito da Udu; quanto aos principiaes, são poucos e os
provisoriaes e, na de regra, encontram aqui condições van-
taajosas de trabalho e remuneração.

#

15. É a meu ver, imperativo, portanto, que a CUB melhore substancialmente os padrões de gerenciamento do pessoal docente e administrativo, com a máxima urgência, a obrigação de se dedicar para o professor

[illegible]

159 determinação dos eixos que deverão entrar em funcionamento, e
seus objetivos secundários.

24) criação dos professores de acordo com os currículos mínimos elaborados pela CFE, cujos materiais serão lidos, se cadaveral, os depoimentos em os trabalhos básicos de trabalho, servindo de modelo em parte de. Diversas disciplinas a serem intro-
duzidas, de acordo com o ^{regimento e estatuto} ~~regimento~~ e seus anexos;

25) articulação com os Institutos Centrais.

33) articulação com os Institutos Centrais

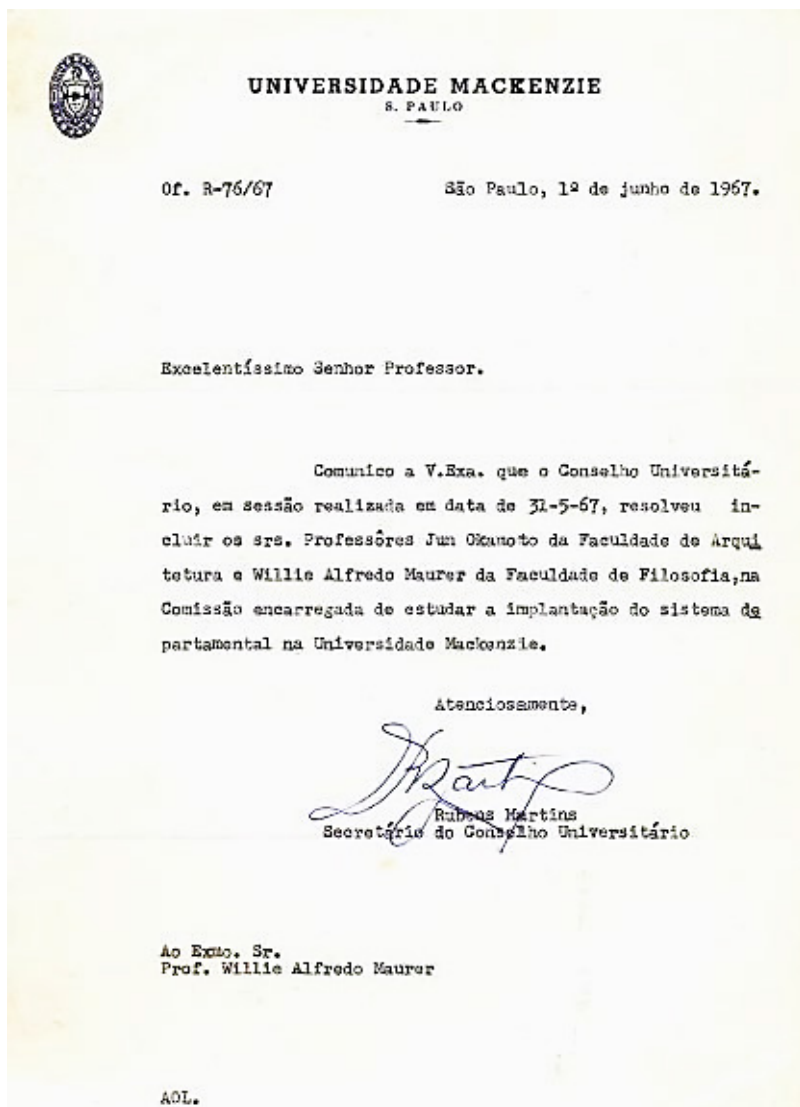


Figura 38
Ofício de designação do professor Maurer como membro da comissão para estudo da implantação do sistema departamental na Universidade Mackenzie – junho de 1967
Fonte: Acervo do autor.

Figura 39

Ato de designação do professor Maurer como coordenador da comissão especial de reestruturação da Universidade Mackenzie – julho de 1967
Fonte: Acervo do autor.

ATO nº 10/67

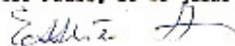
A Reitora da Universidade Mackenzie, no uso de suas atribuições, considerando:

- a) que a Comissão Especial Constituída nos 24 de janeiro do corrente ano para estudar a reestruturação da Universidade Mackenzie, de maneira a enquadrá-la dentro das normas traçadas pelo decreto-lei nº 53, de 18 de novembro de 1956, não pode dar andamento normal aos seus trabalhos, por motivos vários inclusive com reduzido número de elementos componentes;
- b) que essa reestruturação é inadiável, face, sobretudo, ao que estabelece o art. 10 do mencionado decreto-lei,

RESOLVE:

- Art. 1º - Passarão a fazer parte da Comissão Especial de reestruturação da Universidade Mackenzie, além de todos os diretores das várias unidades universitárias, os professores JUN OKAMOTO e WILLIE MAURER, respectivamente da Faculdade de Arquitetura e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Art. 2º - A Comissão será presidida pelo Reitor e terá como coordenador o professor WILLIE MAURER o qual, dado o especial regime de trabalho a que se submete, nesta Universidade, está em condições de dedicar todo o tempo necessário a esse novo encargo, sendo, ademais, notórias os resultados da atividade cognoscere que desenvolveu, na Universidade Federal de Goiânia.
- Art. 3º - O Coordenador designará o Secretário da Comissão e poderá se fazer assessorar dos elementos que julgar indispensáveis ao bom andamento dos trabalhos, submetendo-lhes previamente os nomes à apreciação desta Reitoria.
- Art. 4º - Este ATO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

São Paulo, 10 de julho de 1967.



Uether de Figueiredo Ferraz
REITOR

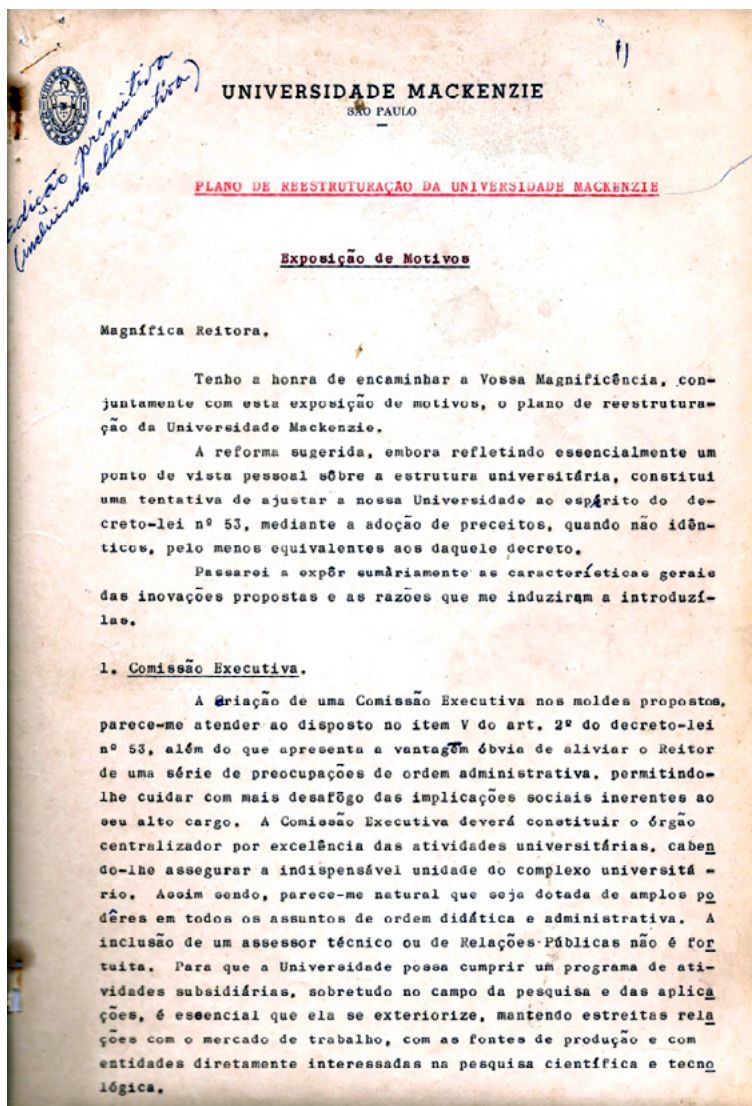


Figura 40
Plano de reestruturação da Universidade Mackenzie, elaborado sob a coordenação do professor Willie Maurer – novembro de 1967
Fonte: Acervo do autor.

Figura 41

Carta de encaminhamento do plano de reestruturação da Universidade Mackenzie – abril de 1968

Fonte: Acervo do autor.

SENHOR PROFESSOR.

Temos a honra de encaminhar a V.S. o plano de reestruturação da Universidade Mackenzie, aprovado pelo Egrégio Conselho Universitário em sua sessão de 26/3/68.

A organização departamental, parte integrante da presente reforma, implica em uma nova filosofia de ensino. O Departamento é um local de trabalho coletivo onde o professor promove, orienta e supervisiona a atividade do aluno. Se assim não fosse, nada justificaria a supressão da cátedra, imposta por lei. O elemento essencial da departamentização é o professor de dedicação exclusiva, sem o qual não se concebe trabalho em equipe, nem pesquisa organizada. É óbvio que uma renovação de tal ordem requer uma fase de adaptação cuja inobservância pode comprometer seriamente os objetivos colimados.

Assim sendo, restringir-se-à, de início, a organização departamental àquelas áreas que ofereçam condições materiais e humanas para adaptar-se a essa filosofia.

A fim de mortear os trabalhos da Comissão neste sentido, tomamos a liberdade de solicitar a sua valiosa colaboração, preenchendo o questionário anexo e encaminhando-o à Secretaria da Escola.

Pela Comissão.

W. Maurer

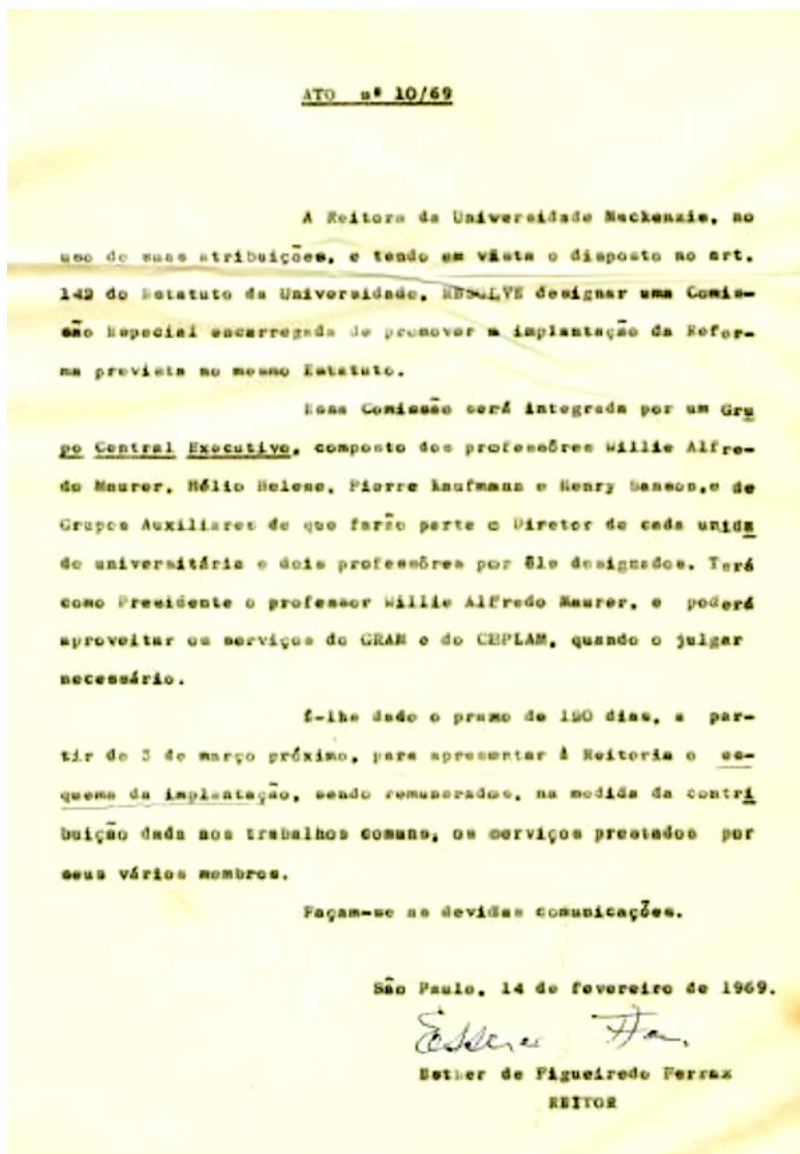
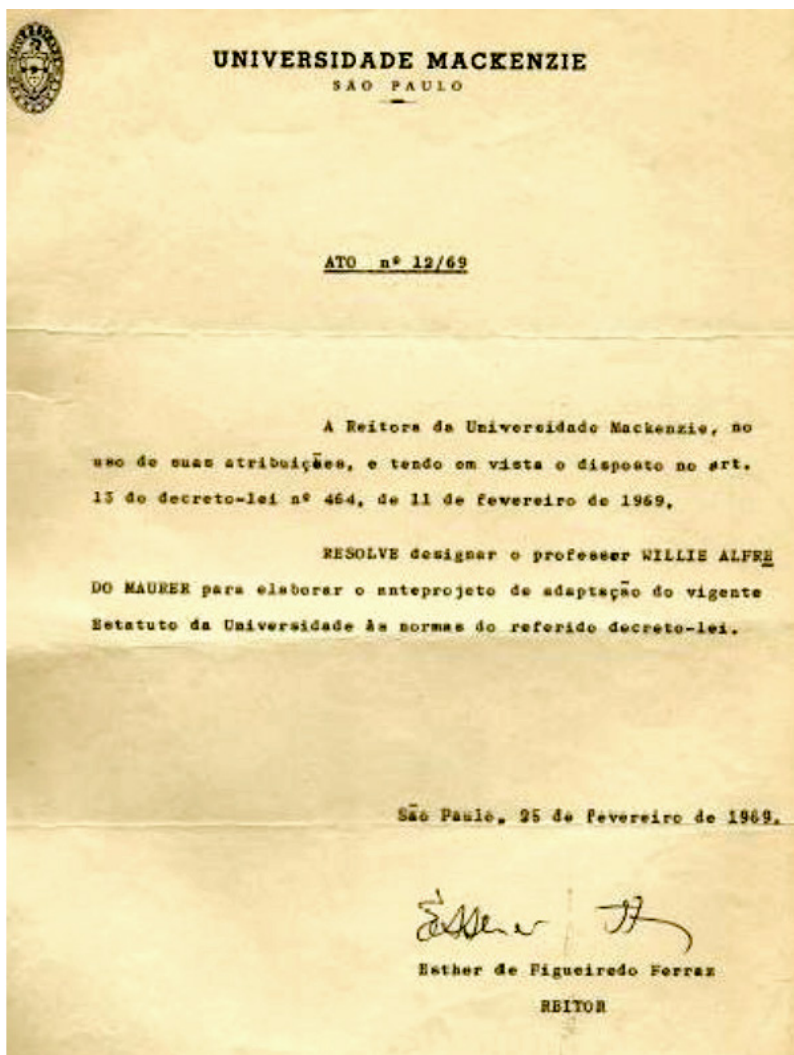


Figura 42
Ato de designação da Comissão de Implantação da Reforma Universitária da Universidade Mackenzie, sob a presidência do professor Maurer – fevereiro de 1969
Fonte: Acervo do autor.

Figura 43

Ato de designação do professor Maurer como responsável pela adaptação do Estatuto da Universidade Mackenzie – fevereiro de 1969

Fonte: Acervo do autor.



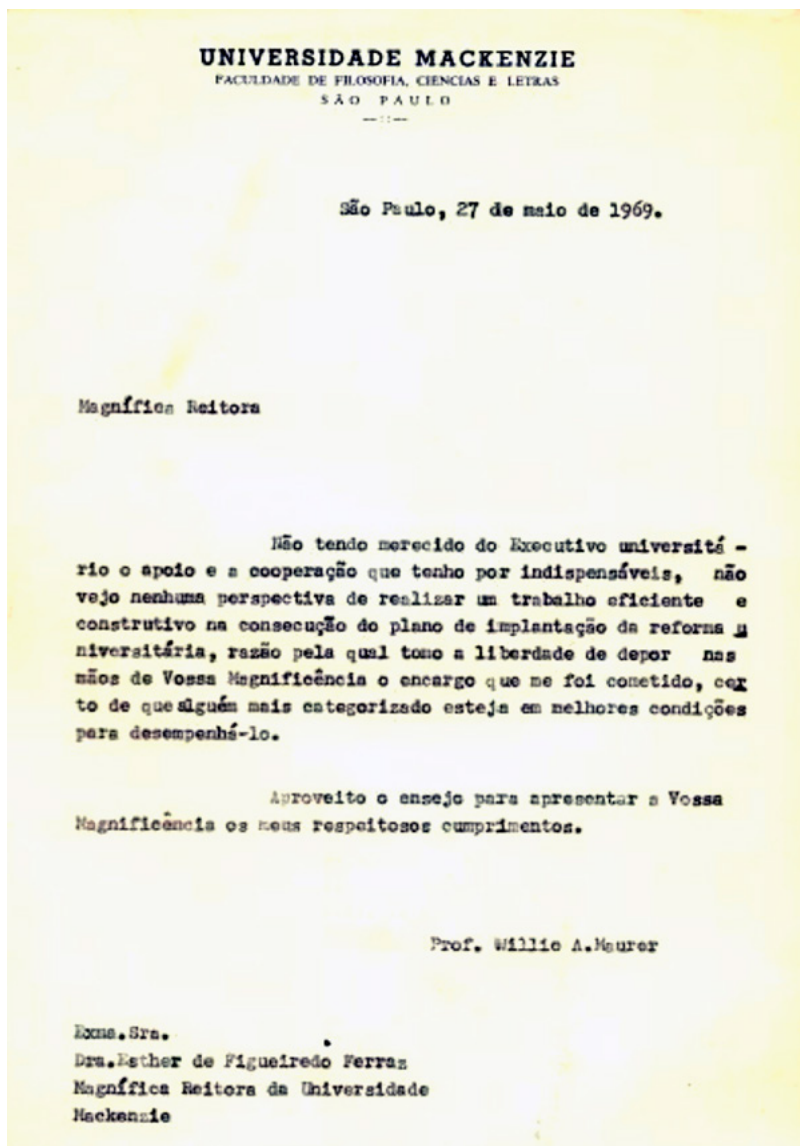


Figura 44
Primeira carta do professor Maurer de renúncia ao cargo de presidente da Comissão de Implantação da Reforma Universitária da Universidade Mackenzie – maio de 1969
Fonte: Acervo do autor.

Figura 45
Segunda carta
do professor
Maurer de
renúncia
ao cargo de
presidente da
Comissão de
Implantação
da Reforma
Universitária
da Universida-
de Mackenzie –
junho de 1969
Fonte: Acervo
do autor.

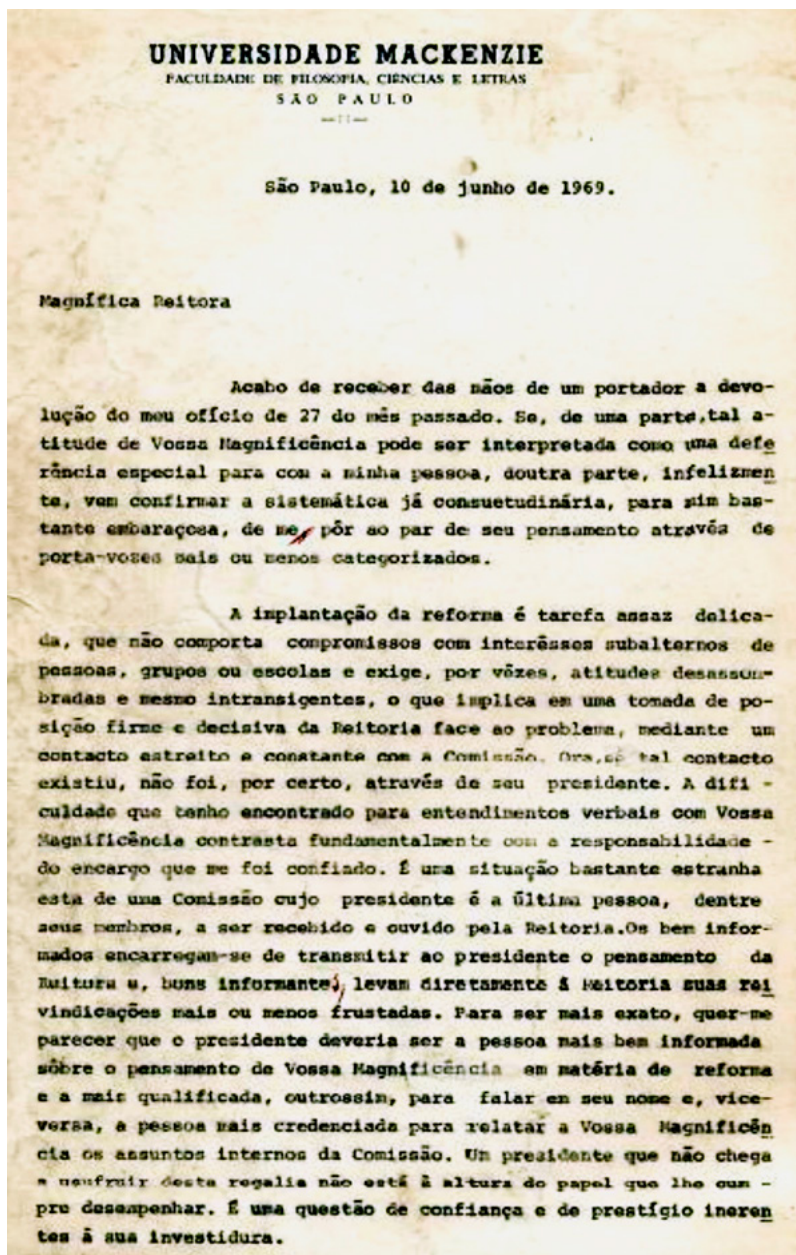




Figura 46
Placas em homenagem a Willie Maurer na UFG – década de 1970

Fonte: Instituto de Física da UFG.

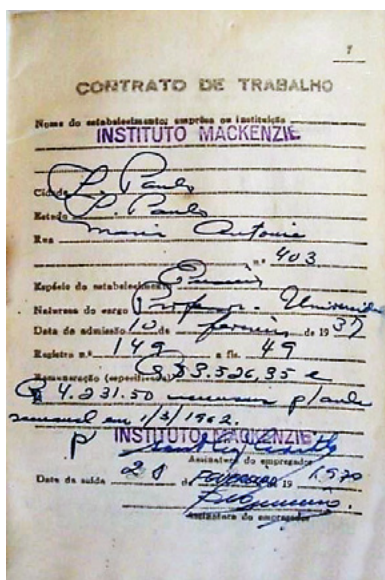


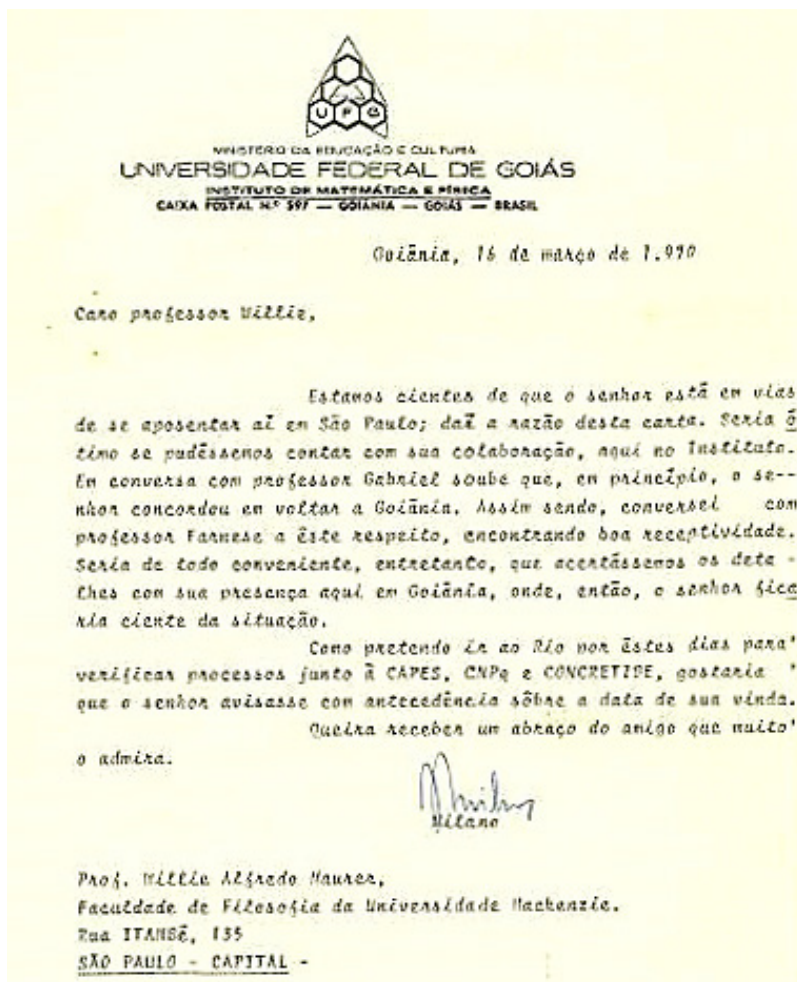
Figura 47
Carteira de trabalho e contrato de trabalho do professor Willie Maurer com o Instituto Mackenzie com seu desligamento - fevereiro de 1970

Fonte: Cópia do documento original, cedido por Guilherme e Lilian M. Lane, netos de Willie Maurer.

Figura 48

Convite do professor Juarez Milano ao professor Maurer para retornar ao IMF – março de 1970

Fonte: Acervo do autor.



CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento onde se trabalha: Universidade Federal de Goiás

Cidade: GOIÂNIA

Estado: GOIÁS

Rua: PRAÇA UNIVERSITÁRIA

Epíteto do estabelecimento: CAMPUS SUPERIOR

Natureza do cargo: PROFESSOR TITULAR

Data de admissão: 19 de 04 de 1970

Registro n.º: _____ e fls. _____

Remuneração (mensalidade): R\$ 9.988,89 (nove mil e novecentos e oitenta e oito reais e oitenta e nove centavos)

Universidade Federal de Goiás

Assinatura do contratante

Data de saída: 01 de junho de 1972

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Figura 49
Segundo contrato de trabalho do professor Maurer com a UFG – abril de 1970 a fevereiro de 1972
Fonte: Cópia do documento original, cedido por Guilherme e Lilian M. Lane, netos de Willie Maurer.


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
HISTÓRIA

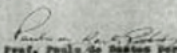
PORTARIA N.º 01517 /71.

O VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no exercício da Reitoria, usando de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que consta no Processo n.º 11200/71,

RESOLVE:

Dispensar, a pedido, WILLIE MAURER, Professor Titular, contratado, em razão do tempo integral e dedicação exclusiva (DIEC), à luz da Instrução de Intendência e Ffices da U.F.G., com efeito a partir de 1.º de janeiro de 1972.

Goiania, 19 01 1971


Prof. Paulo de Santos Perillo
Reitor no exercício da U.F.G.

Assinatura do autor

Figura 50
Portaria de rescisão contratual do professor Maurer com a UFG – dezembro de 1971
Fonte: Acervo do autor.

Figura 51

Certificado de participação do professor Maurer no Simpósio Nacional de Ensino de Física – janeiro de 1976

Fonte: Acervo do autor.

**Figura 52**

Contrato de trabalho do professor Maurer com a Universidade de Uberlândia – março de 1976 a fevereiro de 1978

Fonte: Cópia do documento original, cedido por Guilherme e Lilian M. Lane, netos de Willie Maurer.



Goiânia, 30 de julho de 1982.

Prezado Prof. Willie,

As providências necessárias para a contratação de V. Sa. já foram iniciadas, mas necessitamos também de xerox dos diplomas das cursos feitos por V. Sa. (principalmente de curso de graduação).

Se a vossa vinda for definitiva para Goiânia acontecer na próxima semana, poderia trazer em mãos os xerox dos diplomas, histórico escolar, etc, bem como os originais dos documentos pessoais. Isso vai ser semente para o início das aulas (dia 05/08) poderia nos enviar urgentemente pelo menos os xerox já mencionados.

Sem mais para o momento subscrevemo-nos

atenciosamente,


Luiz de Gonzaga Vieira
Diretor de MAF

Figura 53
Carta do professor Luiz de Gonzaga ao professor Maurer sobre andamento de contrato na PUC Goiás – julho de 1982
Fonte: Acervo do autor.

Figura 54
Cartaz do 2º
Seminário de
Matemática
Professor Willie
A. Maurer da
PUC Goiás –
junho de 1985
Fonte: Acervo
do autor.



Figura 55
Professor
Willie Maurer
e professora
Maria Angélica
– março de
1986
Fonte: Cópia
da fotografia
original, cedida
pelo professor
Clarimar José
Coelho.





Figura 56
Fotografias do Professor Willie Maurer reunido com colegas de trabalho e alunos do curso de Licenciatura em Matemática – PUC-Goiás – março de 1986

Fonte: Cópia da fotografia original, cedida pelo professor Clarimar José Coelho.



Figura 57

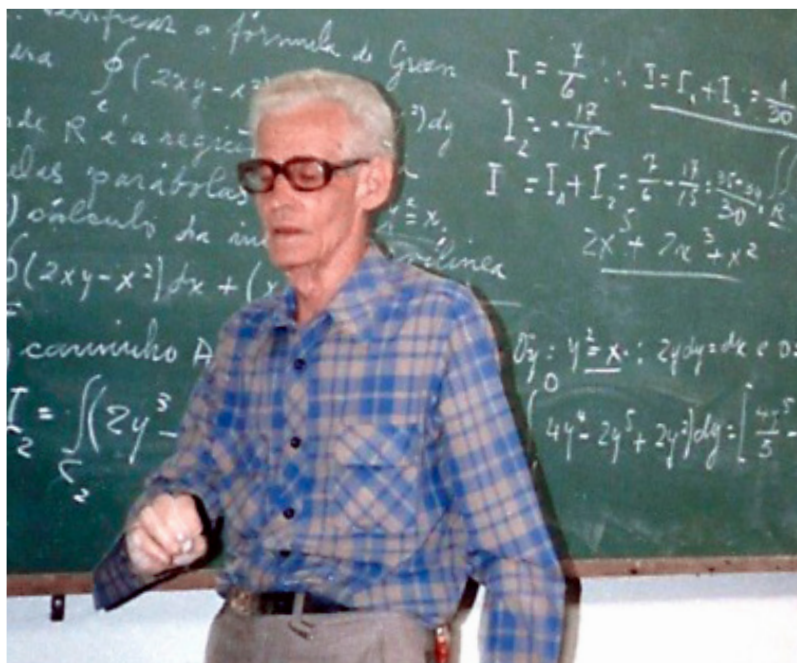
Aula da
Saúde da
turma de
formandos em
Licenciatura
em Matemática
da PUC Goiás –
julho de 1986

Fonte: Cópia
da fotografia
original, cedida
pela professora
Bercholina
H. Alves.


Figura 58

Professor Willie
Maurer em
sala de aula –
setembro de
1986

Fonte: Cópia
da fotografia
original, cedida
pelo professor
Clarimar José
Coelho.



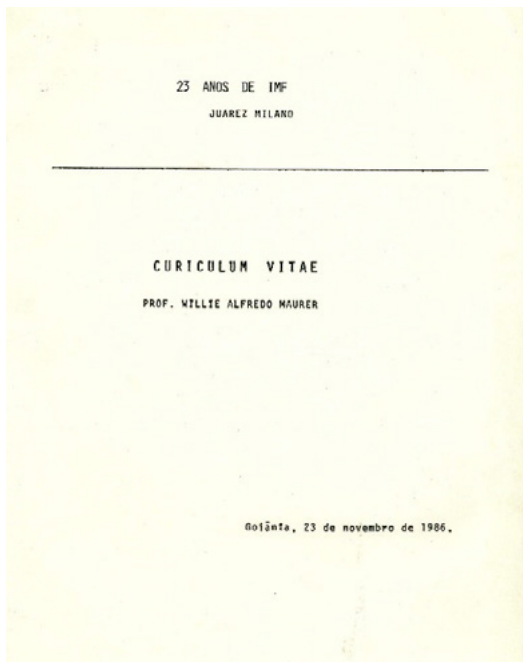


Figura 59
Discurso do professor Jua-
rez Milano em
comemoração
aos 23 anos do
IMF –
novembro de
1986
Fonte: Acervo
do autor.



Figura 60
Folder de
divulgação da
Semana do
IMF da UFG –
novembro de
1986
Fonte: Acervo
do autor.

Figura 61

Autógrafo
concedido
no seminário
"A História do
Sino Mudo" –
junho de 1991

Fonte: Cópia
do original
cedido pelo
professor
Maxwell
Gonçalves
Araújo.

Goiania, 13 e 15 de junho de 1991
Seminário Sino Mudo.
Palestrante: prof. Willie Alfredo Maurer.
em abraço amigo de
Willie

Figura 62

Título de
professor
emérito –
outubro de
1991

Fonte: Acervo
do autor.

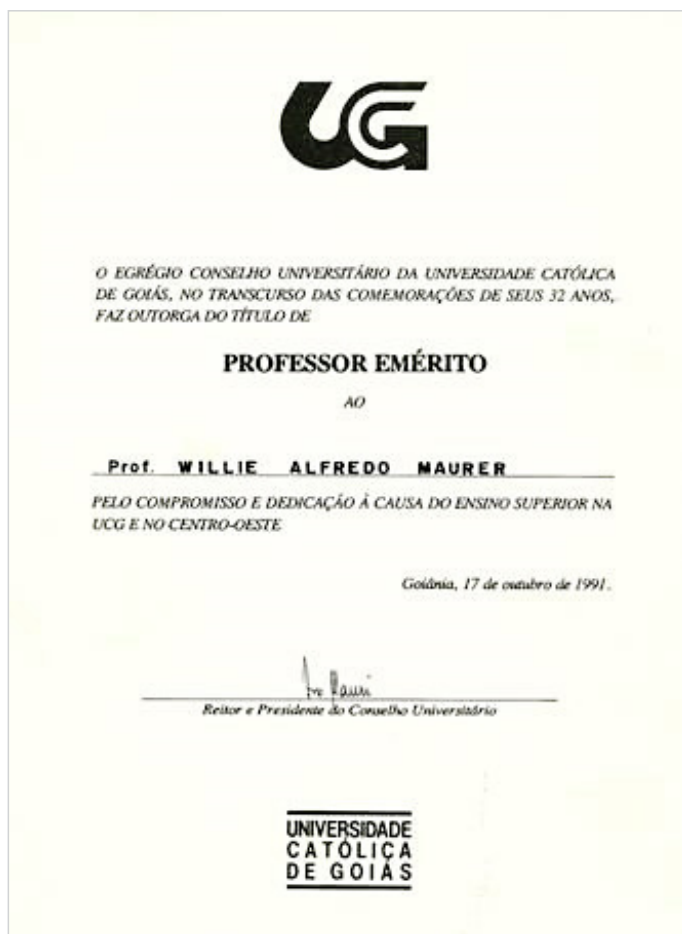


Figura 63
Informações
funcionais
do professor
Maurer na PUC
Goiás –
fevereiro de
2009

Fonte: Acervo
do autor.

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional
Departamento de Recursos Humanos
Seção de Administração de Recursos Humanos

Com as informações funcionais de:

WILLIE ALFREDO MAURER - RE: 2.548

Brasileiro naturalizado em 07/03/1950, nascido em 05/10/1907, viuvo, natural de Minnesota-EUA, filho de Henrique Maurer e Rosette Maurer, inscrito no CPF sob o nº 007948308-97, C.I. nº 148.740 DEIC/SP, PASEP nº 10101138153, portador da CTPS nº 468.814, série 034-SP. Reservista S.A categoria nº 422.141, carteira de saúde nº 256 de 10/09/1983.

O Professor Teve dois Contrato de Trabalho na UCG, conforme dados abaixo relacionados.

1º Contrato de Trabalho:

- Admissão : 23/08/1982
 - Cargo atual : Professor Adjunto
 - Lotação : MAF
 - Rescisão do contrato : 30/11/1982
- Admitido, com contrato de trabalho por prazo determinado de 23/08/1982 a 30/11/1982, como Professor Adjunto Visitante, conforme Port. 367/82-R e Proc. 234/1982-PES.

2º Contrato de Trabalho:

- Admissão : 01/03/1983
 - Cargo atual : Professor Adjunto
 - Lotação : MAF
 - Rescisão do Contrato : 02/12/1987
- Admitido, com contrato de trabalho por prazo indeterminado a partir de 01/03/1983, como Professor Adjunto, conforme Port. 77/83-R
 - Enquadrado, nos termos do Estatuto da Carreira Docente, Resolução nº 06/85-COU, a partir 01/09/1985 de Professor Adjunto para Professor Adjunto I, conforme Port. 509/1985-GR

SARH, 19/02/2009.

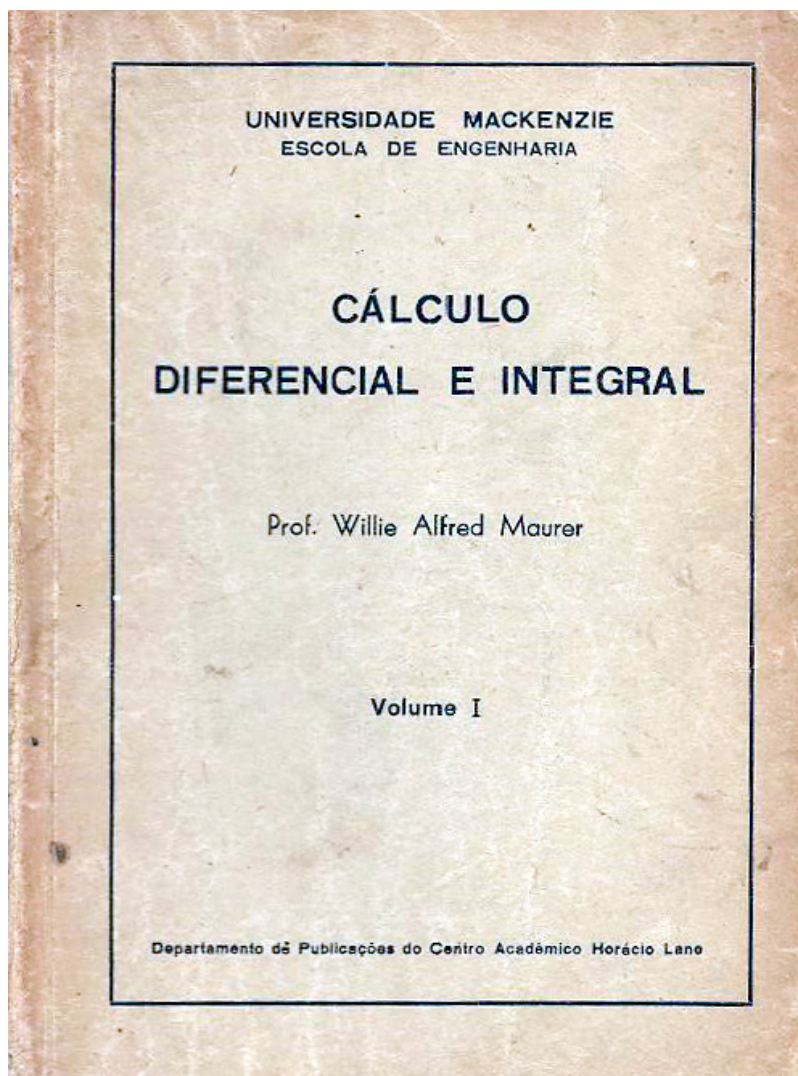
Simone Pereira Matos

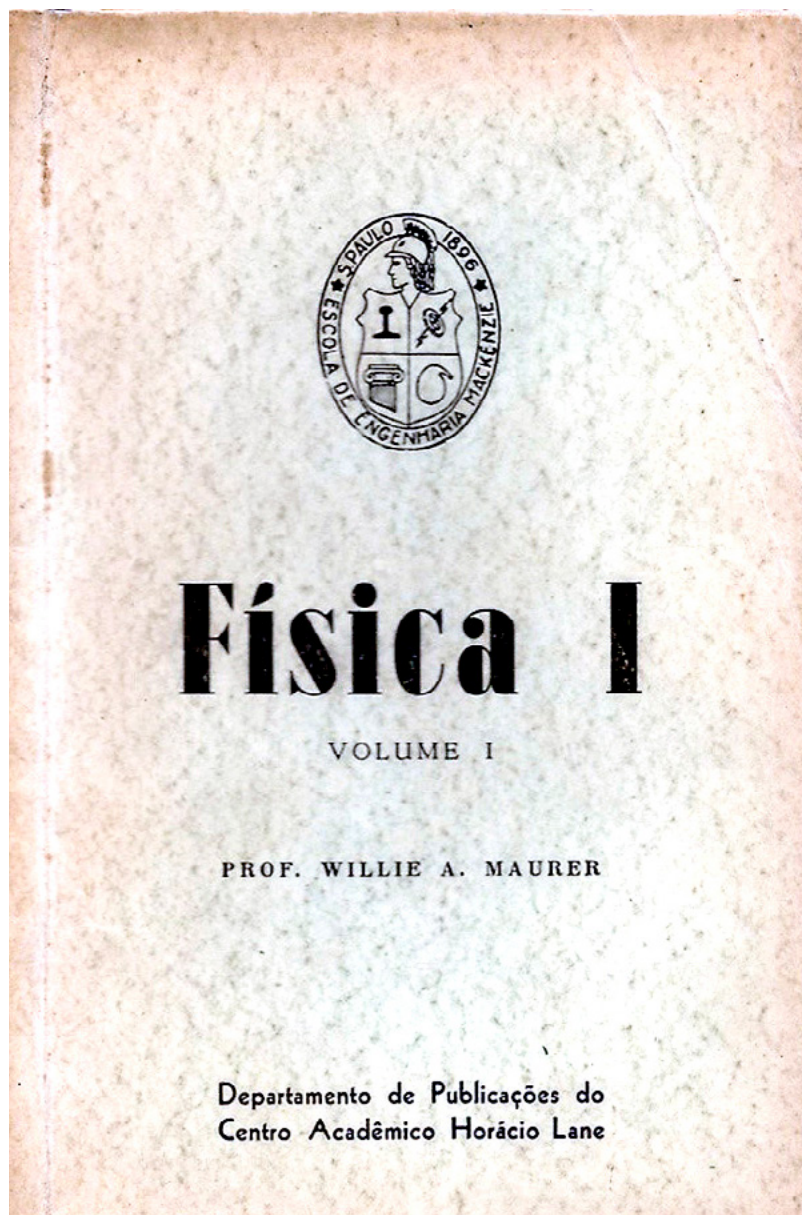
RE 3720
Página 1 de 1

Maurer e sua produção

Livros publicados

Figura 64
Capa da
apostila de
Cálculo
Diferencial e
Integral – 1952
Fonte: Acervo
do autor.

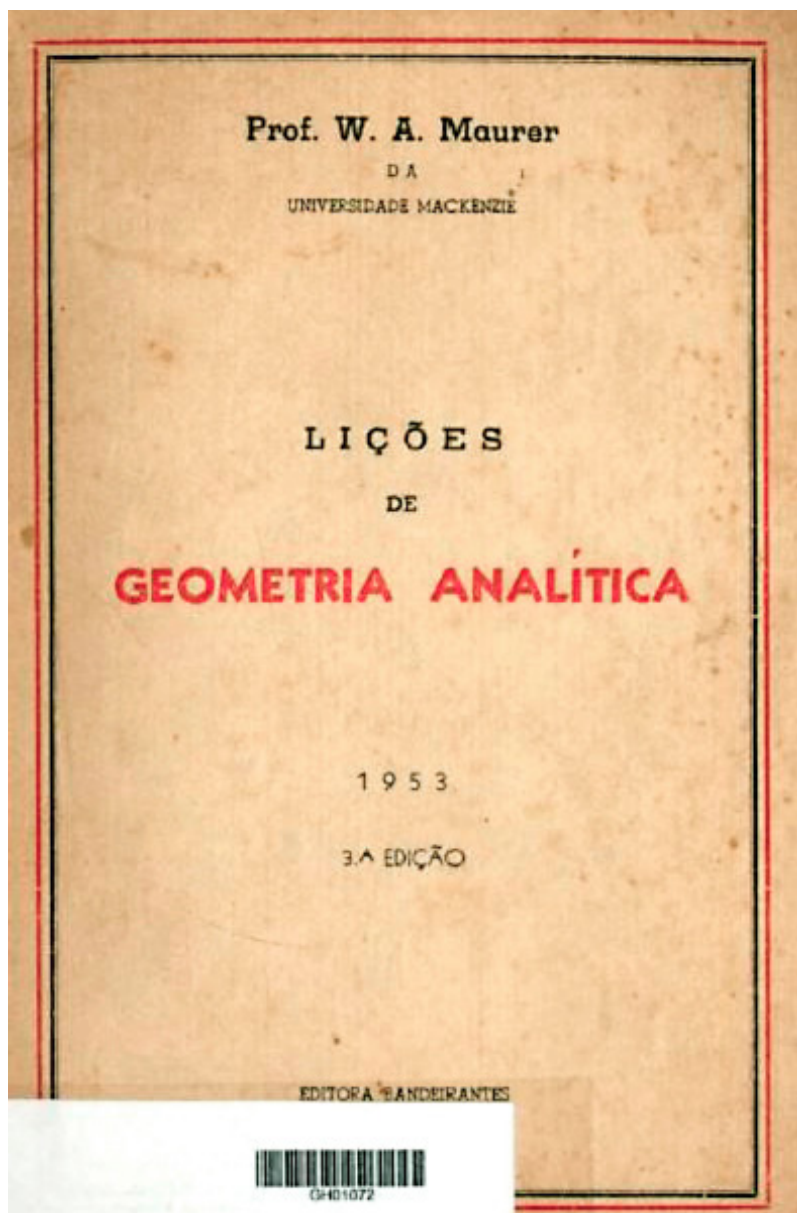


**Figura 65**

Capa da
apostila de
Física – 1952

Fonte: Acervo
do autor.

Figura 66
Capa do livro
de Geometria
Analítica –
1953
Fonte: Acervo
do autor.



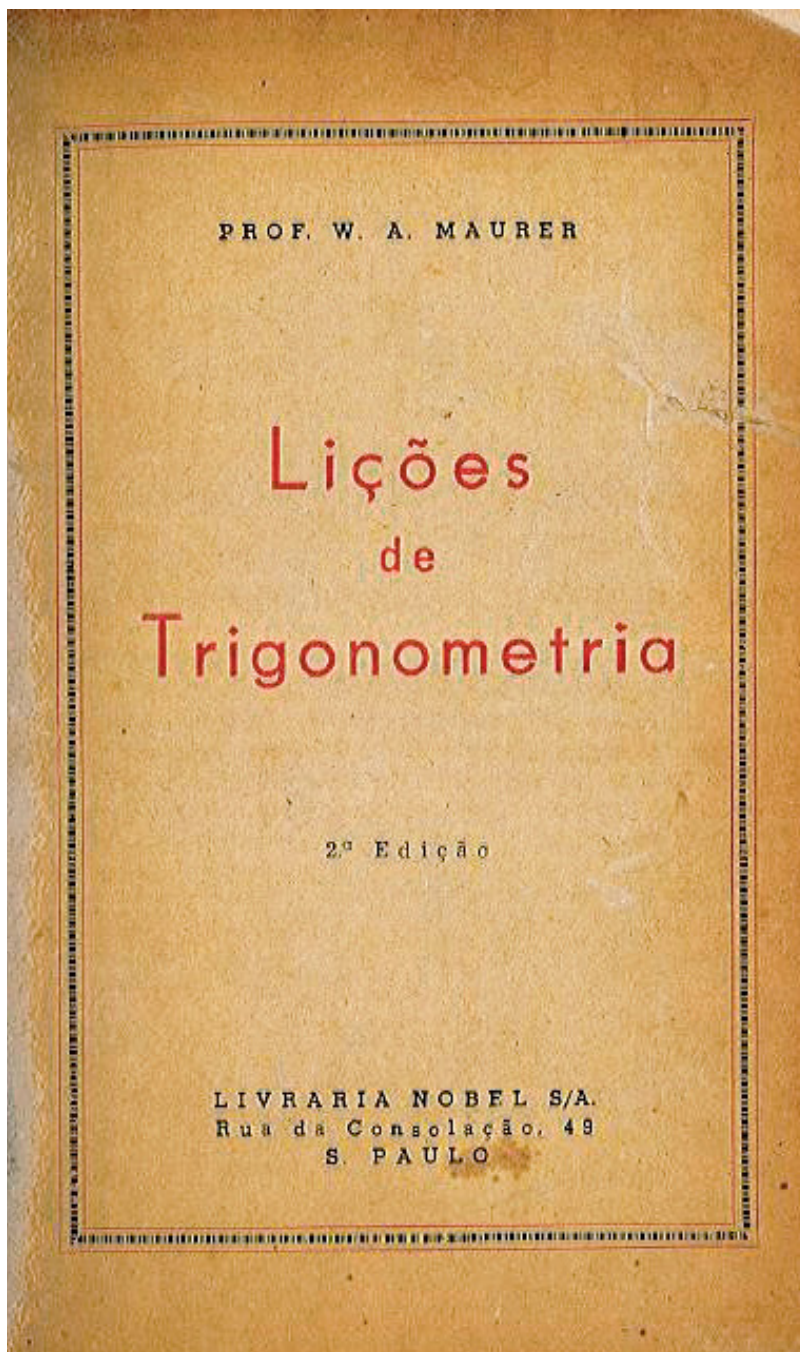


Figura 67
Capa do livro
de Lições de
Trigonometria
– 1953
Fonte: Acervo
do autor.

Figura 68
Capa do livro
Matemática
para o curso
ginasial – 1958
Fonte: Acervo
do autor.

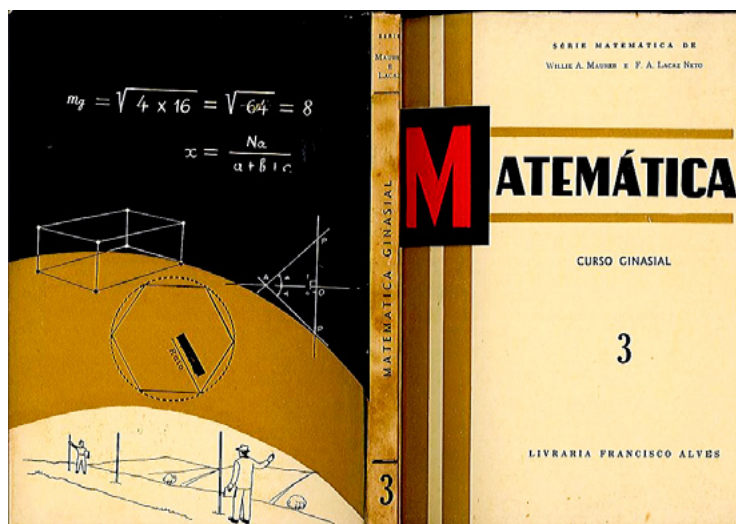


Figura 69
Capas dos
livros da
coleção
de Lições
de Cálculo
Infinitesimal
– volumes I,
II, III, IV e V –
1959/60
Fonte: Acervo
do autor.

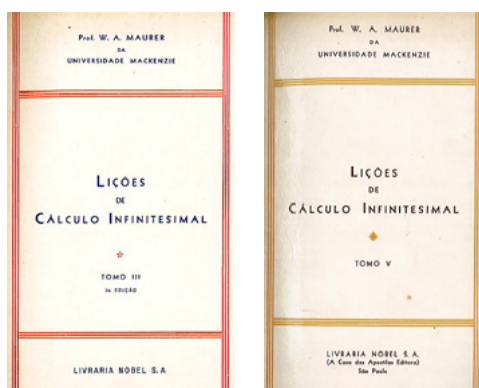
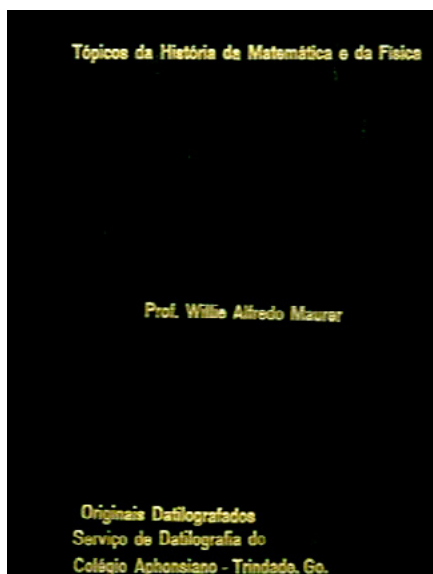
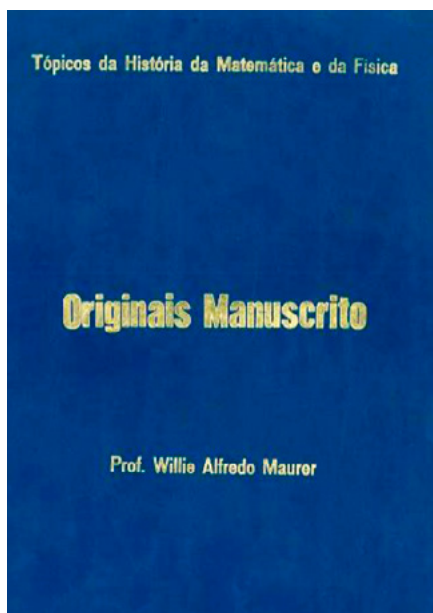




Figura 70
Capas dos
livros da
coleção de
Cálculo
Diferencial
e Integral –
volumes 1, 2,
3 e 4 – 1967
Fonte: Acervo
do autor.

*Livros não publicados***Figura 71**

Livro de
Tópicos
da História da
Matemática
e da Física
– originais
manuscritos e
datilografados
Fonte: Acervo
do autor.



Discursos

Exma Sra Inspectora Federal
Exmo. Smr. Director da Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras, Saldanha da Gama -
Presados. discípulos.

Cumpro-me em primeiro lugar, agradecer-vos o testemunho inequívoco de amizade e de confiança que acabais manifestar àquela dentro os vossos professores que acreditava ter razões sobejas para não esperar de vós uma tal distinção.

Não pretendo naturalmente dissuadir o acerto da vossa escolha. Não obstante, dadas as circunstâncias especiais em que se deu a minha indicação, só tenho motivos para me sentir deveras lisonjeado.

Na qualidade de professor da matéria mais espinhosa do curso - a sempre detestada matemática - forjador de espectros como o cálculo de radicais, o cálculo de π , o teorema de Pitágoras e outros instrumentos de tortura, era natural que eu, identificasse, com os monstros que manejava, compartilhasse de horror que estes vos inspiravam.

Vós, com prazer que me enganai. Vós soubestes discriminar entre a minha pessoa e os meus sortilégios matemáticos, o que para mim é realmente confortante.

Há, porém, outro fato não menos significativo para mim.

Pela primeira vez a formatura dos licenciados pelo nosso Ginásio se celebra em sessão pública e solene, como convém a um ato de tal relevância.

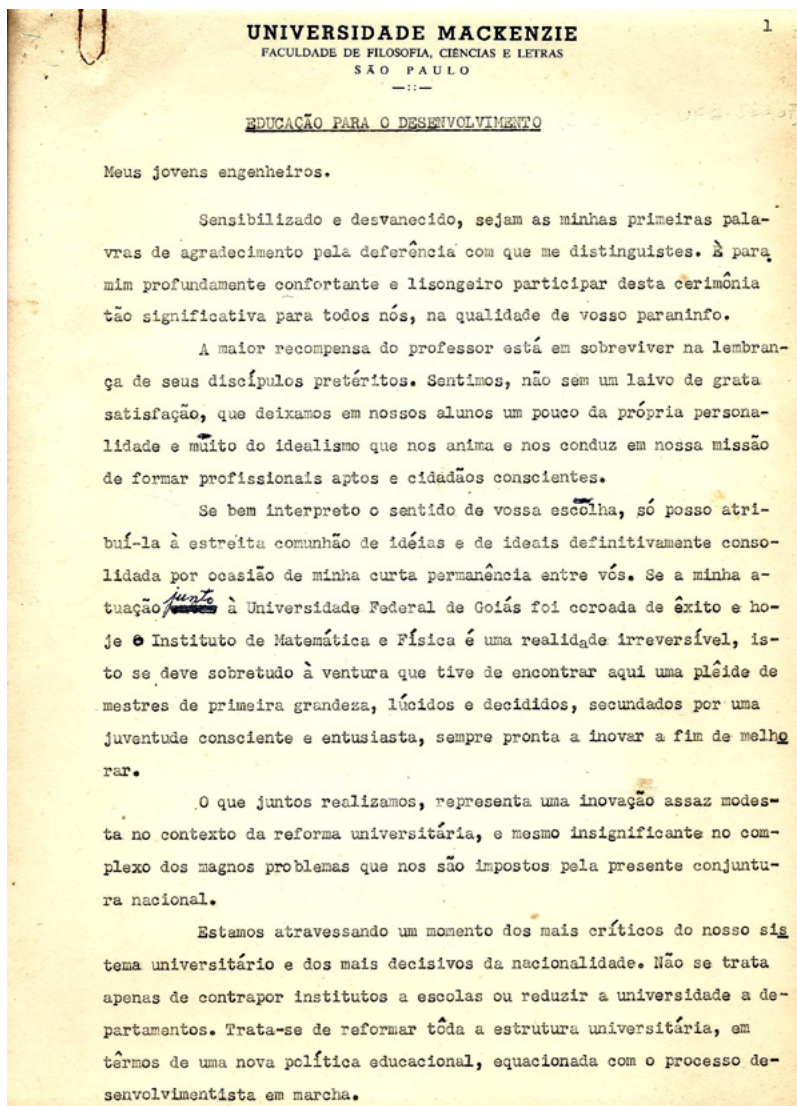
Graças à vossa gentileza, cabe a mim a honrosa missão de compartilhar convosco deste privilégio na qualidade, de vosso paraninfo.

Figura 72
Discurso do professor Maurer como paraninfo da primeira turma do Ginásio Saldanha da Gama - década de 1930
Fonte: Acervo do autor.

Figura 73

Discurso
Educação para
o desenvol-
vimento,
proferido
pelo professor
Maurer na
formatura de
uma turma de
Engenharia
da USP –
dezembro de
1967

Fonte: Acervo
do autor.



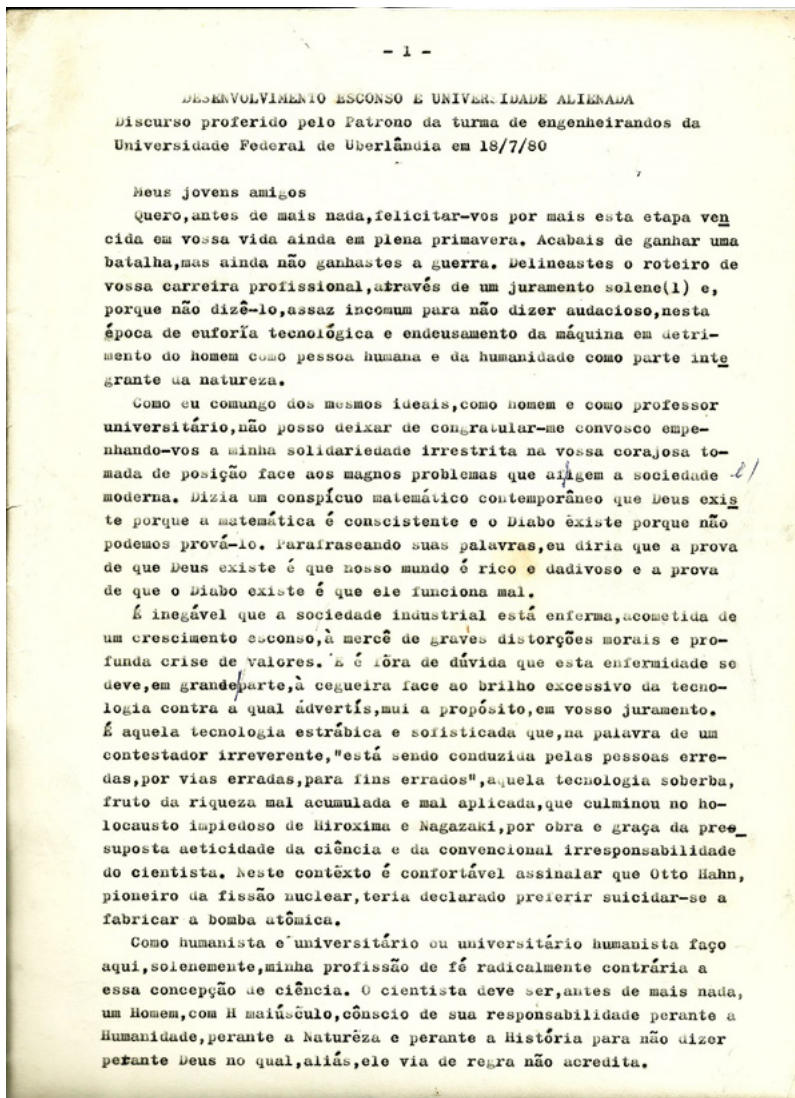


Figura 74
 Discurso
Desenvolvimento
esconso
e universidade
alienada,
 proferido pelo
 professor
 Maurer na
 formatura de
 uma turma de
 Engenharia da
 UFU – julho de
 1980
 Fonte: Acervo
 do autor.

Referências

ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social). *Fotos de Silvia Lane*. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Documentos/fotos.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

BARONI, Rosa Lucia S.; TEIXEIRA, Marcos V.; NOBRE, Sergio R. A investigação científica em história da Matemática e suas relações com o programa de pós-graduação em educação matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida V.; BORBA, Marcelo C. *Educação Matemática: pesquisa em movimento*. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929–1989)*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CABRIOLÉ. In: DICIONÁRIO online de português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/cabriole/>. Acesso em: 20 maio 2019. Não paginado.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

COLÉGIO Bandeirantes. *Folha da Manhã*, ano XIX, n. 6.108, p. 41, 6 fev. 1944. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CONCURSO para docência de Matemática na Escola “Luís de Queirós”, de Piracicaba. *Folha da Manhã*, ano XXXIV, n. 10.706, 19 mar. 1959. Assuntos Especializados, p. 6. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CONTINUA a greve no Mackenzie. *Folha de S. Paulo*, ano XXXV, n. 11.028, 3 abr. 1960. Primeiro caderno, p. 10. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CORRÊA, Gilvane Gonçalves. Ensino seriado: fundamentos históricos e filosóficos. *Histórias e Perspectivas*, Uberlândia, n. 42, p. 315–363, jan./jun. 2010.

CUNHA, Maria Tereza. Diários pessoais: territórios abertos para a história. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia R. de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul./dez. 2009.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

DOSSE, François. *A história*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

ENGENHARIA Mackenzie: mestres e alunos não chegam a uma solução. *Folha de S. Paulo*, ano XXXV, n. 11.033, 9 abr. 1960. Primeiro caderno, p. 5. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

GABRIEL Roriz: a saga de um homem que idealizou um instituto. *Afirmativa*, n. 3, p. 11–12, set. 2009.

GINÁSIO Saldanha da Gama. *Folha da Manhã*, ano XIX, n. 6.120, p. 14, 24 fev. 1944. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1991.

GOMES, Luiz Claudio Gonçalves. A história da educação através de imagens complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. *Revista Vértices*, ano 5, n. 2, maio/ago., 2003.

GRUPO de radiastronomia organizado no Mackenzie começa com estudo solar. *Folha de S. Paulo*, ano XXXVI, n. 11.189, 10 out. 1960. Primeiro caderno, p. 10. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

IMF (Instituto de Matemática e Física). *Ofício n. 155/64, de 31 de agosto de 1964*. Goiânia: UFG/IMF, 1964.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

LIMA, Solange Ferraz de Lima; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia R. de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MAURER, Willie Alfredo. *[Primeiro discurso, no Ginásio Saldanha da Gama]*. São Paulo, [193-?].

MAURER, Willie Alfredo. A universidade e o homem. *Folha de S. Paulo*, p. 22, 6 ago. 1967a. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

MAURER, Willie Alfredo. *Educação para o desenvolvimento*. Goiânia, 1967b. Discurso proferido em 22 de dezembro de 1967 na ocasião da formatura da turma de Engenharia da Universidade Federal de Goiás.

MAURER, Willie Alfredo. O fantasma da mediocridade eficiente. *Folha de S. Paulo*, p. 12, 12 out. 1973. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019

MAURER, Willie Alfredo. *Desenvolvimento esconso e universidade alienada*. Uberlândia, 1980. Discurso proferido em 18 de julho de 1980 na ocasião da formatura da turma de Engenharia da Universidade Federal de Uberlândia.

MAURER, Willie Alfredo. *Autobiografia*. [São Paulo], [199-]. Manuscrito não publicado.

MILANO, Juarez. *23 anos de IMF*. Goiânia, 1986. Discurso proferido na comemoração do aniversário de 23 anos do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás no dia 23 de novembro de 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

POSSIBILIDADE de greve nacional de apoio aos estudantes do Mackenzie. *Folha de S. Paulo*, ano XXXV, n. 11.020, 25 mar. 1960. Primeiro caderno, p. 14. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 21 ago. 2019.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

REIS, Heloisa *et al.* *Universidade Federal de Goiás: imagens e memórias (1960–1964)*. Goiânia: AAB, 2010.

REIS, José C. *A história entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, Geraldo; BIAZOLI-ALVIS, Zélia (org.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

ROSA, Maria Virgínia F. P. C.; ARNOLDI, Marlene Aparecida G.C. *A entrevista qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SEM SOLUÇÃO ainda a greve no Mackenzie: o CTA apresentou contraproposta aos alunos. *Folha de S. Paulo*, ano XXXV, n. 11.025, 31 mar. 1960. Primeiro caderno, p. 8.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425–438, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2012.

UFG (Universidade Federal de Goiás). *Regimento interno do Instituto de Matemática e Física*. Goiânia, 1965. Aprovado pelo Conselho Universitário da UFG no dia 25 de novembro de 1963.

Entrevistas

MILANO, Juarez. *Juarez Milano: entrevista*. Entrevistador: Glen César Lemos. Goiânia, 2011.

BORGES, Venício Veloso. *Venício Veloso Borges: entrevista*. Entrevistador: Glen César Lemos. Goiânia, 2011.

VIEIRA, Luiz de Gonzaga. *Luiz de Gonzaga Vieira: entrevista*. Entrevistador: Glen César Lemos. Goiânia, 2011.

PIMENTA, Adelino Cândido. *Adelino Cândido Pimenta*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2011.

LOMBARDI, Maria Angélica Ferreira. *Maria Angélica Ferreira Lombardi*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2011.

SILVEIRA, Augusto Fleury Veloso da. *Augusto Fleury Veloso da Silveira*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2011.

COSTA, Armando Paulino da. Armando Paulino da Costa: entrevista. In: COSTA, Armando P. da; LOPES, Valdemar P. *Armando Paulino da Costa e Valdemar Pereira Lopes*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2011.

LOPES, Valdemar Pereira. Valdemar Pereira Lopes: entrevista. In: COSTA, Armando P. da; LOPES, Valdemar P. *Armando Paulino da Costa e Valdemar Pereira Lopes*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2011.

KAUFMANN, Pierre. *Pierre Kaufmann*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2012.

LANE, Fred. *Fred Lane*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2012a.

LANE, Guilherme Maurer. Guilherme Maurer Lane: entrevista. In: LANE, Guilherme M.; LANE, Lilian M. *Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2012b.

LANE, Lilian Maurer. Lilian Maurer Lane: entrevista. In: LANE, Guilherme M.; LANE, Lilian M. *Guilherme Maurer Lane e Lilian Maurer Lane*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2012c.

ALVES, Bercholina Honorato. *Bercholina Honorato Alves*: entrevista. Entrevistador: Glen Cézar Lemos. Goiânia, 2013.

Créditos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete da Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho Editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Projeto Gráfico, Ilustração e Capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Renata Rosa Franco

Preparação de originais

Olliver Robson Mariano Rosa

Revisão

Tássia Galvão

Olliver Robson Mariano Rosa

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Kepler Benchimol Ferreira

Conselho Científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lídia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

Formato 160 x 230mm

Tipografia Myriad Pro Bold 12/18 (títulos)

Chaparral Pro 12/18 (texto)

Tiragem 250 exemplares



GLEN CEZAR LEMOS é doutor em Educação Matemática pela UNESP de Rio Claro - SP (2013), mestre em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (1999) e licenciado em Matemática pela Universidade Católica de Goiás (1988). É professor do Instituto Federal, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Tem experiência na área de Ensino de Matemática, atuando principalmente nos níveis médio e superior. Áreas de interesse: Ensino de Matemática, História da Matemática e Educação Matemática, Formação de Professores, Álgebra, Criptografia e Teoria de Códigos.



A história do professor Willie Maurer, sob muitos aspectos, foi parecida com a nossa: uma história de luta em busca da democratização do ensino e da pesquisa em Matemática de Goiás. Vejo como se fosse um espelho da própria vida do professor Glen, que tem sido dedicada ao ensino e à pesquisa nessa área, conforme sua possibilidade de ação, com uma atuação política de forte impacto social na direção de uma Educação Matemática eficiente, um fato relevante para o desenvolvimento científico de nosso estado e de nosso país. A história revela que Willie Maurer foi escritor cuidadoso, de didática apurada nas explicações teóricas nos diversos livros de Cálculo e de outras temáticas elaborados por ele, os quais foram adotados nas mais influentes escolas e universidades brasileiras. A história do professor Willie Maurer, assim como a nossa, é, de fato, a história de um herói resistente na construção de uma Educação Matemática compromissada com a democracia, que planta e replanta sementes no coração de gerações de estudantes.

Duelci Vaz

COORDENA O NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (NEPEM/IFG)



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás



editora ifg



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias